

Smed
{CONHECER}

PRÁTICAS DE FOMENTO À LEITURA



Revista eletrônica nº 4
Dezembro 2014

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO



PREFEITURA
PORTO
ALEGRE

EDITORIAL

Ao longo da história da SMED, tem-se feito, por princípio e tradição, um grande investimento em políticas públicas de incentivo à leitura, na formação de leitores e mediadores, além da qualificação das bibliotecas escolares, mediante assessoria técnica, formação continuada e atualização dos acervos.

A leitura é uma prática social e, como tal, fundamental para o pleno desenvolvimento do ser humano, sendo, por isso, essencial à Educação. É por meio da leitura que nos apropriamos das informações e construímos aprendizagens, enriquecendo o vocabulário, acessando novos conhecimentos, ampliando o raciocínio, assim como a capacidade de interpretação e de produção textual.

Mas, acima de tudo, Ler é descobrir-se e descobrir novos mundos, “curtindo” a viagem. Como nos lembra Ziraldo: Ler é uma aventura a que devemos motivar nossas crianças.

Os textos publicados nesta edição especial da Revista {CONHECER}, Práticas de Fomento à Leitura, pretendem divulgar as boas práticas desenvolvidas nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre, nos diferentes níveis e modalidades de Ensino, envolvendo diferentes atores do fazer educacional.

Aventure-se, também. Boa leitura!

Cleci Maria Jurach
Secretária de Educação

SUMÁRIO

Clube de Leitura Erico Veríssimo: uma experiência de leitura, afeto e pertencimento	5
Dirlene Maria Bueno Marimon	
Malateca da Lomba	12
Andréa B. S. Rossi	
Educação Inclusiva – Uma Prática do Cotidiano Em que a realização de um projeto diferenciado pode alterar as práticas de sala de aula?	16
Celanira de Cassia Marques Barboza Ceres Gomes Duarte Cíntia Albertoni Daisy Beatriz Erig Inês Cristina de Barros Marilena Assis Norma Vanina Cortina Silva	
Projeto Leitura em Família	21
Cláudia Amaral dos Santos e Zenaide Martins da Silva	
Estimulando o potencial de futuros leitores e escritores	29
Cintia Apellaniz Dubois Monteiro	
Bibliotequinha: estimulando o prazer pela leitura	37
Liliana Fraga dos Santos Madril	
Sarau Café com Letras	42
Anelise Tolotti Dias Nardino Neiva Alves de Siqueira Rodolfo de Matos Rocho	
Driblando as pedras do caminho	46
Luciane Winter Rosângela de Souza Rossana Samarani Verran Cacildo Bavaresco Jorge Luís Silveira de Ávila Iafa Grinschpun Carine de Oliveira Frank	
Estratégias para formação de leitores na Educação Infantil	53
Márcia Telles	
Hora do Conto – Um Encontro com a Literatura	58
Carla Teresinha Andrade Melechi	
Ler e Aprender – Um projeto do Laboratório de Aprendizagem da EMEF Saint’Hilaire	63
Carla Schrage Zair Maciel	
Livro Andarilho	68
Neiva Alves de Siqueira Rodolfo de Matos Rocho	
Que tem na Sopa do Neném?	71
Caroline Fraga Feijó	
O adolescente não-leitor: um desafio para a biblioteca escolar	77
Rochele Marcello da Silva Schott	

Feira do Livro na Monte Cristo, até os vilões nos amam..... Ana Paula Schneider Christine Farias Virgínia Funchal Dirlene Marimon	82
Alfabetizando com Felpo Filva: uma história para além dos muros da escola..... Ana Cristina Motta da Silva	88
Professores também leem e contam histórias Ana Paula Araújo Ilza Tavares	95
Leitura nas Ciências Naturais Elane Núbia da Silveira	98
Programa de Leitura Adote um Escritor..... Giane Zacher	101
Brincando com Dilan Camargo..... Sílvia Nilcéia Gonçalves	105
Como o ensino de Geografia pode contribuir para o aprimoramento da leitura? Rúbia Aparecida Cidade Borges	112
Homens e bichos: uma discussão inteligente Ângela Montanha Aranguez	117
O desafio da leitura na escola: saber ler para aprender e gostar Vivian Ferreira Bicca da Silva	123
Baú de Histórias: Era uma vez... Incentivo à Leitura nas Escolas Infantis Conveniadas Anelise Tolotti Dias Nardino Ângela Maria Peñaloza Maria Cláudia Bombassaro Marta Beatriz da Rosa Neiva Alves de Siqueira Renata de Souza Borges	128

Clube de Leitura Erico Veríssimo: uma experiência de leitura, afeto e pertencimento

Dirlene Maria Bueno Marimon

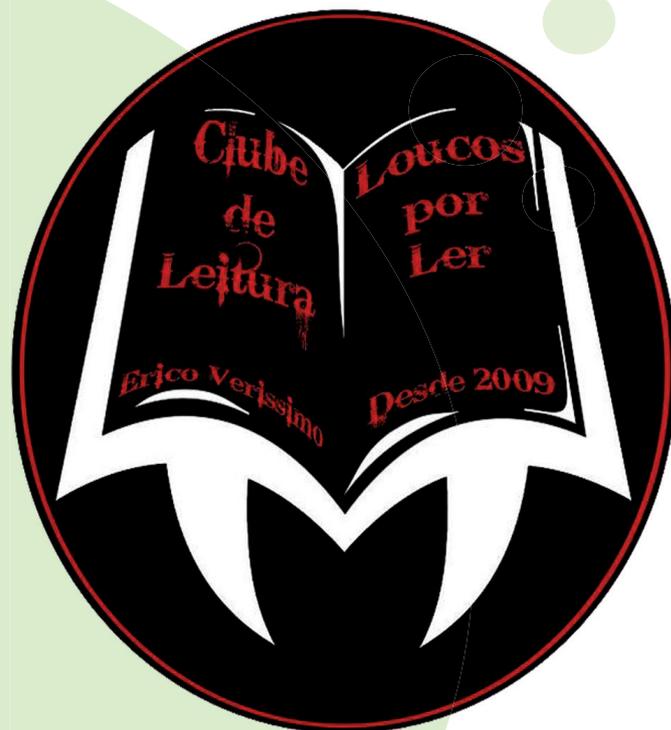
Licenciada em Educação Física
Especialista em Educação Física Escolar
Professora da EMEF Vila Monte Cristo

Penso que a capacidade de ler nasce com a gente: ler sinais, posturas, ler o mundo que nos cerca em todas as formas possíveis. Entretanto, sem um ambiente estimulante ou grupo social que valorize, a necessidade de “ser leitor”, sob uma ótica da leitura formal, perde seu significado e a pessoa se afasta deste universo, sem perceber. A escola é a instituição, por excelência, que tem a obrigação de reaproximar e ressignificar esta relação com a leitura formal já que, na atual conjuntura social, grande parte das famílias tem pouca participação neste desenvolvimento.

Tenho boas lembranças de meus “primeiros passos” neste universo. Já era “leitora” ainda antes de ser alfabetizada. Olhava aqueles símbolos com a expectativa de que logo eu saberia seu significado. Na escola, fui influenciada por minha professora de Português e Redação na sétima e oitava série, que tinha ideias “alternativas” e com seus métodos desenvolvia nos seus alunos o gosto pela leitura e escrita (ouvíamos até Pink Floyd para nos inspirarmos).

Assim, foi natural me aproximar da biblioteca: “um lugar que me faz feliz”. E isto me leva ao projeto que venho coordenando e que pede uma breve contextualização.

Trabalho com adolescentes na escola, por opção, e tenho um relacionamento muito bom e afetuoso com eles. Vendo colagens de cenas do filme do livro Crepúsculo na capa do meu caderno, alunos comentaram que tinham visto o filme, mas queriam ler o livro, ou que tinham lido o primeiro, mas que estavam sem condições de adquirir o segundo e assim por diante. Eu estava presenciando adolescentes expressando que queriam ler, que tipo de professora eu seria se deixasse isto passar em branco?!





Não tendo exemplares suficientes dos livros para emprestar a todos que demonstravam interesse, pensei em como fazer para que pudessem lê-los. Afinal, o mais difícil já estava feito: despertar neles a vontade. Surgiu, então, a ideia de um Clube de Leitura. Que tal lermos juntos? Eu nunca havia participado de um e não sabia como funcionava, então perguntei e pesquisei para entender que há muitas formas diferentes de se organizar um Clube, inclusive um com a nossa cara.

Feito o levantamento de interessados e do melhor horário; com o ok da direção da escola, busquei empréstimos e doações de exemplares, acertei local de realização, etc. Nossa “casa” é a biblioteca da escola, que comprou exemplares para colaborar também – a Saga Crepúsculo é composta de quatro volumes. Desde então, cada dois alunos dividem um livro durante a leitura.

Combinamos de ficar após as aulas nos dias em que saíam mais cedo devido à reunião de professores. Portanto, seria um encontro de duas horas por semana. Este primeiro grupo quis mais e, muitas vezes, ficávamos após as aulas nos dias de saída em horário normal. Muitos dos alunos, inicialmente interessados, não puderam comparecer por questões familiares e isto gerou

uma grande frustração neles. Acertamos, então, que os volumes adquiridos pela biblioteca e mais alguns do Clube, ao término da leitura, entrariam no acervo de empréstimos da mesma e eles poderiam retirar para ler, sendo sócios. Claro que foi um forte incentivo para se associarem à Biblioteca.

Em agosto de 2009, teve início esta “aventura”: o Clube de Leitura Erico Veríssimo.

O primeiro grupo começou com meninas, mas logo alguns meninos também entraram para o Clube, um trazido pela namorada e outros por curiosidade (muitas meninas no mesmo lugar era algo atraente para eles). Também havia uma funcionária da escola e uma menina da comunidade.

Lemos três livros da Saga, assistimos, na escola, o filme Crepúsculo e fomos ao cinema assistir Lua Nova. Na saída do cinema, um dos meninos comentou sobre como o filme era “fraco” em relação ao livro, com ares de indignação. Fiquei satisfeítíssima, já que mostrava uma nova compreensão de que a literatura é muito mais rica do que eles poderiam imaginar e o Clube estava influenciando nesta posição deles.

Em outros encontros, falamos sobre a importância e características das diferentes mídias, de como nada supera nossa imaginação, como os personagens em nossas cabeças são diferentes dos apresentados, etc., e vê-los defenderem ferrenhamente os livros foi maravilhoso.



Realmente, duvidávamos que o Clube sobreviveria a mais um ano, pois imaginávamos que os alunos não “comprariam a ideia” de ler após as aulas e que era algo daquele grupo específico de alunos. Por isso, no encerramento, chorávamos abraçados, antecipando a saudade. A emoção era tanta que naquele dia tive certeza de que só não teríamos mais Clube de Leitura na escola se os alunos não quisessem, porque eu faria tudo o que estivesse ao meu alcance para manter a atividade em funcionamento.

Como muitos destes alunos eram formandos, estavam preocupados por não poderem mais participar. Ali estabelecemos um critério que se mantém: depois de ser sócio, não deixaria mais de ser. Portanto, todos os anos temos ex-alunos da escola ainda participando do Clube e aqueles que não podem, devido a outros compromissos, sempre que possível, vão visitar o Clube e ficam lendo conosco no tempo de duração do encontro ou participam das atividades, expressando seu carinho e saudade.

No ano seguinte, com muitas expectativas lancei a ideia novamente. Divulgava basicamente para os meus alunos, pois acreditava que ao envolvê-los, já teria público mais que suficiente para o projeto. Trabalhava com os dois últimos

anos do Ensino Fundamental. Entretanto, um aluno pediu para sua irmã, que era um pouco mais nova, entrar ou uma colega de outro ano que ficara sabendo e estava interessada e assim precisei estabelecer o pré-requisito, até pelo tipo de obra que estávamos lendo, que não havia previsto até então: para entrar no Clube o aluno deveria estar no 6º ano ou mais. Novamente lemos a Saga Crepúsculo a pedido deles, fomos ao cinema assistir Eclipse e começamos a ir à Feira do Livro de Porto Alegre usufruir daquele clima literário único. Desde então, eles juntam dinheiro, o ano todo, para comprar livros na ocasião e muitos passaram a pedir livros de aniversário para seus familiares.

Falávamos sobre os livros, os filmes e também sobre a Internet. A ideia é a de nunca disputar espaço com ela, mas sim de utilizá-la como um recurso a mais, já que o mundo virtual tem cada vez mais espaço na vida deles. Apresentei alguns sites e blogs que falavam dos livros que estávamos lendo, debatemos sobre a importância deste recurso como espaço democrático para escritores divulgarem seu trabalho, ao ponto de perguntarem qual o caminho a ser percorrido para poder publicar uma obra.

Ao se aproximar o final das atividades, juntamente com o término do ano letivo, trouxe uma série de sugestões de títulos para escolhermos as obras para o ano seguinte. O fato de todos gostarem de vampiros e de a história começar no Rio Grande do Sul fez com que escolhessem ler “Os Sete” do autor brasileiro André Vianco.

E então, precisei pensar de onde tiraria livros para todos, já que o número de alunos no Clube vinha aumentando e agora seria outra obra.

Fizemos então nossa tradicional festinha de encerramento sabendo que o Clube estaria lá para nós no ano seguinte, portanto o choro era de saudade.

Em março de 2011, descobrimos que André Vianco viria a Porto Alegre para divulgar seu novo livro e eles adoraram a ideia de conhecê-lo. Entrei em contato com o autor através do blog e com

muito carinho ele nos recebeu na livraria onde veio encontrar com o público. Conversou, respondeu perguntas, autografou, tirou fotos e, mais adiante, enviou dois exemplares autografados da obra “Bento”, escolhida para ser lida no segundo semestre. Por iniciativa dos alunos, tornou-se muito comum eles adquirirem a obra depois de lida. Então, o que não entrava no acervo da biblioteca, acabava nas mãos dos “sócios” por um preço simbólico, mas que acabava por ajudar na compra dos próximos volumes.

Participamos de um concurso de fotografias promovido por um site especializado na Saga (eles não haviam esquecido Edward e Bella) e a nossa foi escolhida entre mil e duzentas para representar a região Sul, no total de cinco escolhidas no país. Isto bastou para os alunos do Clube “se acharem” como eles mesmos diziam. E este sentimento, agregado ao fato de que o Clube estava cada vez mais conhecido na Escola, gerou uma sensação de grupo, de “pertencimento” muito forte. E, de repente, carregar livros com os cadernos ou ser visto lendo no recreio, foi sendo visto cada vez mais como algo “cool”.

No cinema assistimos Amanhecer, parte 1, com a participação de ex-integrantes do Clube e conhecemos Rosana Rios que bateu um papo com eles durante nossa visita à Feira do Livro. Conversar com os autores enriquecia o trabalho, pois acabávamos procurando saber das outras obras deles.

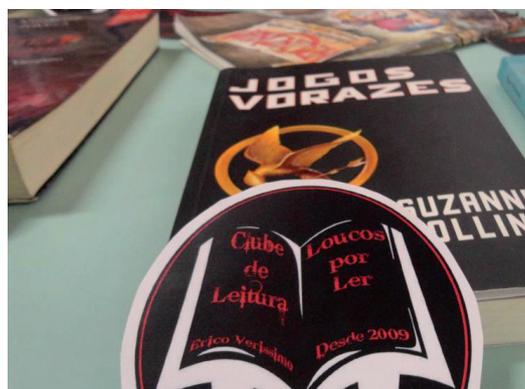
Como um grupo cada vez mais reconhecido na escola, comportamentos foram modificados também entre os professores que passaram, inclusive, a respeitar o espaço/horário do Clube na biblioteca. E o convite dos professores das turmas da Educação de Jovens e Adultos para encontrar o “Clube” a fim de dar um depoimento aos alunos do noturno, divulgando seu gosto pela leitura, as obras lidas, incentivando-os. A ação apresentou bons resultados, percebido pela busca das obras indicadas pelos alunos da EJA.

Foi um ano letivo marcante para a afirmação do Clube dentro da Escola. E a confraternização no final sendo divertida e cheia de perguntas do

tipo “e agora, o que eu vou ler?”.

No próximo ano, 2012, o interesse no Clube aumenta. Criamos o logo e mandamos fazer a camiseta bordada com o lema do Clube: “Loucos por Ler”.

Ainda na “vibe” dos vampiros, lemos os dois primeiros livros da série “House of Night – Marcada e Traída” e conversamos sobre esta nova tendência editorial que chamou a atenção deles: os livros mais recentes são em sagas, trilogias, séries e não uma obra acabada no primeiro volume. Obviamente, para não deixá-los sem saber o final da história, compramos toda a sequência. Lemos os primeiros e disponibilizamos o restante na biblioteca. Por iniciativa dos alunos, em mais uma demonstração da relação de afeto, comemoramos o “aniversário” do Clube, com festinha e, obviamente, leitura. Fomos ao cinema ver Amanhecer, parte 2 e também à Feira do Livro da cidade. O número de inscritos extrapolou a capacidade, em 2013. Alunos ficaram esperando uma nova oportunidade no 2º semestre. O limite é estabelecido pelo número de livros a serem adquiridos e pelo espaço físico da biblioteca, de modo a qualificar o trabalho. Alunos que tinham até tentado entrar no Clube sem ter a idade, festejaram quando puderam finalmente participar.



Neste ano, mudamos de literatura: deixamos os vampiros de fora e lemos “Jogos Vorazes”, que tem um apelo diferente e favoreceu conversas sobre política em geral, onde buscamos um posicionamento dos alunos quanto à situação da personagem principal e o que fariam no lugar

dela. Lemos “Em Chamas” no segundo semestre. Vimos na escola o filme baseado no primeiro livro e, no cinema, em novembro o filme baseado na sequência da obra. Também fomos à Feira do Livro de Porto Alegre.

Participamos da 2ª Odisseia de Literatura Fantástica e os alunos conheceram o escritor Roberto Pellanda, autor gaúcho que divulgou seu livro (série) “A noite sem fim”. Num bate-papo, ele teve oportunidade de conhecer o Clube e gentilmente nos presenteou com um exemplar autografado.

Criamos a página do Clube no Facebook para facilitar o contato com os alunos, promovendo livros, autores, com brincadeiras de adivinhações, interligando ainda mais o grupo. Fui convidada pela direção da escola a fazer o trabalho do Clube com uma turma que estava sem professor dois períodos por semana e a receptividade foi maravilhosa. O Clube original se sentiu honrado e sempre perguntava pelo “mano mais novo”, se estavam gostando, etc. Obviamente fomos ao cinema juntos no final do ano. A família cresceu.



Neste ano, mais de 40 inscritos! Nunca pensei que diria que “não há vagas!” no Clube.

Participamos da 3ª Odisseia de Literatura Fantástica, onde encontramos vários escritores, inclusive Felipe Castilho, nosso “adotado” do segundo semestre com o livro “Ouro, Fogo e Megabytes” e que fará uma visita à escola.

Surge “Um Clube de Vantagens”: as aquisições de literatura fantástica para o acervo da biblioteca, primeiro são oferecidas aos membros do Clube. Somente depois que eles lêem, as obras vão para as estantes para empréstimo aos demais alunos da escola. E eu entrei para a equipe que trabalha na Biblioteca, muito feliz!

O Clube tem influenciado no comportamento não só de seus membros. As obras lidas nele têm uma grande procura por alunos da escola que querem saber “o que o Clube tá lendo”.

O prazer em participar dele é evidenciado por todos. Digo a eles que o que os mantém ali é seu desejo DE ESTAR e que sou uma professora “mimada” por eles, que são gentis e educados nas atividades e encontros. Alunos com problemas disciplinares em sala de aula têm modificado seu comportamento a partir da vivência no Clube.

Mantenho uma distância das leituras obrigatórias e tarefas relacionadas porque a ideia é que eles encontrem prazer puro e simples em ler. Criamos rotinas no Clube como tomar chá com biscoitos num intervalo para podermos trocar ideias sobre a obra, falar de outras obras e autores, da vida, do Clube, trocarmos e indicarmos livros. Presente sempre os sentimentos de acolhimento e aconchego.

O Clube começou com seis integrantes e este ano foram quarenta e quatro inscritos. O ceticismo inicial virou encantamento. Alunos querendo ler, falando sobre livros e filmes, orgulhosos disto. Esta é a grande mudança: agora na escola, ser leitor é “xarope”, nas palavras deles.

Nada mal para uma professora de educação física “oportunista”.



Face do Clube

[https://www.facebook.com/
clubedeleituraericoverissimo](https://www.facebook.com/clubedeleituraericoverissimo)

Clube no YouTube

<https://www.youtube.com/watch?v=LPZPQNuas-A>
<https://www.youtube.com/watch?v=tIzdTcJPFUs>
<https://www.youtube.com/watch?v=LZ80El6wtec>

O Clube na TV (entrevista)

<https://www.youtube.com/watch?v=HFLIGSmkj40>
<https://www.youtube.com/watch?v=LYHVi--oYSQ>

Malateca da Lomba

Andréa B. S. Rossi

Graduada em Pedagogia Educação Infantil
Professora de Educação Infantil na EMEI da Vila Floresta

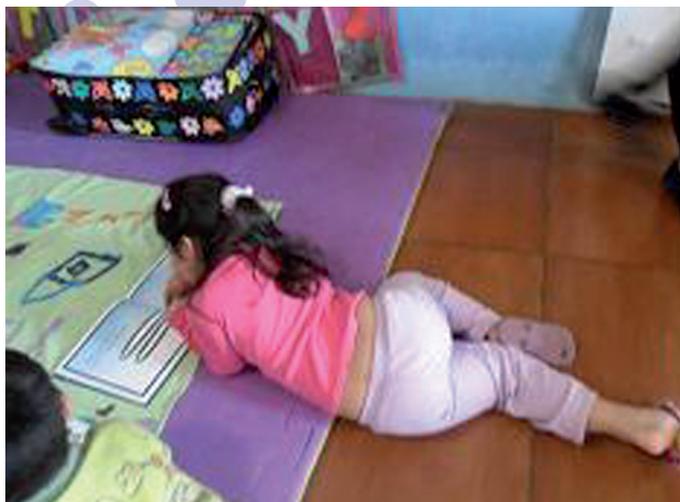
“Um livro é um brinquedo feito com letras. Ler é brincar.” Rubem Alves

A ideia da criação de uma mala com livros infantis surgiu durante a formação continuada de educadores, envolvendo duas escolas de educação infantil e tendo como tema a literatura infantil.

Esta sugestão foi apresentada e acolhida pelos coordenadores pedagógicos das 16 escolas de educação infantil conveniadas durante o encontro mensal, onde relataram, na ocasião, que o envolvimento dos educadores com os projetos em literatura infantil é muito relevante. Percebeu-se, também, a necessidade de oportunizar às crianças um encontro diferente com os livros, a fim de que pudessem interagir com os mesmos, já que as escolas precisam assumir o compromisso de apresentar às crianças a diversidade da literatura infantil. Nasce, assim, a Malateca.

Os objetivos deste projeto são:

Contribuir com o processo de desenvolvimento cognitivo, social e emocional das crianças, por meio da Literatura Infantil; desenvolver a imaginação e a fantasia; dar oportunidade às crianças de estabelecer relação prazerosa com o mundo das produções literárias; aproximar as crianças dos livros infantis de uma forma atraente, proporcionando momentos de envolvimento e de encontro com a magia das palavras e ilustrações e organizar um espaço convidativo e confortável,



Crianças da Escola de Educação Infantil Meu Nenê

um lugar de interação, no qual o educador apoia e compartilha com as crianças o encontro com a leitura.



Uma mala encontrada no lixo é transformada em Malateca.

Enfeitada e recheada de livros de literatura infantil que convoca as crianças para o encontro com a imaginação. O acervo está constituído de livros infantis, selecionados de acordo com a faixa etária das crianças da educação infantil. Foi composto por doações das próprias escolas, assim como de doações de outros parceiros.

Atualmente a Malateca da Lomba transita entre as 16 escolas conveniadas de Educação Infantil do bairro Lomba do Pinheiro da cidade de Porto Alegre. Envolve 130 educadores e 1.600 crianças. Permanece por um período pré-estabelecido nas escolas, bem como segue o roteiro organizado pelos coordenadores, tendo em vista a proximidade entre as escolas enquanto uma mala itinerante.

A Malateca contribui com o trabalho pedagógico das escolas, envolvendo todos os grupos etários. Porém, quando a mala chegou à sala do grupo dos bebês, surgiu um certo desconforto por parte de todos, pois os livros dentro da Malateca são de papel. Os bebês os levaram a boca numa atitude de descoberta, pois era a primeira vez que estavam em contato com os livros. Amassar, morder e rasgar não estava previsto no encontro com a literatura.

Em vista disso, surge a Malateca Baby itinerante: uma mala pequena, enfeitada e recheada de livros – mais resistentes – de tecido, papel mais grosso e de plástico. O sininho soando anuncia a chegada da mala na sala.



Coordenadora da Escola de Educação Portal Encantado

Além do acervo, consta na Malateca um caderno para o registro das impressões das crianças e dos educadores sobre a proposta, bem como uma sacola com livros para serem emprestados aos pais.

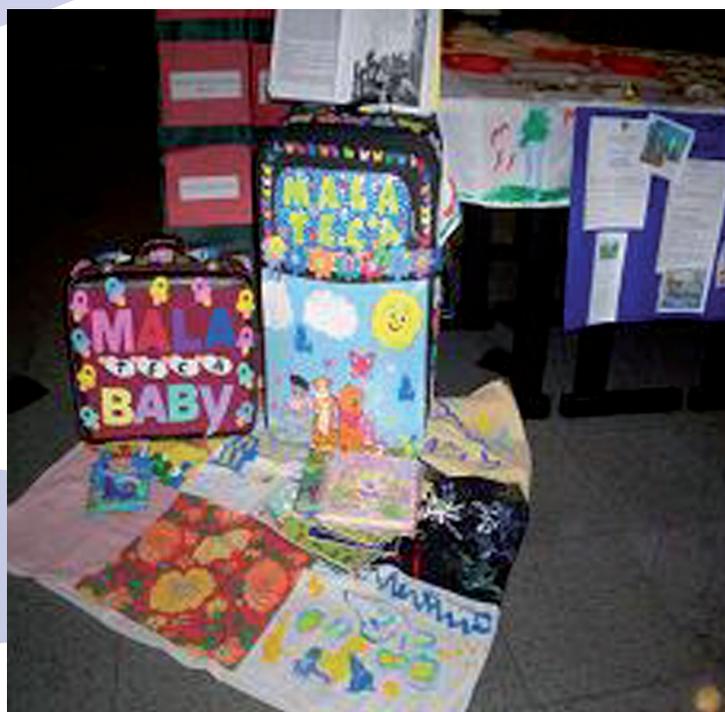
As malas percorrem o bairro visitando as escolas, subindo e descendo a lomba, transitando pelas ruas de chão batido e asfalto, carregando dentro delas o desejo de que as crianças possam viver a sua infância.



Constata-se durante o acompanhamento às escolas um entusiasmo que se traduz em manifestações de alegria e de expectativa com a chegada das malas nas práticas cotidianas dos educadores e das crianças.

É possível perceber que este é um momento nobre e único nas escolas.

Além disso, cabe destacar o poder transformador de experiências das Malateca e Malateca Baby itinerante, ao desencadear outros projetos tendo como componente a criação de malas próprias para cada escola que participa do projeto. Por meio dos relatos escritos no caderno de registros percebo a importância deste encontro entre os livros e as famílias.



Educação Inclusiva

Uma Prática do Cotidiano

Em que a realização de um projeto diferenciado pode alterar as práticas de sala de aula?

Celanira de Cassia Marques Barboza

Licenciada em Matemática | Especialista na Área da Deficiência Visual
Professora do CMET Paulo Freire

Ceres Gomes Duarte

Alfabetizadora | Licenciada em Pedagogia | Especialista em Alfabetização
Professora do CMET Paulo Freire

Cíntia Albertoni

Alfabetizadora | Bacharel em Direito
Licenciada em Letras | Pós-graduanda em Educação Especial e Gestão de Processos Inclusivos
Professora do CMET Paulo Freire

Daisy Beatriz Erig

Licenciada em Pedagogia | Especialista em Supervisão Escolar com formação em Música
Professora do CMET Paulo Freire

Inês Cristina de Barros

Alfabetizadora | Licenciada em História | Especialista em História do Brasil e em Educação de Surdos
Professora do CMET Paulo Freire

Marilena Assis

Licenciada em Letras | Especialista em Educação de Jovens e Adultos e na Área da Deficiência Visual
Mestra em Gestão e Política da Educação | Pós-graduanda em Áudio Descrição
Professora do CMET Paulo Freire

Norma Vanina Cortina Silva

Licenciada em Letras | Especialista em Língua Espanhola
Professora do CMET Paulo Freire

O Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores (CMET Paulo Freire) recebe alunos adolescentes (a partir de 15 anos), jovens, adultos, idosos e, entre esses, pessoas com deficiência, sendo grande a heterogeneidade dos educandos que necessitam recursos específicos em seu processo de aprendizagem. Como educadores deste Centro, estamos acompanhando grupos que estão envelhecendo e um grande número de educandos com deficiência intelectual estão permanecendo nas turmas das Totalidades Iniciais.

O CMET Paulo Freire trabalha de acordo com as diretrizes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), recebe grupos de pesquisa, estudantes, estagiários e visitantes em busca de uma oportunidade para pesquisar neste Centro, que é reconhecido por seu trabalho pedagógico e pelas produções de conhecimento que emergem da concepção baseada em Paulo Freire e dos processos vivenciados no cotidiano escolar.

Sendo o CMET um centro de educação para todos, que visa à integração da diversidade discente e oferecendo esse espaço tanto para a aquisição da escolarização formal, como para o desenvolvimento de aspectos relativos à socialização, justifica-se, a partir desses pressupostos, a proposição de um projeto que se abra para a participação da comunidade escolar, vindo ao encontro da educação para todos, dos princípios inclusivos, do trabalho coletivo, da interdisciplinaridade e da autonomia moral e intelectual, conforme o Projeto Político-Pedagógico do CMET Paulo Freire e Resolução nº 13 de dezembro de 2013, do CME/PoA.

No primeiro semestre de 2014, a Sala de Integração e Recursos para alunos com deficiência visual (SIR Visual) propôs para as turmas de Totalidade 1 e 2 do turno da tarde, onde há duas educandas com deficiência múltipla (deficiência visual com outros comprometimentos associados), a segunda edição do projeto Voando com a Voz, sendo que, em sua primeira edição, em 2009, trabalhou-se somente com os educandos que eram atendidos pela SIR Visual, os fragmentos do livro de poemas “Passa, Passa, Passarinho”, de Cleunice Bourscheid (2006).

A prática de ouvir livros, historicamente realizada por pessoas com deficiência visual, é ampliada com as novas tecnologias assistivas, como os leitores de tela e com os livros digitais que podem ser lidos em equipamentos eletrônicos como: computadores, PDAs, leitor de livros digitais.

Os jovens e adultos que não se apropriaram da linguagem escrita na infância, em seu processo pedagógico necessitam interagir com a língua, considerada como totalidade, por meio de registros orais e escritos, que podem ser através de diferentes formas, como registros gráficos, letras ampliadas, Braille, teclados digitais, imagens, fotografias, vídeos e, ainda, gravação em áudio. Desse modo, propicia-se desenvolvimento das funções semióticas (gestos e expressões, linguagem, imagem mental, imitação diferida, desenho/escrita), pois “A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social” (BAKHTIN, 2006, p.32).

Assim, a ampliação das funções semióticas ocorre através das relações que se estabelecem com o outro. E educandos e educadores são protagonistas dessas construções que englobam a constituição de si mesmo, de seu corpo e de suas possibilidades.

A linguagem constitui-se como instrumento fundamental nesse processo, produzida social e historicamente. Dela também o indivíduo deve apropriar-se. Cabe frisar que a linguagem materializada, conforme explica Bock (2002), é o que dá forma a uma das aptidões humanas mais importantes: a capacidade de representar a realidade. Assim, a pessoa desenvolve seu pensamento, pois é através da linguagem que o pensamento objetiva-se, permitindo a comunicação.

Já língua é uma totalidade que constitui os sujeitos, sua identidade, condição de pensamento e de intervenção no mundo. É um fenômeno biológico, histórico, social e cultural, portanto devemos considerá-la ao refletir sobre as formas de ser e de seu uso, tendo em vista que a língua é, acima de tudo, expressão de identidades de grupos, de países, de comunidades, de localidades e de indivíduos. A língua através das palavras é poder.

Apontamos a voz como mais uma unidade linguística do ensino da língua, sendo considerada como outro gênero de suporte textual que necessita de estudo, registro, conhecimento, sistematização, análise, tão importante quanto aprender a escrever e ler poesia. Deve ser entendida como um desdobramento do estudo dessa área de conhecimento com relação aos ritmos, pausas, sons, tons, características físicas e emocionais de cada educando, sejam eles deficientes ou não.

LÍNGUA
ORAL
VOZ
RITMO IDENTIDADE EDUCAÇÃO
TOM
TOTALIDADE COMUNICAÇÃO EMPODERAMENTO PARA
SIGNIFICADO
LEITURA POTENCIALIDADES TODOS
ESCRITA
LINGUAGEM

Alicerçados nas concepções freireanas e nos movimentos educacionais, “A educação tem sentido porque mulheres e homens aprenderam que é aprendendo que se fazem e se refazem, porque mulheres e homens se puderam assumir como seres capazes de saber, de saber que sabem, de saber que não sabem” (FREIRE, 2000 p.20). Como educadores de EJA, valorizamos os saberes e provocamos a “libertação” dos educandos, promovendo uma transformação individual e coletiva, elevando os níveis de consciência, como diz Paulo Freire: “A consciência do mundo, que viabiliza a consciência de mim, inviabiliza a imutabilidade do mundo.” E ambas as consciências “me fazem um ser não apenas no mundo mas com o mundo e com os outros. Um ser capaz de intervir no mundo e não só de a ele se adaptar” (FREIRE, 2000 p.20).

Planejamento e Desenvolvimento

No início do ano, em reunião pedagógica com as Totalidades Iniciais e Finais, discutiu-se sobre os autores a serem trabalhados, os que escrevem pequenos textos. Foram sugeridas as obras da autora Laís Chaffe, que havia realizado uma atividade, em nossa escola, incentivando a leitura de minicontos, despertando o desejo pela leitura desses textos, tendo em vista as peculiaridades dos nossos educandos. Motivada pela indicação da autora, a SIR Visual sugeriu iniciar pela obra *Sabor que Conta*, que foi lançada no final de 2013, em formatos acessíveis e disponível para download na página do Instituto Estadual do Livro (IEL).

O projeto foi apresentado para as turmas através de uma oficina sobre deficiência visual em que foi explicado o Sistema Braille, código de leitura e escrita das pessoas cegas e trabalhado com o livro *Meu Amigo é Diferente!* de Débora J. Jardim (2009) impresso em tinta e disponível em áudio, promovendo a discussão dos diferentes formatos, realizando leitura de imagens e a audição do livro, buscando motivar os alunos a adquirir o hábito da leitura em áudio. Tendo em vista que um dos temas transversais desse ano é o meio ambiente, foi sugerido, como suporte ao desenvolvimento do projeto, a ação que foi denominada POESIA NA GARRAFA que consistiu em adornar garrafas P. E. T. com o motivo das poesias e colar a poesia escrita ou colocá-la dentro da garrafa, conforme visto no filme *A Ilha*, que foi a proposta inicial do planejamento coletivo da Escola.

Outra ação foi o debate e a coreografia, desencadeados pela apresentação do vídeo *A Lição dos gansos* e, finalmente, como trabalho conclusivo, a gravação em áudio e em vídeo da declamação ou leitura das poesias pelos educandos.

Além do conhecimento dos variados processos de construção da língua escrita, realizado por cada um em particular, preocupamo-nos em oportunizar outras atividades de leitura que articulassem a linguagem oral e escrita. Assim houve um deslocamento na prioridade metodológica que, até então, era dada à linguagem escrita, e sistematizamos essas leituras orais através da audição, memorização, registro (escrita e reescrita) e gravação em áudio e vídeo das poesias do livro *Sabor que Conta*. Essa proposição causou estranheza, pois a audição de livros e a gravação, até o momento, não faziam parte das atividades cotidianas em sala de aula.

Desdobramentos e considerações finais

Sedutoramente, o Projeto *Voando com a Voz*, se mostrou para nós, educadores e educandos, como um novo caminho de resgate da tradição oral, tão presente no cotidiano de cada um, assim como retomou um aspecto cultural, historicamente predominante nos segmentos populares da sociedade. Os alunos em questão são oriundos de famílias em que gerações anteriores não tiveram a oportunidade de se integrar a qualquer tipo de espaço de educação formal. A ausência de um referencial letrado no convívio familiar fez com que esses educandos, em sua maioria, se manifestassem pouco à vontade, constrangidos e inibidos frente ao domínio ideológico da cultura escrita.

Em termos de origem da linguagem escrita e, conseqüentemente, da leitura, a vivência da oralidade

pela espécie humana foi antecessora e fundadora da materialidade das línguas: a escrita. Primordialmente, o processo civilizatório se constituiu a partir da leitura de mundo precedendo a leitura da palavra, conforme nos diz Paulo Freire, “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele” (FREIRE, 1986, p. 11-2).

A respeito da pergunta presente nesse artigo, “Em que a realização de um projeto diferenciado pode alterar as práticas de sala de aula?”, refletimos o quanto nossa participação, nesse projeto, descortinou outras metodologias de trabalho e de atuação, ampliando as dimensões da consciência e das potencialidades corporais, bem como da língua e da linguagem oral e escrita.

Uma prática coletiva, com o deslocamento do olhar voltando-se para a “escuta sensível” de Freire, promove o empoderamento do grupo com a valorização das habilidades e conhecimentos individuais. De forma objetiva, o projeto trouxe para além da sala de aula o uso de novas tecnologias e de práticas pedagógicas diferenciadas, as quais envolvem a participação de todos em atividades dentro e fora do espaço escolar. Após o término do Projeto Voando com a Voz 2, como continuidade, nas turmas de Totalidade 1, foi realizada a leitura e gravação do Livro Chapeuzinho Amarelo de Chico Buarque de Holanda (2012), em função do grande entusiasmo e envolvimento destemido com as novas possibilidades.

A experiência original que o trabalho, nascido da participação do grupo da Totalidade 2, no Projeto Voando com a Voz 2, desencadeou foi o surgimento e o desenvolvimento de práticas de Roda de Poesia dentro da turma. As Rodas começaram, em um primeiro momento, nos espaços de estímulo à memorização das leituras e repetições das poesias da obra Sabor que Conta, para a gravação final do CD. Em um segundo momento, espontaneamente, os alunos começaram a retirar livros de poesia da biblioteca do CMET. Novos textos poéticos vieram encantar e motivar o grupo, e as Rodas de Poesia tornaram-se um momento semanal de leitura e de debate, a partir de diversas temáticas e de diferentes formas de apresentação dos poemas.

A apresentação do Projeto abrilhantou a comemoração dos 25 anos do CMET e dos 15 anos de SIR Visual com sarau musical e poético, com a apresentação do vídeo do Projeto Voando com a Voz 2, disponível no youtube com o título Voando com a Voz 2 inclusão na EJA.

Referências

- BAKHTIN, M. Marxismo e Filosofia da Linguagem. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BOCK, Ana. Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia. São Paulo: Saraiva, 2002.
- BUARQUE, Chico. Chapeuzinho Amarelo. 32ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.
- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1986.
- _____. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- JARDIM, Débora Jardim. Meu Amigo é Diferente!. Tapera: LEW editora, 2009.

Projeto Leitura em Família

Cláudia Amaral dos Santos

Graduada em Pedagogia | Doutora em Educação
Professora da turma de Jardim A do turno da tarde da Escola Municipal de Educação Infantil Jardim de Praça Passarinho Dourado, nos anos de 2009 e 2010

Zenaide Martins da Silva

Graduada em Letras | Pós-graduada em Literatura Brasileira e Educação Popular
MBA em Gestão Pública
Diretora da Escola Municipal de Educação Infantil
Jardim de Praça Passarinho Dourado

[...] Foi muito divertida a nossa leitura, vamos sempre esperar por este dia da leitura. (Registro do diário 18)

Nossa Escola tem por característica trabalhar o imaginário como ferramenta de educação na preparação do indivíduo para situações de conflito, valendo-se da literatura infantil como recurso cotidiano, tanto nos momentos de prazer, como no desenvolvimento das diversas linguagens tais como corporal, oral, artes plásticas: desenho, recortes

Ações essas que se inserem em nosso Projeto Político Pedagógico desde a definição da missão da escola: “Cuidar e educar visando ao desenvolvimento integral e à construção da autonomia da criança, para que sejam indivíduos críticos e criativos, generosos, desprovidos de preconceitos, responsáveis por si, pelo outro e pelo meio ambiente, democráticos, preparados para o pleno exercício da cidadania,” reforçada sua importância quando nele tratamos a questão da linguagem como elemento importante na ampliação das possibilidades de inserção e participação da criança nas práticas sociais, na construção do conhecimento e no desenvolvimento do pensamento (BRASIL, PCNs, 1998).

Pensando nessas premissas, em 2009, a diretora e professora Zenaide, da Escola Municipal de Educação Infantil Jardim de Praça Passarinho Dourado – pertencente à rede pública de Porto Alegre – propôs um projeto diferente e desafiador: o Projeto Leitura em Família, que visava a promover o prazer pela leitura não só nas crianças, mas também nas famílias, além de buscar uma aproximação mais efetiva entre escola e famílias, condição “sine qua non” para o sucesso do projeto.

Esta escola existe há quase 70 anos e nos três últimos anos vem sendo reestruturada tanto no aspecto físico (ampliação e melhoria do espaço), quanto pedagógico (materiais, jogos, livros, projetos, brinquedos, avaliação por portfólios, parcerias com outras instituições, com as famílias e a comunidade) buscando a excelência no atendimento às, aproximadamente, 70 crianças da escola e à comunidade escolar.



Apresentamos o projeto na Festa às Mães (dia 9 de maio de 2009). A acolhida ao projeto foi de imediato. Desafiamos as famílias a fecharem e customizaram as sacolas. O prazer que o momento proporcionou era palpável, constituindo-se ponto alto um pai ter se disposto a costurar a sacola e esposa e filho a customizaram.

Dinâmica do projeto: semanalmente, às sextas-feiras, as crianças escolheriam livremente dentre os títulos da biblioteca, um livro para leitura em família. Após registrariam no diário do projeto as impressões sobre a história, por desenho, escrevendo os comentários feitos pelas crianças, dentre outras possibilidades.

Com isso, provocaríamos as famílias a reservarem um tempo nos finais de semana para reunião e reflexão, e construiríamos uma parceria na responsabilidade pela educação formal da criança.

Nas segundas-feiras, na rodinha, cada criança contaria como foi o momento de leitura, qual a história levada para casa, o que gostou/não gostou, e a professora lia os registros para o grupo de crianças da turma. Além da socialização e da oralidade, desenvolveríamos outras posturas, como, por exemplo, o de respeito ao outro, uma vez que cada um deveria ouvir os relatos com atenção e generosidade.

A escolha dos livros deu-se sempre livremente, a professora apenas promovia a alternância de gêneros (poesia, narrativa, contos de fada, fábulas, lendas, livros sem texto) e temas (amizade, gênero, sexualidade, raça/etnia, ecologia, etc). Esses momentos nos permitiam perceber as diferentes estratégias utilizadas pelas crianças: algumas folheavam o exemplar, às vezes compartilhando com outros colegas as emoções que a história despertava; outras, escolhiam livros que já conheciam (por já terem levado alguma vez, ou pela professora ter contado a história na rodinha, ou, ainda, por algum colega a ter relatado no retorno do final de semana).

O acervo da escola conta com mais de 1000 livros de literatura infantil de autores/as e ilustradores/as clássicos e contemporâneos, nacionais e estrangeiros, e que anualmente, através do projeto Adote um Escritor da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, é enriquecido com títulos cuidadosamente escolhidos.

Ao final do ano as sacolas, danificadas, foram entregues às famílias, ficando retidos os diários para a sequência e acompanhamento do desenvolvimento das crianças e envolvimento das famílias.

O momento de contação de histórias ocorre diariamente e é muito aguardado pelas crianças, que demonstram grande atenção e encantamento pelas diferentes histórias.

Em 2010 as sacolas foram adquiridas pelos pais, em algodão cru, depois customizadas pelas famílias e crianças.

Na atualidade, as sacolas, com logotipo da escola e nome do projeto, são adquiridas com verbas de repasses Municipais, ou Federais (Dinheiro direto na Escola...)

Passados 5 anos do nosso projeto, podemos atestar o sucesso, uma vez que a parceria com as famílias se consolida diuturnamente. Concretizada pelo fato de termos pouquíssimos casos de extravio de livros, de livros rabiscados, ou não participação das famílias. Além da preocupação em levar a sacola da leitura às sextas-feiras, a ponto de algum familiar vir à escola quando a criança, por diversos motivos, não comparece.



Isso posto, passemos através deste artigo à avaliação do projeto a partir dos registros dos diários de crianças que frequentaram a turma do Jardim A (4 e 5 anos) e de crianças que frequentaram a mesma turma em 2010, quando ainda se encontrava na escola a prof. Cláudia, co-autora deste artigo.

Profe hoje é sexta-feira?

Querido Diário!!!

**Na sexta-feira mesmo, logo após chegar da escola junto com o irmão a I. já pediu para fazer a leitura do livro.
(Registro do diário 2)**

Essa é uma das perguntas recorrentes na turma ao longo da semana, o que demonstra o desejo de escolher os livros. E, na segunda-feira, o desejo é de contar sobre o livro e mostrar a todos os colegas os registros feitos no diário.

Além do objetivo principal do projeto, promoção do prazer pela leitura, muitas outras aprendizagens decorrem, como: familiarização com o texto escrito, ou seja, que os textos são para ler, que há a linguagem das ilustrações (que permitem uma série de outras leituras e são muito apreciadas pelas crianças (como veremos a seguir); que as páginas são folheadas da direita para esquerda; os textos são lidos da esquerda para direita e de cima para baixo, além de outros marcadores importantes tais como autor/a e ilustrador/a.

É importante destacar que ler e atribuir significados às imagens é uma habilidade complexa e importantíssima para as crianças pequenas.

Ademais, o trabalho com livros possibilita que as crianças ampliem o seu vocabulário e conheçam outras realidades, outras perspectivas, etc.

Ao longo de 2010, foram retirados, pela turma de Jardim A da tarde, aproximadamente 230 livros diferentes, entre os meses de maio e dezembro, dentre eles os dos autores que fizeram parte do Programa mantido pela PMPA/Secretaria Municipal de Educação em parceria com a Câmara Municipal do Livro: Adote Um Escritor, que ocorre por ocasião da Feira do Livro. No caso, Álvaro Ottoni e Lúcia Fidalgo.

Como foi a leitura?

Para o sucesso de nosso projeto, foi imprescindível o retorno das famílias, já que seu envolvimento serve como exemplo para nosso pequeno leitor, pois, como explica Joliberti (1994), “é lendo que nos tornamos leitores” (p. 14).

A assertiva do projeto quanto ao momento de reunião da família, comportamento e resposta em relação à leitura, reflexões e, principalmente, a consciência de que não se trata de ler para cumprir uma tarefa, mas de reunião prazerosa de família e sua parceria com a escola visando a uma educação de excelência, é atestada nos relatos que se seguem:

**Viu o livro com a irmã várias vezes, sempre com a mesma empolgação de poder ver aqueles bichos.
(Registro do diário 1)**

Lemos várias vezes a estória, é sempre bom ler em família, reunir as crianças para contar histórias, elas se divertem bastante. (Registro do diário 4)



Na organização do espaço e nas propostas realizadas ao longo do ano com a turma de Jardim A, o livro sempre fez parte do cotidiano das crianças, através do espaço de leitura com estante na altura das crianças; e da caixa dos livros que foram ou serão lidos ao longo da semana durante o momento diário de contação de histórias, para que as crianças também possam rever as histórias lidas ou criar hipóteses sobre os livros que eles ainda não conhecem a partir das imagens.

O gosto pela leitura por imagens é bastante frequente pelas crianças da educação infantil, por despertar a imaginação, atribuindo interpretações variadas.

Na passagem a seguir, essas interpretações ficam evidentes:

[...] Apesar de eu ter lido o livro para ela e explicado a história, ela prefere olhar os desenhos e entender por si. Ela é super criativa e adora imaginar as histórias pelos desenhos. (Registro do diário 7)

A contação de histórias permite às crianças conhecerem diferentes narrativas, ampliarem o vocabulário, dentre outros aspectos já comentados. Percebeu-se também ao longo do projeto o quanto as crianças apreciavam escolher livros já contados pela professora, provavelmente pela história as ter cativado, daí o desejo de compartilharem com suas famílias.

O X. achou a história muito legal, mas já sabia como ela iria terminar, mas me fez contar muitas vezes até de vez em quando trocando de lugar e querendo me contar. (Registro do diário 11)

Como escreve Abramovich (1989) a contação de histórias pode promover a imaginação, a curiosidade, a reflexão sobre a realidade, a busca pelo conhecimento, o desenvolvimento da linguagem, além de trabalhar as emoções, a atenção, a observação... Mas, talvez, o principal objetivo seja a formação de leitores competentes.

**A M. chegou em casa com muitas recomendações sobre o livro, pois não podia pintar nem riscar.
(Registro do diário 5)**

O que percebemos claramente nos depoimentos abaixo é que o projeto vem cumprindo seu papel de despertar no leitor consciência crítica sobre o livro, não se constituindo apenas um questionamento do gostou/não gostou, mas o que a leitura provocou, transformando-se instrumento eficaz na construção de cidadãos críticos, generosos, desprovidos de preconceitos, capazes de ler e atuar no meio a que pertencem, na busca de uma sociedade democrática e inclusiva, onde todos sejam respeitados por sua singularidade.

**Menino brinca de boneca? O nome já diz tudo. Gostei muito de ler esse livro pro E., poder explicar certas diferenças e mostrar que nem tudo é como as pessoas dizem. É muito bom perceber que as pessoas têm diferenças e poder mostrar que cada um tem um jeito de ser .
(Registro do diário 1)**

**O X. gostou muito da história e chegou até falar que acha que o Beleléu vem aqui em casa pegar os brinquedos dele. O irmão H disse que sempre que perdemos algo o Beleléu pega Eu e o pai gostamos bastante da história, achamos bem criativa e uma forma de mostrar para as criança que desde pequenas, elas tem que ser organizadas.
(Registro do diário 11)**

A poesia também foi referida nos relatos das famílias, por suscitar o lúdico, os sentimentos, o trabalho gratuito com as palavras, não possuindo compromisso com o entendimento “correto” (que não existe). Para isso, a poesia tem de ser boa para ouvir e para ler, instigar o brincar com as palavras e significados, tornando-se musical, como uma cantiga, como pode ser observado a seguir:

**No início ela ficou meio decepcionada pois não era uma história como a dos outros livros que ela já havia trazido e sim vários poemas. Mas ela e o irmão riram muito das rimas, acharam muito engraçado.
(Registro do diário 2)**

Entendemos que o hábito de leitura só é adquirido se houver sintonia entre o leitor e suas perspectivas de mundo. Não se pode abdicar do prazer, nem da reflexão que a leitura deve provocar, como bem atestam os depoimentos a seguir:

**Com certeza aprendeu muito e de um jeito fácil e divertido contando a história para sua irmã como se estivesse ensinando a ela tudo que descobriu com esse livro.
(Registro do diário 1)**

**A M. falou a semana toda das histórias do Álvaro Ottoni e contou para nós aqui em casa.
(Registro do diário 5)**

O autor citado foi escolhido no ano de 2009 para visitar a nossa escola – Programa Adote um Escritor, antes citado. Por isso, lemos para as crianças uma série de livros do mesmo, pesquisamos sobre sua vida e trocamos com ele e-mail. Quando chegou à escola, as crianças já o conheciam e a seus livros, o que enriqueceu o programa e a visita do autor.

Qual a relevância de um projeto como esse?

Com o projeto pretendeu-se desacomodar as famílias, provocando momentos de reunião, de reflexão, de conscientização de que para o sucesso na construção de conhecimento e de aprendizagem é fundamental a parceria efetiva entre escola e família.

Os depoimentos a seguir, retirados dos registros do diário, dão conta de que a meta estabelecida vem sendo atingida plenamente.

**As histórias têm feito muito bem não só para a N., mas para toda família. Pois todos ouvem com atenção e adoramos histórias e as gravuras dos livros.
(Registro do diário 6)**

**Segundo livro da Ninoca que o C. trouxe para casa, ele achou o livro bastante interessante pois a ilustração vem com brincadeiras.
Até o ano que vem.
(Registro do diário 12)**

A partir dos vinte diários analisados por este artigo, percebemos diferentes estratégias utilizadas para os registros: resumo e trechos das histórias nas palavras da criança ou de algum membro da família; como foi o momento da leitura (quem participou, como a criança se portou...) o que a criança aprendeu; lembranças e reflexões suscitadas na criança e na família, desenhos da criança ou de algum familiar sobre a história...

Finalizando, esperamos que o nosso projeto continue dando frutos e que possa desencadear em outros espaços o desejo pela leitura nas crianças e fortalecer parceria com as famílias.

Referências

- ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1989.
BRASIL. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998.
JOLIBERTI, Josete (coord.). Formando crianças leitoras. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

Estimulando o potencial de futuros leitores e escritores

Cintia Apellaniz Dubois Monteiro

Graduada em Pedagogia
Especialista em Psicopedagogia
Mestre em Educação

Professora da Escola Municipal de Educação Infantil Érico Veríssimo,
atualmente atua na Coordenação Pedagógica da Escola

Projeto desenvolvido na Escola Municipal de Educação Infantil Érico Veríssimo.

Professoras Participantes:

**Andréia Mengue, Bárbara Calegari, Bruna Antunes, Jaqueline Lemos,
Joice Martins, Letícia Saldanha, Márcia Telles,**

**Patrícia Ribeiro, Renata Jardim, Viviane Gasseau.
Coordenação de Cintia Apellaniz Dubois Monteiro.**

Uma das formas de recreação mais importante para a criança, principalmente no que se refere ao seu desenvolvimento e crescimento intelectual, psicológico, afetivo e espiritual é a leitura. Portanto, podemos dizer que a literatura desempenha papel fundamental na vida da criança, não apenas pelo seu conteúdo recreativo, mas também pela riqueza de motivações, sugestões e de recursos que oferece ao seu desenvolvimento.

Por outras palavras, a imaginação humana é imperiosa para a construção do conhecimento, daí a importância da Educação Infantil para enriquecer a imaginação da criança, oferecendo-lhe condições de liberação saudável, levando-a a usar o raciocínio e a cultivar o hábito da leitura.

Ouvir muitas e muitas histórias é importante para formação de qualquer criança, uma vez que a leitura é um dos grandes, senão o maior, elemento de civilização.

Desta forma, podemos dizer que um bom leitor se constituiu a partir das múltiplas vivências de leitura e possibilidade de expressar seu conhecimento ao outro; nessa troca de subjetividades, a fala, como um dos principais mecanismos de comunicação, deve ser valorizada tanto quanto a escrita.

Na Educação Infantil, a expressão da oralidade como currículo precisa estar entrelaçada à capacidade de organização criativa do pensamento. Capacidade que se desenvolverá a partir das múltiplas possibilidades de comunicação, entre elas “(re)inventar histórias”. Com base nesses pressupostos, retoma-se o sujeito-criança, ou podemos chamar de leitor em potencial, e o objeto de estudo – o livro – como desencadeador do estímulo à leitura, por meio de



uma íntima relação com a língua materna.

Com o objetivo de promover experiências de ensino-aprendizagem significativas, a Educação Infantil deve, entre tantos aspectos, dinamizar o trabalho com a linguagem oral e escrita, que se constitui, na prática, de atividades lúdicas que favoreçam a ampliação, pelas crianças, das capacidades de comunicação, expressão e acesso ao mundo letrado. Além disso, aprender uma língua vai muito além de conhecer as palavras e seus sentidos. Implica entender, também, os significados culturais das palavras e as maneiras como as pessoas, em determinado meio sociocultural, entendem, interpretam e representam a realidade.

Na formação de sua própria identidade, as crianças da Educação Infantil precisam de estímulos para o aprimoramento do faz-de-conta, despertando o potencial imaginativo que, sem sombra de dúvidas, levam-nas para o aprimoramento do pensamento infantil e da capacidade intuitiva para a realidade circundante. Como a literatura desempenha papel fundamental na vida da criança, não apenas pelo seu conteúdo recreativo, mas também pela riqueza de motivações, sugestões e recursos que oferece ao seu desenvolvimento, realizamos com as turmas da Escola Municipal de Educação Infantil Érico Veríssimo o projeto “A Arte da Literatura Infantil: Histórias para ler, contar e se encantar”. Este, aliado ao projeto “Em Busca de uma Escola Sustentável”, deu origem ao plano de ação para criação de personagens e histórias envolvendo o tema da sustentabilidade.

Durante o primeiro semestre de 2014 foram realizadas inúmeras atividades de leitura, reconto de textos, para que, ao final, pudéssemos chegar a produzir nossas próprias histórias a partir da construção de personagens envolvendo cuidados com o outro e o ambiente.



Neste sentido, coube ao grupo de educadores de nossa escola ler e contar histórias às crianças; a leitura envolve a fidelidade às palavras do autor e serve como uma memória, enquanto que, na contação, cabe a interpretação do educador que realiza alguma modificação do texto original. Ambas ações precisam ocorrer na Escola Infantil para que as crianças possam perceber que a palavra gera muitas interpretações e que estas servem para que possamos (re)inventar muitas outras histórias. Reinventá-las aguça a percepção de que o mundo é composto de múltiplos e diferentes pontos de vista.

Para que as crianças se sentissem encorajadas em suas narrativas orais foi necessário ofertar a possibilidade de ouvirem os mais variados tipos e gêneros literários. Ouvir e contar histórias faz parte dos objetivos de um programa curricular de potencialidade do futuro/atual leitor-escritor no universo do brincar na educação infantil.

Falamos que ler é fazer, implicitamente, questionamentos ao texto, seja ele escrito, visual, ou outro. Para as crianças pequenas ler uma história é dialogar com as imagens, enfatizando os elementos concretos, vendo as coisas do mundo. Ao fazer a leitura das ilustrações de um texto o leitor em potencial estabelece uma relação com o mundo nele representado, das coisas que existem e acontecem. Quando estimulamos as crianças a “lerem imagens” estamos valorizando sua capacidade criativa ao permitir que elas possam interpretar o que está sendo lido. Aliada a essa interpretação das coisas concretas, por meio das ilustrações, as crianças também vão adquirindo um gosto estético à medida que começam a perceber que cada ilustrador, ao representar o texto do autor, também tem suas preferências e utiliza-se de uma técnica artística (algo muito presente nas produções infantis). Por meio de questionamentos, observações e comparações de imagens propostas pelo educador, a criança pode descobrir que há diferentes formas de significar a escrita, que, por exemplo, há histórias com desenhos, pinturas, recortes e colagens, fotografias e muito mais. E, na Educação Infantil, essa expressão artística intencional é um dos muitos elementos que vão auxiliar para o

processo de aquisição da leitura e escrita. Estimular esse leitor em potencial é investir em sua habilidade de mergulhar e envolver-se na magia e sabedoria dos livros. Assim, o trabalho de potencializar leitores também visa à estimulação de escritores, quando falamos de crianças na fase da Educação Infantil. Então, resolvemos partir justamente da produção concreta para instigar e, assim, emergir histórias contadas pelas próprias crianças-leitoras e escritoras em potencial.

Referimo-nos aqui a importância da documentação das potencialidades das crianças como escritores, por intermédio de um adulto, fazendo a mediação que Vygotsky (1988) propõe em sua teoria. No momento em que proporcionamos às crianças situações de produção textual, fazendo os ditos orais serem registrados e documentados, estamos valorizando suas capacidades e competências. Com base neste entendimento, ou seja, crendo na importância da potencialização das crianças frente ao processo de leitura e escrita, os educadores da escola usaram a sua escrita para dar voz aos ditos de cada criança.

Criando personagens concretos...

A partir da ideia de fomentar através da leitura e contação de histórias um conhecimento das práticas socioambientais, ou seja, realizar com o grupo de crianças de Berçário ao Jardim B práticas de cuidado com o outro e o ambiente, cada educador trouxe a seu grupo uma temática:

- No Berçário 1 foi apresentada aos bebês a história “Binho encontra Pipa” e elaborado pelos educadores, o personagem Binho, representando o cuidado com o outro.

- No Berçário 2, a partir da leitura de contos de fadas, foi confeccionada uma árvore de tecido representando as florestas de algumas histórias e a importância do cuidado com as plantas.

- Os educadores do Maternal 1 trouxeram para exploração das crianças o personagem Homero (cachorro), a partir do trabalho com a história de mesmo nome da autora Léa Cassol. Este representou o cuidado com os animais.

- O Maternal 2A, com ajuda de suas educadoras, criou o personagem Recicleto. Como o nome já diz, realizando atividades de separação de lixo e reciclagem, o grupo produziu um boneco com garrafas pets e outros elementos de sucata.

- O Maternal 2B, trabalhando com a alimentação saudável, configurou o trem Piuí, o trem da Boa Alimentação.



– O grupo do Jardim A1, com base na audição da história o Mágico de Oz, elaborou o personagem João da Horta, um espantalho escolhido pelo grupo para representar a horta escolar.

– O Jardim A2, após muitas leituras sobre a água, com uso de um garrafão de água e muitas sucatas, elaborou o Superágua.

– O grupo do Jardim B1, com base no trabalho da composteira, e em histórias sobre compostagem e minhocas, criou com meias e rolinhos as personagens Compostina e Minhoquita.

– O Jardim B2, estudando sobre o coração, descobriu que o óleo faz muito mal ao nosso corpo e a partir de leituras diversas criou o Zé gordura, ressaltando sobre a coleta do óleo.



As construções dos personagens partiram em sua maioria da ação concreta das crianças sobre os objetos. Como em qualquer processo de mediação, os educadores foram realizando questionamentos que deram origem as estruturas de cada personagem. Perguntas como: que materiais usaremos? Como podemos montar as rodas? O que faremos para tornar o personagem mais colorido? Que nome daremos ao personagem criado? Para que colocar capa em nossa construção? O que é um personagem? Para que faremos essa construção? etc, serviram como pontos centrais para que as crianças pensassem sobre as características dos objetos e estes fossem ganhando vida, tornando-se personagens importantes para cada grupo. Determinados personagens, como a Compostina, o Superágua, o Piuí, Recicleto e João da Horta, passaram a integrar a turma como um membro da mesma. E como não poderia faltar em nosso estímulo à leitura, cada personagem deu origem a uma história própria, fazendo com que as crianças fossem estimuladas não apenas a ouvirem histórias, mas se transformarem em potenciais escritores.

As histórias criadas ...

As histórias e personagens passaram a circular entre as turmas; além disso, cada grupo apresentou aos demais seus personagens. Nesse processo de construção das narrativas infantis, surgiram outras possibilidades; algumas turmas transformaram melodias conhecidas criando outras letras, emergindo assim além de escritores potenciais, compositores e músicos potenciais. É importante mencionar que neste processo de elaboração de narrativas os educadores foram fundamentais para que os dizeres das crianças se transformassem em frases que fizessem sentido para cada grupo. Foram usados para o suporte da construção de textos figuras, objetos e, principalmente os questionamentos dos educadores diante das falas.

Perguntas como: Tu escreveu o que eu disse? O que tu tá escrevendo profe? Tu não vai anotar o que tô dizendo? são comuns, principalmente

entre as crianças dos jardins que tem como prática a produção coletiva de textos. Outro aspecto a salientar é que entre as crianças de Berçário 1 a Maternal o foco foi a contação de história com o objetivo de estimular o contato com o livro e a ampliação de vocabulário. Nesta faixa etária os educadores instigaram o faz de conta, trazendo personagens de livros para a forma concreta. Já nos Maternais 2 ao Jardim B a construção foi realizada com a participação efetiva das crianças, tanto na criação dos personagens, quanto na produção das narrativas.

Para que o leitor possa ter uma ideia real de como os textos ficaram, segue um exemplo produzido com o grupo do Maternal 2B a partir do relato de uma história criada pela própria professora Jaqueline Lemos.



História elaborada pela professora para trabalhar o processo de alimentação saudável:

O TRENZINHO PIUÍ E OS ALIMENTOS SAUDÁVEIS

Era uma vez um trenzinho fraquinho e pequenino. Ele não tinha forças nem para soltar um longo apito.

Ele era fraquinho porque não comia nenhum alimento saudável.

O trenzinho gostava mesmo era de comer balas, biscoitos recheados, doces, chocolates e tomar refrigerante.

Um dia, teve uma corrida de trens, e o pequeno trem chegou em último lugar.

Ele ficou muito, mas muito triste mesmo.

Sentou na beira da estrada e chorou, chorou.

De repente, uma linda fada apareceu e perguntou:

" Por que você está tão triste trenzinho?"

Ele respondeu:

" Por que sou fraquinho."

A fada então disse ao trenzinho:

- " Meu pequeno amigo, para crescer e ficar forte você precisa comer alimentos saudáveis."

O trenzinho logo perguntou:

_"Alimentos saudáveis? Mas, o que é isso? O que são alimentos saudáveis?"

A fada respondeu :

- " Os alimentos são comidas e bebidas. Os alimentos saudáveis são aqueles que nos ajudam a crescer fortes e com bastante saúde.

São as frutas, verduras, legumes e os grãos. "

O trenzinho fez uma cara bem feia e perguntou:

- " Eu não posso mais comer minhas balas e chocolates?"

A fada disse que sim, que ele podia comer, mas não muito e nem todo o dia como ele sempre fazia.

" Você pode sim, comer seus doces e biscoitos, mas estes não devem ser seus principais alimentos, amigo trem. Você deve comer todo dia é: feijão, arroz, carne, muita fruta e verdura."

O trenzinho olhou pra fada sem entender muito bem o que eram frutas e legumes. Aí, a fada explicou e deu exemplos:

_" Você gosta de maçã, banana, abacaxi, morango, uva e laranja?"

_" Sim, eu gosto".Disse o trenzinho

_" Pois então, estas são frutas.

Já o tomate, a abobrinha, a moranga, o pepino, a beterraba, a cenoura são legumes.

E não podemos nos esquecer das hortaliças que são folhas como a alface, a rúcula e o agrião que fazem uma saborosa salada verdinha, verdinha."

O trenzinho ficou pensando, pensando e logo levantou feliz e disse:

- " Querida fada, vou já já falar para minha mãe fazer muitos alimentos saudáveis para eu comer. Assim eu vou ficar " fortão" e inteligente.

E eu prometo, fadinha amiga, vou comer doces só nos finais de semana e bem pouquinho.

Quero ser um trem muito, muito grande e bem forte.

Vou comer arroz, feijão, salada. Tomar leite, comer pão e comer também muitas frutas.

E sabe do que mais, quando eu crescer e ficar forte e vou carregar comigo muitos alimentos saudáveis e ensinar todas as crianças a forma correta de comer. Para que todos cresçam fortes e sadios como eu!"

E assim termina esta história.

História recontada pelas crianças a partir das leituras e contações oportunizadas (crianças de 3 anos):

O TRENZINHO PIUÍ

Era uma vez um Piuí fraquinho, fraquinho.

Ele queria comer muito as coisas que não é saudável.

Que não pode comer.

Aí tinha uma corrida de trenzinho e ele bateu na árvore. Ele chorou porque chegou em último.

Aí apareceu a fada madrinha. A fada madrinha disse pra ele comer muitas coisa saudável.

Arroz, feijão, abacaxi, uva, melão, salada, frutas, bróclis, banana, maçã, e cebola. Cebola arde.

Chocolate e biscoito não pode.

Pode sim!

Só depois de comer a comida toda pode ganhar doce.

Banana, abacaxi morango são saudáveis.

Gelatina também é.

Eu como até cenoura.

Aí o Piuí ficou bem grande e pediu pra mãe fazer muitas coisas saudáveis pra ele comer.

Ficou feliz.

Conseguiu carregar as coisas.

Deu pras crianças um presente de Natal.

E terminou.

(M2B)

Concluindo, esperamos que as ideias lançadas no texto sirvam de incentivo aos educadores.

Na EMEI Érico Veríssimo ainda temos muito a realizar...

Aguardem a publicação dos textos criados pelas crianças!



Referências

BRASIL, Ministério da Educação. Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil. Conhecimento de Mundo. Volume 3. Brasília: MEC/SEF, 1998.
VYGOTSKY, Lev Semenovich. Formação social da mente. 3a ed., Rio de Janeiro, Martins Fontes, 1988.

Bibliotequinha: estimulando o prazer pela leitura

Liliana Fraga dos Santos Madril

Graduada em Letras | Licenciatura Plena em Língua Inglesa e Literaturas de Língua Inglesa
Especialista em Processos de Aquisição e Desenvolvimento da Linguagem
Mestre em Letras (Linguística)
Professora da EMEF Governador Ildo Meneguetti

A leitura de livros de histórias infantis é algo bastante importante no Ensino Fundamental, pois a criança – principalmente aquela que está no início do processo de aquisição da linguagem – tem a possibilidade de conhecer novos mundos, encantar-se com histórias de outros tempos, com personagens diferentes e muitas vezes repletos de magia.

No entanto, este trabalho precisa ser feito de forma a despertar o interesse da criança pelos livros e gibis. O aluno precisa sentir o prazer por aquele mundo que está descobrindo. Ele deve perceber que através da literatura pode encontrar um espaço para a diversão, o conhecimento e a fruição.

A leitura deve ser algo prazeroso. Algo que desenvolva o imaginário da criança e do adolescente. Não deve ser algo imposto, mas sobretudo proposto, incentivado e ensinado. Ninguém chega à escola sabendo exatamente como deve resolver exercícios matemáticos, ou todas as classes gramaticais. Tudo isto nos é ensinado.

A leitura, da mesma forma, também precisa ser ensinada. O professor deve mostrar ao aluno de qual maneira ele pode utilizar melhor cada texto, cada livro. Não basta apenas dizer às crianças que elas precisam ler. É dever do professor dar o exemplo, e estar sempre disposto a sanar as dúvidas que certamente surgirão. Isto é o que Kleiman (2001) chama de estratégias de leitura, as quais precisam ser ensinadas na escola. Mas sempre de forma a incentivar o interesse pela leitura, independentemente do gênero textual escolhido – histórias infantis, histórias em quadrinhos, reportagens de jornais ou revistas, etc.

Para que esta atividade seja prazerosa, o aluno deve ter muitos livros ao seu alcance, tanto na biblioteca da escola, como em sua própria sala de aula. No entanto, não deve haver cobrança no sentido de responder questões relacionadas ao texto lido. O incentivo virá do interesse do professor em participar do aprendizado do aluno, perguntando inicialmente, se ele gostou do que

leu e por que, para depois sugerir novas leituras que possam ser proveitosas à criança.

Ao utilizar a biblioteca, a criança percebe que o livro serve como fonte de conhecimento, diversão e imaginação. E, desta forma, ela descobre que a leitura é importante em nossas vidas. Isto é fundamental, principalmente, para as crianças que estão iniciando o processo da leitura e da escrita, fase onde o livro constitui-se num instrumento indispensável.

Também é fundamental que exista um acervo bibliográfico em cada sala de aula. Uma “pequena biblioteca” com livros e revistas em quadrinhos variados – por exemplo – e que estejam ao alcance das crianças, para que possam manuseá-los com facilidade e liberdade. E é imprescindível que o professor leia e/ou conte histórias para e com os alunos – o momento da hora do conto é deveras importante.

[...] o ‘canto da biblioteca’ é um ponto central. O tempo escolar deve contemplar atividades que levem os alunos a manusear livros, a folheá-los, lê-los e compartilhá-los, a estender suas opiniões e aprendizagens a murais, dramatizações e manifestações plásticas que traduzam o impacto afetivo e cognitivo da experiência obtida (TEBEROSKY & COLOMER 2003, p. 145).

O momento de leitura precisa ser mágico; deve permitir que o aluno viaje na sua imaginação, percorrendo mundos que não conhecia, encantando-se com histórias de outros tempos, ou até mesmo do seu, mas que lhe permitam sair por alguns instantes de sua própria realidade.

“Quanto mais leituras desafiadoras o indivíduo fizer, mais propenso a modificar seus próprios horizontes ele vai estar” (AGUIAR, 2001, p. 151).

Quando a leitura não é imposta, e sim realizada por prazer, “Os atos de compreensão

envolvidos no processo de constituição do significado capacitam o leitor a refletir sobre si e a descobrir um mundo a que até então não tivera acesso” (ZILBERMAN, 2002, p. 29). E, desta forma, este aluno leitor perceberá que pode vir a ter acesso a tal mundo, bem como a fazer parte dele.

A partir da transfiguração da realidade pela imaginação, o livro infantil põe a criança em contato com o mundo e com todos os seus desdobramentos, oferecendo-lhe com isso a possibilidade de entendê-lo melhor e de a ele adaptar-se (AGUIAR, 2001, p. 83).

Para despertar o interesse do aluno pela leitura não são necessárias ideias mirabolantes. Com uma simples mudança de atitude, professores, bibliotecários e a escola como um todo podem criar estratégias para o trabalho com a leitura. É um exemplo desta mudança de atitude que veremos nas próximas páginas.

Letramento... Prática de leitura...

De acordo com Scribner e Cole, 1981, apud Kleiman (1995, p.19), letramento pode ser definido como “[...] um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”. Em outras palavras, é a utilização da leitura e da escrita nos vários momentos de nossa vida.

Assim, os termos alfabetização e letramento – importantes no processo de aquisição da leitura e da escrita – são distintos, porém complementares. Um indivíduo alfabetizado é aquele que decodifica o alfabeto, ou seja, é capaz de ler e escrever. Já a pessoa letrada é aquela que “faz uso frequente e competente da leitura e da escrita” (SOARES, 2001, p.36).

Para que isso aconteça, é preciso termos em mente que devemos, como diz Soares (2001, p.47),

“alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita”. É necessário que apresentemos às crianças situações reais (ou muito próximas às reais) de leitura e escrita, para que elas possam compreender qual a função de adquirirem este sistema notacional (alfabeto).

Uma maneira bastante produtiva de promover o letramento das crianças em idade escolar é o trabalho constante com leitura em sala de aula. O professor deve desenvolver atividades diversificadas que criem ou ampliem no aluno o gosto pela leitura, como, por exemplo, a contação de histórias, a interpretação dos textos lidos, entre outras.

E é este “gosto pela leitura” o ingrediente importante para que nosso aluno se torne um leitor competente, uma pessoa letrada. Mas, para isto, o trabalho com a leitura deve ser feito de forma prazerosa, sem cobranças de resultados; com um grande envolvimento do aluno, do professor e dos pais.

Ser um leitor competente [...] é saber valer-se desse objeto da cultura dentro e fora do lar, da escola, da biblioteca, dos demais espaços de leitura. Tal comportamento inclui desde o contato material com o livro e seu manuseio até a descoberta dos sentidos mais profundos, passando por saberes como a seleção e a busca do material; a intimidade com os vários ambientes que abrigam o livro (bibliotecas, salas de leitura, livrarias, editoras, gráficas...); o contato com mediadores como seções de jornais e revistas, periódicos especializados, catálogos; a participação em eventos literários(feiras, seções de autógrafos, palestras) e toda a sorte de alternativas que levem ao livro e aos leitores (AGUIAR, 2001, p. 159).

A literatura deve passar a fazer parte da vida das crianças, facilitando o domínio da leitura e da escrita. Cabe à escola, ao bibliotecário e, principalmente, ao professor fazer com que a literatura se torne algo próximo ao aluno, para que ele possa cultivar o hábito pela leitura de maneira saudável ao seu desenvolvimento; sem este trabalho deixar de ser alegre, interessante e desafiador. Mas, para que isto aconteça, é necessária a criação de novas práticas que envolvam a leitura na escola...

Biblioteca na sala de aula: uma prática possível...

Minha turma de A20 (segundo ano) espera ansiosa todos os dias pelo momento de ir à biblioteca. Todos os alunos já sabem que, na quinta-feira, no último período, é chegado o momento. É visível o interesse despertado pelos livros, pela leitura que, para muitos ainda nem é dominada.

Porém, esta turma também possui um acervo bibliográfico em sala de aula. A “Bibliotequinha” – como a chamamos carinhosamente – é composta por revistas, vários livros de literatura infantil e por revistas em quadrinhos. Trata-se de uma caixa de papelão enfeitada com E.V.A. colorido (posteriormente substituída por uma caixa de madeira pintada na cor lilás), que fica em uma pequena estante no fundo da sala, bem ao alcance das crianças. O principal acervo da “Bibliotequinha” são os gibis da Turma da Mônica, os quais são renovados todos os meses, para que sempre haja algo novo para os alunos lerem, visto que, há alguns anos, resolvi fazer a assinatura do referido material para que meus alunos tivessem a sua disposição exemplares atuais e em bom estado de conservação.

Os alunos manuseiam os livros diariamente, demonstrando interesse por esta atividade. Muitas crianças costumam levar os livros e revistas em quadrinhos para casa todos os dias, para lerem com os pais e/ou irmãos mais velhos.

Todos têm livre acesso à “Bibliotequinha”. Além disso, a retirada e devolução não são controladas por mim. Desta forma, os alunos sentem-se livres para permanecer com os livros o tempo que acharem necessário. Mesmo assim, o acervo continua preservado, pois o percentual de devolução é bastante alto. Isto ocorre porque, como podem escolher o material que levarão para casa, ou lerão na sala de aula, as crianças demonstram um cuidado muito grande com os livros e gibis.

Durante as outras atividades da aula, alguns alunos vão até a “bibliotequinha” escolher seus livrinhos ou ler alguns trechos dos exemplares que mais gostam. Desta forma, é perceptível como a leitura já faz parte do cotidiano destas crianças, que estão, com certeza, incluídas no processo de letramento literário.

Além disso, aproximadamente duas vezes por semana, os alunos são solicitados a guardar seus materiais para iniciar a leitura individual. Cada aluno recebe um livro ou um gibi (ou todos recebem livros, ou todos recebem gibis) para ler em seu lugar. Em alguns momentos, são as próprias crianças que vão até a “Bibliotequinha” e escolhem o material que querem ler. Não dispomos de um espaço mais aconchegante para a leitura, pois a sala é pequena. Dessa maneira, como estão dispostas em grupos de quatro ou cinco componentes, cada criança retorna ao seu lugar para fazer a leitura.

Embora seja uma atividade cujo objetivo é a leitura individual, as crianças, com o passar do tempo, ficam tão empolgadas com as histórias (principalmente com as dos gibis), que costumam interagir com os colegas do grupo, contando o enredo e mostrando as figuras.

Em nossa sala de aula ainda temos outro acervo de livros, mais novos e vistosos, que foram enviados pelo FNDE para as turmas ligadas ao Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). No entanto,

tais livros ficam guardados dentro do meu armário e são retirados de lá toda vez que os utilizamos (uma vez por semana, no mínimo), pois não há outro espaço para que eles fiquem expostos diariamente.

A partir deste relato, percebemos como a literatura infantil é importante no desenvolvimento de nossos alunos. Iniciativas simples como esta podem fazer com que as crianças reconheçam a leitura como algo extremamente prazeroso e próximo a sua realidade.

Quando a criança chega à primeira série, ela está em plena fase do jogo simbólico, e a literatura pode desempenhar um papel importante no desenvolvimento cognitivo, pois ativa a função simbólica no leitor através de jogos de linguagem, que geralmente vêm acompanhados do poder imagético da ilustração, tanto na prosa como na poesia. (AGUIAR, 2001, p. 52).

Posso afirmar que as crianças desta turma são apaixonadas pelos livros e gibis. E, com isso, sinto-me muito feliz em estar fazendo a minha parte no processo de letramento de meus alunos. Desta maneira, gostaria que muitos professores, em várias escolas, tivessem a possibilidade de desenvolver atividades como estas, pois certamente também estarão ajudando seus alunos.

Considerações finais

Para que o aluno desenvolva o gosto pela leitura, a literatura deve ser trabalhada desde os primeiros anos do Ensino Fundamental. Mas este trabalho deve ser feito de maneira que a criança sinta prazer com a atividade, pois não deve ser algo imposto pelo professor, e sim desenvolvido de forma lúdica e interessante.

Para tanto, é fundamental que as escolas tenham uma biblioteca com um acervo que tenha quantidade e qualidade adequadas ao seu público alvo. Ademais, o professor deve criar atividades que despertem o interesse do aluno pela leitura, como contar histórias em sala de aula, propor atividades artísticas relacionadas à história lida, e criar o “cantinho da biblioteca” da sala de aula, com livros que fiquem ao alcance dos alunos para que possam manuseá-los com facilidade e liberdade.

Desta maneira, nós educadores, estaremos desenvolvendo o letramento em nossos alunos. E, assim, estaremos formando indivíduos conscientes da função da leitura em nossas vidas. Não podemos esquecer que é nosso dever introduzir o hábito e o gosto pela leitura na vida das crianças. E só com um trabalho prazeroso e de qualidade que poderemos alcançar este objetivo.

Referências

- AGUIAR, V. T. (Coord.). Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.
- KLEIMAN, A. Oficina de Leitura: teoria & prática. Campinas: Pontes, 2001.
- KLEIMAN, A. Os Significados do Letramento. Campinas: Mercado de Letras, 1995.
- SOARES, M. Letramento: Um Tema em Três Gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- TEBEROSKY, A. & COLOMER, T. Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- ZILBERMAN, R. Formação do leitor na história. In: PEREIRA, V. W. (org.). Aprendizado da Leitura: Ciências e Literatura no Fio da História. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

Sarau Café com Letras

Anelise Tolotti Dias Nardino

Bacharel em Biblioteconomia
Especialista em Gestão Educacional
Bibliotecária na SMED Centralizada

Neiva Alves de Siqueira

Licenciada em Filosofia
Especialista em Educação de Superdotados
Professora da RME
Em atuação na Biblioteca da SMED Centralizada

Rodolfo de Matos Rocho

Graduado em Biblioteconomia
Especialista em Gestão Cultural
Bibliotecário na SMED Centralizada

A biblioteca da SMED possui um rico e diversificado acervo, com obras de literatura e obras específicas da área da educação. Possui uma equipe multidisciplinar responsável pela assessoria técnica e pedagógica às escolas da rede municipal e também responsável por coordenação e execução de programas e projetos de incentivo a leitura. Oferece serviços de consulta local ao público em geral e aos servidores municipais, oportuniza empréstimo domiciliar, além de acesso ao Memorial da SMED e ao Banco de Imagens (acervo de reproduções, estampas e originais de obras de artistas nacionais e internacionais).



Muitos servidores da secretaria desconhecem os serviços oferecidos pela biblioteca da SMED centralizada, razão pela qual foi idealizado pela professora Neiva Alves de Siqueira o projeto Sarau Café com Letras, com o objetivo de oportunizar aos leitores o conhecimento do acervo literário existente na biblioteca e ao mesmo tempo atrair novos usuários.

O sarau, evento cultural muito comum no século XIX, consiste em uma reunião festiva, geralmente à tarde ou à noite, na qual os participantes manifestam-se artisticamente, sempre mantendo a característica da confraternização (WIKIPEDIA, 2014).

Buscando revisitar aquela cultura literária tão expressiva, mas que atualmente perde espaço para as novas tecnologias, a biblioteca da SMED oferece a todos os interessado servidores o sarau Café com Letras.

O projeto propõe a escolha de um livro, a leitura compartilhada e discussão do texto, eventualmente com o acompanhamento de músicos convidados. Objetiva promover a leitura e a literatura, sempre estimulando um olhar crítico e poético sobre a obra, valorizar as relações interpessoais, promovendo momentos de lazer e respeito, criando assim interesse pelos autores escolhidos. No encerramento é sempre oferecido um café acompanhado de bolinhos e biscoitinhos.

O projeto teve início no ano de 2012, quando pela primeira vez a SMED centralizada 'adotou' um escritor pelo Programa de Leitura Adote um Escritor. O autor adotado foi André Neves, tendo sido escolhida a obra do escritor A Caligrafia da Dona Sofia, para a leitura no sarau. O livro conta a história de uma professora

que mesmo aposentada, continua com encantamento pela poesia, contagiando com seu entusiasmo toda a cidade, mas principalmente o carteiro, que a partir do estímulo recebido, busca na literatura uma forma de se reinventar e viver a vida de maneira mais prazerosa. O encontro proporcionou discussão e reflexão sobre o papel do professor, do bibliotecário e do mediador no estímulo ao prazer pela leitura.



Em 2013 o autor adotado foi Celso Gutfreind. Diversos textos foram selecionados para leitura. Como obra principal foi escolhido o livro A Almofada que não dava tchau.

A leitura e discussão desta obra trouxeram muitas reflexões sobre o apego e as dificuldades de despedidas e desapegos que estamos sujeitos em qualquer época das nossas vidas, desde a infância até a idade adulta.

Em novembro de 2013 foi realizado um encontro do Sarau Café com Letras em homenagem ao centenário de nascimento do poeta e cantor Vinicius de Moraes (19/10), com a participação da cantora Flora Almeida, cantando Vinicius. Além da leitura de poesias e da música, foi apresentado um vídeo sobre a biografia do autor. Um mural foi montado com reproduções de trechos de poemas e o retrato de Vinicius, desenhado pela artista plástica Ângela Maria Fillmann Peñaloza, que faz parte da equipe da biblioteca. A presença dos servidores da SMED foi expressiva, com avaliação positiva sobre o evento.



Em 2014, o Sarau Café com Letras saiu da biblioteca da SMED e chegou até a Biblioteca Josué Guimarães, da Secretaria Municipal da Cultura, quando em julho foi realizado em parceria um sarau com a presença do professor e escritor Ari Riboldi, que falou sobre termos, expressões e gírias do futebol, tendo como base o livro de sua autoria “Cabeça de bagre”. O evento contou com a participação da harpista Liane Schüller, que musicou o evento e com sua bela voz cantou Lupicínio Rodrigues, já antecipando homenagens ao seu centenário de nascimento (16/09).



O autor adotado pela SMED centralizada em 2014 foi Airton Ortiz. Criador do gênero jornalismo de aventura, além de escritor, jornalista e fotógrafo premiado internacionalmente. Acompanhando as viagens de Ortiz, a biblioteca foi decorada com fotos e objetos típicos dos países explorados em seus livros. Foram realizadas leituras de trechos de suas obras, que proporcionaram aos participantes momentos de ‘viagens’ imaginárias por países exóticos com paisagens deslumbrantes.

O projeto Café com Letras propicia encontros literários na biblioteca aos servidores da SMED, oportunizando momentos para que possam sair da sua rotina do trabalho, e compartilhar com colegas leituras, discussão e reflexão sobre obras diversas como também oportunamente ouvir uma boa música e tomar um saboroso café.



Referência

WIKIPÉDIA. Sarau. 2014. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Sarau>. Acesso em: 24 set. 2014.

Driblando as pedras do caminho

Luciane Winter

Graduada em Pedagogia
Pós-graduada em Psicopedagogia e em Educação Especial Inclusiva
Coordenadora Pedagógica da EJA na EMEF Pres. João Belchior Marques Goulart

Rosângela de Souza

Graduada em Pedagogia
Pós-graduada em Educação Popular de Jovens e Adultos
Professora da EJA na EMEF Pres. João Belchior Marques Goulart

Rossana Samarani Verran

Graduada em História
Doutora em História
Professora de História da EJA na EMEF Pres. João Belchior Marques Goulart

Cacildo Bavaresco

Licenciado em Música
Professor de Música da EJA na EMEF Pres. João Belchior Marques Goulart

Jorge Luís Silveira de Ávila

Licenciado em Organização e Técnicas Comerciais
Pós-graduação em Administração Educacional
Professor atuando no ambiente informatizado da EJA
na EMEF Pres. João Belchior Marques Goulart

Iafa Grinschpun

Graduada em Pedagogia
Pós-Graduada em Psicopedagogia
Professora da EJA na EMEF Pres. João Belchior Marques Goulart

Carine de Oliveira Frank

Graduada em Letras e em Direito
Mestre em Educação
Professora de Língua Espanhola da EJA na EMEF Pres. João Belchior Marques Goulart

O PROJETO

O projeto aqui descrito foi aplicado no segundo semestre do ano de 2013 pelos professores da Educação de Jovens e Adultos da EMEF João Belchior Marques Goulart.

Com o objetivo de realizar um trabalho pedagógico diferenciado, que atendesse as reais necessidades e expectativas desse grupo, muitas linhas de ação já foram delineadas e desenvolvidas. Porém, uma delas merece destaque por tratar-se de uma estratégia que se diferencia em sua essência, mexendo com a própria história de vida dos alunos e dos professores entrelaçando com a obra do artista, um escritor escolhido, que constrói um sentido e significado ao próprio ato de expressar-se enquanto aprendente-ensinante.

Nesse, sentido o trabalho com **Escreleituras** e Biografemas veio ao encontro de nosso desejo de ensinar e aprender, numa releitura de vida e de mundo, alicerçada pela obra de um poeta. E com essa intenção carregada de ação começamos a pesquisar, ler e reler a obra do poeta Carlos Drummond de Andrade.

Vinculado ao Projeto Escreleituras: um modo de ler-escrever em meio à vida / OBEDUC/CAPES/INEP/FACED/UFRGS, o Projeto Escreleituras na EJA compreende uma proposta da EJA/SMED de qualificação do currículo através do exercício da leitura e da escrita; estes, como atos de pensamento capazes de criar, com a Literatura, outras possibilidades de aprendizagem.

O POETA

A escolha do poeta, dentre tantos outros escritores importantes na nossa literatura, deu-se, em primeiro lugar, em virtude da exposição itinerante comemorativa aos cem anos do escritor, que aconteceu na escola no primeiro trimestre de 2013. Em segundo lugar, elegeu-se o poeta de Itabira por seu importante papel na história da literatura nacional, por suas poesias críticas que proporcionam uma reflexão sobre os problemas cotidianos e a condição humana. A sensibilidade do poeta nos tocou, assim como aos alunos que tiveram contato com seus escritos.

Após este primeiro momento, partimos então para o trabalho com os alunos. Inicialmente em conjunto, apresentamos aos estudantes informações sobre Drummond: sua existência e o contexto em que viveu. Para essa atividade foram utilizados vídeos com a dramatização de passagens de sua vida, poesias musicadas e pequenos jogos dramáticos onde se tentou traçar um paralelo da vida do autor e da própria vida dos alunos e professores. Em seguida, para se entender, ainda mais, o sentido de alguns escritos, a professora de história e de geografia organizou uma aula-debate com informações sobre a situação sócio-política brasileira e mundial na época em que o poeta viveu.

Dessa forma, os alunos puderam refazer seu olhar sobre a obra do autor, fazendo uma recriação da obra, pautada sempre pelo sensível olhar pensante que redireciona as próprias percepções sobre a vida e o mundo. Assim, as reflexões sobre as questões fundamentais da nossa própria vida foram mostradas

na poesia de Drummond. Finalizando esse primeiro momento, foi feita a leitura da poesia “No meio do caminho” e coube a cada aluno, a partir de suas reflexões e de suas impressões existenciais, escrever qual era a pedra presente em seu caminho e que deveria ser transposta, num incentivo à reflexão-ação.

Nesse mesmo tempo, o bairro Sarandi foi atingido por um alagamento que inundou aproximadamente quatrocentas casas das Vilas Asa Branca, Elizabeth e Nova Brasília, devido ao rompimento da barreira de contenção do Arroio Feijó. Muitos dos nossos alunos perderam tudo o que tinham. A comunidade buscou ajuda na escola, causando grande comoção por parte de todos. Essa foi a nossa pedra, enorme, no meio do caminho e foi também o momento que utilizamos para expressar nossa dor com a releitura da poesia “No meio do caminho”:

No meio do caminho

No meio do caminho
tinha uma pedra
Tinha uma pedra
no meio do caminho
Tinha uma pedra
No meio do caminho
tinha uma pedra.
Nunca me esquecerei
desse acontecimento
Na vida de minhas retinas
tão fatigadas.
Nunca me esquecerei
que no meio do caminho
Tinha uma pedra
Tinha uma pedra
no meio do caminho
No meio do caminho
tinha uma pedra.

Carlos Drummond de Andrade

No meio do caminho

No meio do caminho tinha água
Tinha muita água no meio do caminho
Tinha água no meio da noite,
no meio da casa,
no meio da rua,
no meio da vila,
no meio de tudo

Nunca esquecerei deste acontecimento
Na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca esquecerei que no meio do caminho
Tudo encheu d'água, tudo a água levou e quase
nada deixou
No meio do caminho tinha gente, que sofreu,
que perdeu, que chorou, que morreu
Nunca esquecerei que no meio do caminho
tinha indiferença, quase como uma sentença
Tinha muita gente
Tinha muita gente no meio do caminho
No meio do caminho tinha enchente.

Luciane Winter

Após essa tragédia, num movimento de superação, a escola voltou a sua rotina e como próximo passo do nosso projeto, cada professor disponibilizou-se a transcriber uma obra de Drummond com uma Totalidade da EJA.

O TRABALHO

A Totalidade 1 e 2, devido as dificuldades que a comunidade enfrentou com o rompimento da barreira do Arroio Feijó, escolheu o poema “E agora José?”. A releitura da obra foi feita através da escolha de imagens, adaptando o poema a uma realidade diferenciada do contexto do autor, numa atitude crítico-reflexiva que se tornou um desabafo frente às adversidades vivenciadas pelo grupo.

Dessa forma, os alunos optaram pela criação de uma apresentação de slides pelo programa Office Power Point com imagens relacionadas às suas vivências e ao texto do poema, sonorizada pela narrativa musical do cantor Paulo Diniz. Foi o momento em que o grupo pode fazer os questionamentos sobre os problemas da comunidade, refletindo assim sobre a sua realidade.

Com o auxílio do professor da sala de informática, a pesquisa de imagens foi feita e editada, bem como a escolha da trilha sonora. Muitas das imagens escolhidas remetiam à vulnerabilidade social dos alunos.

No final de semana que antecedeu as apresentações, o bairro Sarandi foi novamente castigado, fazendo com que várias famílias perdessem tudo que construíram ao longo da vida. A escola tornou-se a referência e o único apoio que muitas das famílias receberam, disponibilizando o seu espaço para o exercício da solidariedade e construção da cidadania, possibilitando assim uma releitura de vida.

Para os alunos da turma T3, composta por trabalhadores que deixaram a escola para trás em sua juventude para que pudessem sobreviver, lutando a cada dia, as “pedras do caminho” foram muitas. A escola ficou em ritmo de espera em suas vidas e a poesia escolhida não poderia deixar de ser “No meio do caminho”.

A linha de trabalho, desenvolvida pela professora, foi a de explosão de ideias referentes às dificuldades do passado, do presente e do futuro dos alunos. Foi um momento de extrema emoção, com lágrimas, ao lembrar as dores passadas e com risos, ao imaginar os projetos futuros. A produção escrita de cada aluno foi intensa, pois a cada frase, a busca das palavras certas para demonstrar o sentimento e as experiências vividas se transformou em novo desafio.

Logo, o grupo definiu a forma de apresentar o seu trabalho: cada um iria escrever em uma tira de cartolina, a principal “pedra em seu caminho”. Os alunos resolveram também transcrever o texto do autor em cartaz e ilustrar. Foi combinado que estas tiras iriam estar no chão, como se fossem mesmo pedras no caminho, e que cada um iria “tropeçar” nos seus escritos e ler para a plateia. Algo simples, mas que para a turma representava outro grande momento escolar: o de mostrar a produção escrita efetiva para os demais, para os “mais adiantados”.

A Totalidade 4 encantou-se pela poesia “Quadrilha”, ficando a cargo da professora de língua espanhola o trabalho com o pequeno grupo de nove alunos. Primeiramente, a professora apresentou a poesia em português, questionando-os sobre o título da mesma e o assunto a que ela fazia referência.

Em seguida, foi proposta aos alunos uma tradução da poesia para o espanhol e, posteriormente, uma dramatização da mesma, que seria gravada para apresentação aos demais alunos da EJA, mostrando que é possível falar de poesia através de outras linguagens.

Os alunos então decidiram que o cenário seria o de uma festa junina, sendo assim, organizaram o elenco e os papéis, relacionando as características pessoais de cada um com as dos próprios personagens, e desenvolveram os figurinos. Na fase dos ensaios, onde os alunos puderam expressar sentimentos e definir as falas de cada um em consonância com a narrativa da professora.

No momento da gravação, os alunos participaram com fervor, contribuindo com o seu melhor e ajudando os colegas quando cometiam algum erro. Após a tomada da cena, os risos e os comentários invadiram o auditório, palco das gravações:



Alunos da Totalidade 4 ao término da peça “Quadrilha”

A Totalidade 5, orientada pelo professor de Música, optou por fazer uma recriação e musicalização da poesia “Poema de Jornal”. O ritmo escolhido foi o Rap, com utilização da percussão corporal. As frases do poema foram recriadas e organizadas de tal forma que facilitasse as rimas, principal componente do Rap.

No “Poema de Jornal”, Carlos Drummond de Andrade relata fatos do cotidiano, muito semelhantes ao cotidiano de uma grande cidade como Porto Alegre ou de um bairro, como o Sarandi. O poema e sua expressão biografemática são os seguintes:

O fato ainda não acabou de acontecer
E já a mão nervosa do repórter
O transforma em notícia.
O marido está matando a mulher
A mulher ensanguentada grita
Ladrões arrombam o cofre
A polícia dissolve o meeting
A pena escreve.

Carlos D. de Andrade

Rap composto pelos alunos

O fato ainda não acabou de acontecer
E a mão nervosa do repórter já começa a escrever
O marido está matando a mulher à facada
A mulher grita morrendo ensanguentada
Ladrões arrombam o cofre pra fazer investimento.
A polícia dissolve a reunião e o armamento
A pena escreve a sentença do ladrão.

Alunos da T5 da EMEF João B. M. Goulart

A Totalidade 6 , orientada pela professora de Português, organizou uma série de maquetes inspiradas na poesia “No meio do caminho”, nas quais foram abordados os aspectos conotativos, tendo a pedra como obstáculo que impede o desenvolvimento pessoal e existencial do ser humano, e aspectos denotativos, na qual o objeto pedra impede a passagem ou protege quando necessário. O grupo também organizou uma série de relatos inspirados na poesia “Da utilidade dos animais”, nos quais foram abordados o uso indevido e abusivo dos animais, com as suas conseqüentes mortes:



Maquete feita pelos alunos da Totalidade 6

O QUE FICOU

Ao término das apresentações, ficou um sentimento de apropriação da obra de Drummond que transbordou o saber e o conhecer, num sentido de pertencimento. Sentimos como se parte dele, o autor e sua obra, também fosse parte nossa, num sentido de compartilhamento de existência e sentimentos.

Desenvolver um trabalho pedagógico como o proposto no “Projeto Escriteiras na EJA” não foi algo fácil e simples de se desenvolver, pois paradigmas precisaram ser quebrados, tanto por parte dos alunos, quanto dos professores. Porém, trabalhar com a possibilidade de ver, analisar, refletir, produzir, traduzir, criar e reinventar, num incentivo à livre expressão de ideias e a real compreensão do que se produziu é algo realmente nos encantou.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. Antologia poética. 35. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.

_____. A rosa do povo. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 1991.

Obras de Apoio

DALAROSA, Patrícia Cardinale. Pedagogia da Tradução: Entre Bio-oficinas de Filosofia. Porto Alegre: UFRGS (Dissertação de Mestrado), 2010.

O poeta das sete faces. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=nlaiw_ZC08k&list=PL9E285FC1EE20578D&index=1. Última visualização em 25 de novembro de 2013.

ROSA, Samuel. Poema das sete faces. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=s8YrYzCMvDQ> Última visualização em 25 de novembro de 2013.

Estratégias para formação de leitores na Educação Infantil

Márcia Telles
Graduada em Pedagogia
Especialista em Educação Infantil
Professora da EMEI Érico Veríssimo

“Um livro é um brinquedo feito com letras. Ler é brincar.”
Rubem Alves

Educação Infantil é espaço de prazer, de brincadeira e de aprendizagem. Neste contexto as crianças aprendem brincando, e brincar nesta faixa etária é a coisa mais importante do mundo. Brincando as crianças aprendem sobre relacionarem-se, valores, convivência, a ter rotina, alimentação, higiene, amar e ser amado. Inúmeras atividades são proporcionadas para que essas e tantas outras aprendizagens sejam desenvolvidas com prazer através das brincadeiras. Uma dessas atividades é a leitura. Os livros algumas vezes servem de suporte para subsidiar algo que o professor deseja integrar nas aprendizagens das crianças, outras vezes trabalha uma data comemorativa e principalmente é usado pelo simples prazer de ouvir uma história.

Ler é atribuir sentido. As crianças da educação infantil, que ainda não são alfabetizadas, lêem através das imagens, utilizando seus conhecimentos prévios e a maneira como se relacionam com o mundo. E é preciso incentivá-las no sentido de ler as imagens que os livros infantis oferecem. Lendo, o ser humano desenvolve a linguagem, o vocabulário, o raciocínio, a atenção, o senso crítico, a imaginação. Lendo o indivíduo viaja, se emociona, imagina, abre as portas da aprendizagem e da sensibilidade.

Na EMEI Érico Veríssimo o coletivo dos educadores construiu o projeto “A Arte da Literatura Infantil – Histórias para Ouvir, Contar e se Encantar”, que embasa e orienta o trabalho da literatura infantil nas turmas da escola no decorrer do ano com vista a incentivar a formação de leitores, desenvolvendo nas crianças o gosto pela leitura, através do manuseio de livros e da contação de histórias. Em cada ambiente de aprendizagem da escola existe um acervo disponível, com livros indicados para cada faixa etária.

A escola também conta com uma sala alternativa chamada de “Sala das Histórias”. Um espaço aconchegante, acolhedor e organizado para que as crianças desfrutem de atividades que as estimulem cognitivamente. Além de livros, esta sala oferece outras opções de recursos pedagógicos que visam incentivar e desenvolver as diferentes linguagens. Televisão, DVD e computadores estão disponíveis para serem usados periodicamente pelas turmas e o aproveitamento dos recursos devem ser planejados, precisando estar em consonância com o projeto desenvolvido por cada grupo etário. Quinzenalmente a escola recebe a visita do caminhão BiblioSesc, onde crianças e adultos da escola e da comunidade podem retirar livros mediante cadastro.

Cabe a cada professor e equipe planejar e definir estratégias para fomentar a leitura em seu grupo de crianças.

Socializando estratégias

**“... só a partir do momento que a professora conhece pessoalmente seus alunos,..., e continua a conhecê-los, pelas trocas de leituras e diálogos produzidos entre ambos na convivência cotidiana da vida em grupo, é que ela terá elementos para chegar aos conteúdos mais significativos da vida daquelas crianças e problematizá-los junto a elas.”
(Junqueira Filho, 2011)**

Conhecer a turma e planejar atividades pertinentes e significativas aos interesses do grupo e adequadas à faixa etária são estratégias a serem consideradas. Os relatos que seguem têm como objetivo socializar experiências de atividades planejadas, realizadas e avaliadas como produtivas para a formação dos leitores na Educação Infantil.

“Camilão, o Comilão” foi uma das muitas histórias utilizadas para conhecer o grupo de crianças e investigar conhecimentos já construídos pela turma JB1 (crianças de 5 e 6 anos) no início de 2014. A história conta que Camilão, um porco preguiçoso e comilão, certo dia pegou uma cesta e saiu pela floresta pedindo a cada animal que encontrava alguma comida. O cachorro lhe deu uma melancia, o burro lhe deu duas abóboras, a vaca lhe deu três queijos e quatro litros de leite e assim os animais foram contribuindo, sequencialmente, com os alimentos que produziam ou dos quais tomavam conta, até chegar ao número dez. No final da história todos pensam que Camilão comerá tudo sozinho, então o livro traz uma surpresa e convida as crianças a continuarem a história e a contagem a partir de dez. Após contá-la e recontá-la com o recurso do livro, foi apresentado às crianças cópias coloridas dos personagens da história e a turma recontou-a usando a memória. As crianças auxiliavam-se mutuamente, pois às vezes lembravam o animal e não lembravam com o que o personagem havia contribuído. Foi criado um quadro de contagem com os elementos da história, utilizando cópias das figuras e materiais recicláveis.

As crianças pintaram, recortaram e colaram as figuras em palitos de picolé. Cada figura foi colocada de acordo com a quantidade no numeral correspondente. O numeral estava colado em um rolinho de papel higiênico, fixado em papel cartaz. Com os alimentos da história também foi construído um jogo de memória.

O professor precisa conhecer previamente a história, para poder atuar com ela, tornando o momento da leitura interessante e lúdico. Mudar o tom da voz para diferenciar os personagens torna a história mais prazerosa.

“Uma história de Páscoa” foi um dos livros escolhidos para desenvolver atividades alusivas à Páscoa. Nesta, há dois personagens principais: um menino que esperava ganhar ovos de chocolate e um coelho que esperava ganhar cenouras na Páscoa. A história acontece, principalmente, em um jardim.

Este trabalho se iniciou por essa história, que foi lida tantas vezes quantas foram necessárias para que as crianças se sentissem satisfeitas. Quando já não pediam mais para repetí-la, foi solicitado que contassem o que ouviram. Em meio a várias vozes, a turma foi organizada para que todos pudessem contribuir e serem ouvidos. Assim, as crianças organizaram o que ouviram, interpretando, recheando e complementando o que os colegas já haviam dito sobre a história. Dessa história foram confeccionados palitoches; os personagens foram desenhados, coloridos, recortados e colados em palitos de churrasquinho e por fim realizado um teatro; a turma foi dividida em pequenos grupos onde as crianças deveriam decidir quem seria cada personagem e organizar a contação para interpretá-la para o grande grupo. As crianças estabeleceram critérios, organizaram-se e aos poucos foram revelando suas interpretações. Entre uma apresentação e outra uma criança sugeriu:

– Profe que tal se a gente fizesse o jardim?

E outra completou:

– É mesmo falta o jardim!

Uma terceira ainda disse:

– A gente podia fazer o jardim e contar essa história pra outra turma.

Nas falas das crianças foi possível observar o envolvimento com a história e o gosto pela representação foi tanto, que pediram para contá-la a outra turma. Assim construímos o cenário da história com sucata sobre o papel pardo e, na semana da Páscoa, convidamos a outra turma de Jardim B da escola para apresentação do teatro.

Como na história havia poucos personagens e várias crianças queriam participar, a apresentação foi sendo repetida. As crianças da outra turma gostaram tanto, que rapidamente aprenderam a história e também participaram das apresentações.

O planejamento expressa a organização do professor para realizar intencionalmente atividades que desenvolvam as diferentes habilidades ou competências de cada um. Entretanto tal planejamento requer flexibilidade, aceitando as sugestões e necessidades expressas pelas crianças. Neste caso relatado, a confecção do jardim e a apresentação do teatro para a outra turma, e ainda a contribuição daquelas crianças no teatro, foram pontuais para a reflexão acerca das construções individuais e cooperativas.

Desde março de 2014, o caminhão Bibliosesc visita quinzenalmente a comunidade onde a escola está inserida. Ficando estacionado na frente da escola, chamou muito a atenção das crianças que solicitaram visitá-lo. Quando fechado ele se parece com qualquer outro caminhão. Para usá-lo abrem-se as portas traseiras, colocam-se escadas e a magia começa. Lá dentro prateleiras com muitos livros, revistas e gibis para todas as faixas etárias, atendendo diversos interesses. Em um primeiro momento a turma foi conhecê-lo e informar-se do funcionamento, e sabendo que o horário de estada do Bibliosesc em frente da escola não coincidiria com o horário de chegada, ou com o horário de saída das crianças na escola, foram enviadas às famílias as fichas cadastrais, para as que gostariam que as crianças retirassem livro para serem lidos em casa, associassem-nas à biblioteca móvel. Indispensável dizer que as crianças adoram o dia dessa visita. Chegando ao caminhão as crianças se organizam sentando em roda para a devolução dos livros. Concluída as devoluções, inicia-se o trabalho de escolha do próximo livro a ser levado para casa. Enquanto uns escolhem, outros fazem rodas e escutam histórias “lidas” pelos seus pares. Às vezes essa organização acontece em duplas onde cada criança “lê” um livro para o colega. Outras crianças procuram a professora para ler, além das imagens e saber o que traz o texto também. Cada um do seu jeito se esforçou para que os familiares autorizassem a retirada de livros. Os menos interessados acabaram contagiados pela alegria de quem os retira e retornam a escola com os relatos da leitura em família.

Frequentar a Bibliosesc é, sem dúvida, um trabalho de incentivo a leitura, que vai para além dos muros da escola e faz com que pais e filhos tenham a oportunidade de aproveitarem esse momento tão importante para o desenvolvimento infantil.

A história “Um presente diferente” foi a atividade motivadora para comemorar o Dia do Amigo (20/07) na turma do JB1. Essa história foi contada na Sala das Histórias, utilizando o computador como recurso. As crianças ficaram atentas, de olho no monitor e solicitaram ouvi-la várias vezes. Nessa história, Marcel está de aniversário e recebe a visita de um amigo, que leva de presente um retalho da cortina de sua mãe. Marcel estranha o presente, dizendo que preferia um peão. No desenrolar da história os dois passeiam por diferentes lugares e descobrem muitas utilidades para o presente.

Após a contação, foi proposto às crianças que cada um fizesse um desenho em uma folha colorida. Concluídos os trabalhos, foi realizado um sorteio – tipo amigo oculto – e cada criança deveria presentear seu amigo com o desenho realizado. Nessa atividade o livro digitalizado ofereceu um novo significado do computador às crianças, que seguidamente pedem para “ver histórias” utilizando-se desse recurso.

Outra estratégia para estimular a leitura e construir competências linguísticas básicas: escutar, falar, ler e escrever utilizado nessa turma de JB é a organização de textos coletivos. Essa atividade acontece em grande grupo, geralmente em roda de conversa relatando ou concluindo uma atividade realizada que teve como base um assunto de interesse das crianças. Pode ser a leitura de um livro, atividades de exploração, passeios ou visitas recebidas ou realizadas pela turma. Já foram realizadas algumas atividades como esta e, lendo os textos construídos, é possível perceber o crescimento do grupo nesse tipo de atividade.

As atividades relatadas desempenharam papel fundamental na atração que o JB1 demonstra pelos livros, o que fica evidente quando as crianças optam por “ler” livros como entretenimento durante o horário da brincadeira livre.

Espero que esses relatos tenham inspirado e incentivado quem por eles tenha se interessado, gerando ideias e contribuindo para que tenhamos cada vez mais educadores comprometidos com a formação de leitores, principalmente na Educação Infantil, período onde muitas experiências jamais serão esquecidas.

Referência

JUNQUEIRA FILHO, Gabriel de Andrade. Linguagens Geradoras: seleção e articulação de conteúdos em Educação Infantil. Porto Alegre: Mediação, 2011.

Material de apoio

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. 3 v. Brasília: MEC, 1988.
EMEI Érico Veríssimo, Coordenadora pedagógica Cíntia Dubois Monteiro. Projeto de leitura: A Arte da Literatura Infantil – Histórias para Ouvir, Contar e se Encantar. Porto Alegre, 2013.
<http://pensador.uol.com.br/frase/NTMyOTA5/>

Hora do Conto Um Encontro com a Literatura

Carla Teresinha Andrade Melechi

Graduada em Pedagogia - Supervisão Escolar
Especialista em Interdisciplinariedade
Professora da EMEF Campos do Cristal

Sou professora da rede municipal de Porto Alegre há 15 anos e nos últimos três estou atuando na biblioteca Mario Quintana, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Campos do Cristal, no turno da tarde. Neste turno atendo, na sua maioria, as crianças da educação infantil e os alunos dos anos iniciais que frequentam as turmas do I e II ciclo de formação, tendo entre cinco e doze anos de idade.

Ao elaborar meu projeto de trabalho para ser apreciado e eleito pelo grupo de colegas da escola, procurei pensar no espaço da biblioteca como um “espaço vivo”, onde o encontro do leitor com os livros se efetua-se por um caminho repleto de prazer e de satisfação. Com objetivo de cativar, conquistar e incentivar o público de novos leitores para o desejo da leitura. Outro foco a ser atingido era o de promover ações em parceria com os professores referencia das turmas, auxiliando no desenvolvimento do trabalho que eles vêm realizando nas salas de aula. Segundo o manifesto da UNESCO sobre bibliotecas escolares:

Está comprovado que quando os bibliotecários e professores trabalham em conjunto, os alunos atingem níveis mais elevados de literacia, de leitura, de aprendizagens, de resolução de problemas e competências no domínio de tecnologias de comunicação e informação (UNESCO, 1999, p. 2).

Sabemos que infelizmente, em nossa comunidade escolar, a leitura não é uma prática diária e efetiva de nossos estudantes e que os livros, e outros portadores de textos, não estão acessíveis para a maioria deles. Acredito que cabe, então, à escola, e principalmente à biblioteca escolar, a missão de facilitar e proporcionar o acesso ao acervo existente neste espaço. Para tanto é necessário que este ambiente possa ser bastante diferenciado, atrativo e principalmente, muito acolhedor.



A biblioteca escolar é, sem dúvida, o espaço por excelência para promover experiências criativas do uso de informação [...] A escola não pode mais contentar-se em ser apenas transmissora de conhecimentos [...] tem que promover oportunidades de aprendizagem que deem ao estudante condições a aprender a aprender, permitindo-lhe educar-se a vida inteira (CAMPELLO, 2002, pág. 11).

Dentro desta proposta de trabalho reorganizei o espaço de nossa biblioteca, destinando um espaço para o atendimento dos alunos menores. Busquei facilitar o alcance ao acervo infantil existente, organizei um espaço para contação de histórias com características bastante atrativas a estes pequenos leitores. As estantes baixas, tapete colorido, bancos e caixas de material reciclado compuseram um novo cenário convidativo para o exercício do faz de conta no imaginário infantil.

É neste espaço que realizo a contação de histórias, hábito de tradição bastante antigo, que faz com que as pessoas estabeleçam um relacionamento cordial entre o ouvinte e o narrador. O ato de ouvir aguça o prazer e a imaginação e provoca, conseqüentemente, a curiosidade em ler. Contar histórias, portanto, aproxima pessoas, oportuniza troca de experiências e enriquece o nosso interior. Busco quinzenalmente exercitar esta atividade para as turmas do turno da tarde, intercalando com atendimento do empréstimo de livros para os alunos das mesmas.

Narrar é um hábito tão antigo quanto a história do homem sobre a Terra, e a plateia suspensa dos lábios do contador é tão cativante quanto no tempo das cavernas (SILVA, 2009, p. 34).



Para a contação ocorrer de modo satisfatório, procuro seguir algumas etapas de organização e planejamento a fim de atingir os objetivos que foram estabelecidos anteriormente. Ela deve acontecer num período de aproximadamente 40 minutos, no máximo. Os primeiros cinco minutos servem de preparação do grupo para instigação da leitura, os próximos vinte a trinta minutos de contação efetiva e os últimos minutos de exploração final para o fechamento. É necessário não ultrapassar o teto de cinquenta minutos para o atendimento de cada grupo.

Este processo de contação prevê uma preparação anterior que, primeiramente, se preocupa com a escolha dos textos ou livros a serem lidos ou contados através de narrativas, pois, segundo Abramovich (1995), "... não se pode fazer isso de qualquer jeito, pegando o primeiro volume que se vê na estante..." (p.18)

Procuro, portanto, me familiarizar com o texto anteriormente e escolho estes que, de alguma forma, estejam relacionados com as temáticas abordadas no planejamento escolar e venham a contribuir e acrescentar ao trabalho dos docentes, tais como: datas comemorativas, sustentabilidade e preservação do meio ambiente, folclore, autores do programa Adote um escritor, discriminação e preconceito, cidadania, valorização da vida, entre outros.

Para Silva

O contador, antes de tudo, é um leitor privilegiado, que cumpre um papel ativo: faz leituras prévias, seleciona textos, interpreta suas intenções para transformá-las em modulações de voz e gestos (SILVA, 2009, p.35).



A segunda questão é buscar os recursos que irão auxiliar no envolvimento do ouvinte com o texto que está sendo abordado. Os recursos podem ser bastante diversificados, como: fantasias, gravuras para avental, varal de imagens, máscaras, data show, instrumentos musicais, bonecos de palito, bonecos de pano, em outros, bem como a própria interpretação da história. Em algumas ocasiões, este momento serve para integração com outro projeto da escola, o Reciclando Artes, nos quais os alunos de uma oficina do contra turno, podem confeccionar alguns destes materiais.

Na terceira fase, ocorre a contação da história para o grupo de alunos. Preparo o grupo para focar a atenção no texto, aguçamos a curiosidade e faço o levantamento do conhecimento prévio dos

ouvintes quanto ao assunto que será abordado, instigando-os a escuta do texto.

A história algumas vezes é contada, em outras lidas e muitas contam interferência do grupo de ouvintes. Cabe salientar o quanto é importante o preparo e o conhecimento do texto a ser trabalhado. Através desta imersão no texto conseguimos valorizar as expressões, modular a voz em diferentes tons, realizar a entonação adequada para cada momento da leitura, bem como os gestos faciais ou corporais que podem tornar mais dinâmico e envolvente este processo.

Na última etapa, a participação do ouvinte é bastante efetiva. Procuo entender e explorar um pouco da compreensão dos mesmos. Escuto e questiono às crianças, busco provocar uma reflexão crítica das ideias abordadas nas histórias de forma lúdica e divertida. É neste momento que podemos debater aspectos significativos do texto para elas, é com este

diálogo que, por vezes, estabeleço elo com futuras atividades a serem desenvolvidas em sala pelo professor referência da turma.

Segundo Abramovichi :

Ao ler uma história a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar...pode se sentir inquietada, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião... (1995 p.143).

As aventuras, as vivências de emoções e de diversos valores humanos, que são abordados de diferentes modos dentro dos textos literários, convidam as crianças a mergulhar em um mundo de fantasias, onde é possível viajar e brincar com a imaginação através dos livros e de seus personagens. As histórias podem possibilitar muitos conhecimentos e auxiliam também na compreensão crítica do mundo que estamos vivendo, podemos através delas ampliar a capacidade de comunicação e expressão de nossos alunos.

A Hora do Conto é uma atividade pedagógica e recreativa, tem a grande responsabilidade na divulgação da leitura, promovendo momentos

de alegria, descontração e de desenvolvimento intelectual dos alunos. Através destas vivências as crianças e os adolescentes são convidados a viajar por universos desconhecidos e com personagens variados. Poderá ela também auxiliar na construção da escrita e no enriquecimento do vocabulário de um novo leitor.

É importante que o contador de histórias goste do que está fazendo e busque atingir o maior número de ouvintes possível, contribuindo para um fortalecimento cultural da nossa sociedade. Esta prática enriquece a todos os envolvidos: os alunos, pois são levados a imaginar e criar, e a mim que acabo vivenciando momentos muito gratificantes de divertimento, felicidade e satisfação pessoal e profissional.



Referências

- ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil: gostosuras e bobices. 5ª ed. São Paulo: Scipione, 1995.
- CAMPELLO, Bernadete Santos. A competência informacional na educação para o século XXI. In: CAMPELLO, Bernadete Santos. A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- UNESCO School Library Manifesto <http://www.ifla.org/VII/s11/pubs/schoolmanif.htm>
- SILVA, Vera Maria Tieztmann. Literatura Infantil Brasileira: um guia para professores e promotoras de Leitura. 2. ed. Goiania: Cãnone Editorial, 2009

Ler e Aprender

Um projeto do
Laboratório de Aprendizagem
da EMEF Saint'Hilaire

Carla Schrage

Graduada em Pedagogia
Especialista em Educação Jovens e Adultos
Professora da EMEF Saint'Hilaire

Zair Maciel

Graduada em Pedagogia
Especialista em Supervisão Escolar
Professora da EMEF Saint'Hilaire

“Ler é o melhor remédio”

Leia o jornal

Leia o outdoor

Leia os letreiros da estação de trem

Leia os preços do supermercado

Leia alguém!

Ler é a maior comédia.

Leia etiquetas jeans

Leia histórias em quadrinhos

Leia a continha do bar

Leia a bula de remédio

Leia a página do ano passado

Perdida no canto da pia

Enrolando chuchus.

Leia a vida...

Leia os olhos, leia as mãos

Os lábios e os desejos das pessoas.

Leia a interação

Que ocorre ou não

Entre física, geografia, miséria e chateação.

Leia as impossibilidades.

Leia ainda mais as esperanças.

Leia o que lhe der na telha

Mas leia

E as idéias virão.”

Francirene Gripp de Oliveira

O Laboratório de Aprendizagem (L.A.) tem como objetivo desenvolver atividades individuais e em pequenos grupos, conforme suas peculiaridades, para estimular e facilitar o resgate das aprendizagens necessárias e defasagens observadas pelos professores.

As professoras Carla Schrage e Zair Maciel, atentas e preocupadas com a grande demanda de alunos desinteressados pela leitura, e que chegam ao Laboratório de Aprendizagem da EMEF Saint’Hilaire sem domínio das habilidades linguísticas inerentes a esse hábito, como falar (expressando suas idéias), escutar (atento para ouvir), ler (interpretando o sentido) e escrever (representando idéias e opiniões), encontraram no Projeto Ler e Aprender, uma forma de implementar os trabalhos do L.A., buscando contribuir para a formação de leitores autônomos e competentes, conforme o projeto a seguir descrito.

Unindo ideias e percebendo a importância de colaborar para que os alunos leiam com domínio os diferentes gêneros e compreendam a leitura em seus diversos objetivos, foi proposto um trabalho de incentivo à leitura, dentro do Laboratório de Aprendizagem, a fim de que os alunos conheçam os diferentes objetivos de leitura e tenham um maior acesso a diferentes portadores de texto, especialmente, o literário.

Este projeto foi iniciado em março de 2013 e tem como objetivo atingir os diferentes níveis de leitores, despertando e incentivando o interesse pela leitura, facilitando o acesso do aluno aos diferentes portadores de textos, aproximando o aluno do universo escrito e dos portadores de escrita para que possa manuseá-los, reparar na beleza das imagens, relacionar texto e ilustração, manifestar sentimentos, experiências, idéias e opiniões, definindo preferências e construindo critérios próprios para selecionar o que irá ler, enriquecendo o seu vocabulário.

Busca também desenvolver as habilidades linguísticas de falar, escutar, ler e escrever. BAMBERGER (2000) cita a eficácia da leitura para o desenvolvimento da linguagem e também da personalidade.

Ao compreender a intenção, o ponto de vista de quem escreve, fazendo uma leitura crítica, o aluno reconstrói o sentido, segundo suas vivências, ampliando sua visão de mundo, auxiliando-o no processo de constituição da sua identidade e na formação de valores próprios.

Com o objetivo de contribuir para formação de leitores autônomos e competentes, as atividades propostas fazem com que os alunos tenham que perguntar, prever, recapitular, opinar, resumir, comparar opiniões, confrontar.

Para a realização dessa proposta no Laboratório de Aprendizagem, os atendimentos são realizados duas vezes por semana e são divididos em dois momentos. No primeiro momento são desenvolvidas atividades específicas de leitura e escrita do Projeto Ler e Aprender.

No segundo momento são realizadas as atividades tradicionais a esse setor: atividades práticas e jogos pedagógicos, buscando a superação das dificuldades e defasagens encontradas durante o trabalho de investigação do processo de construção da aprendizagem individual de cada aluno.



Para as atividades do Projeto, as professoras do Laboratório de Aprendizagem selecionam diversos livros, de diferentes gêneros, que ficam expostos num painel de livros para a livre escolha, apreciação e manuseio dos alunos.

Os alunos escolhem um livro da sua preferência, realizam uma leitura silenciosa de quinze minutos e têm cinco minutos para o registro da síntese da leitura feita naquele dia. Ao término do livro, o aluno preenche uma ficha de leitura a partir dos seus registros individuais.

O Projeto Ler e Aprender, realizado pelas professoras Carla Schrage e Zair Maciel no Laboratório de Aprendizagem, com as turmas de 2º e 3º Ciclos da EMEF Sant’Hilaire, confirmou sua necessidade e importância ao final de 2013.

Conforme pudemos observar, os alunos apreciaram a possibilidade de escolher suas próprias leituras no início dos encontros e, principalmente, poder realizar leituras com maior conforto e qualidade.

Alguns manifestaram, inclusive, que estavam estendendo o hábito da leitura para suas casas, demonstrando autonomia e compreendendo esse hábito como prazeroso, uma atividade de lazer.

Muitos alunos que mostravam dificuldade para leituras compreensivas chegaram ao final de 2013 lendo com competência. O manuseio da ficha de leitura trouxe, através dos relatórios escritos, uma novidade e perspectivas diferentes, assim como uma oportunidade de reflexão do aluno, não só sobre a leitura feita como também sobre sua condição de leitor e escriba, implementado e auxiliando no desenvolvimento dessas habilidades de forma muito satisfatória.

Luiz Fernando Veríssimo, ao destacar a importância da leitura, fez a seguinte descrição:

**“Além de informar e educar, a leitura também ajuda a pensar. Nos livros está a reflexão organizada sobre o mundo, que o jovem precisa para se orientar na vida. Sem falar, claro, no prazer e no enriquecimento que ele terá com a ficção e a fantasia.”
(VERÍSSIMO, 2008)**

A partir dos relatos e observações feitas pelos alunos e professores dos mesmos e, principalmente, pela avaliação feita pelas professoras do Laboratório de Aprendizagem quanto aos resultados, foi decidido incorporar o Projeto Ler e Aprender ao cotidiano deste setor, também no ano seguinte.

Em virtude do evento “Copa do Mundo”, e principalmente porque foi realizada no Brasil, com jogos em Porto Alegre, no período de março a junho de 2014, o Laboratório de Aprendizagem desenvolveu atividades de pesquisa nos mais diversificados recursos de leitura dentro da temática proposta, onde cada aluno constituiu, dentro deste prazo, seu material escrito.

Integrando-se ao Projeto “A REDE COM A BOLA TODA”, proposto pela Prefeitura de Porto Alegre, cada aluno do Laboratório de Aprendizagem, entre 12 e 15 anos, desenvolveu uma redação a partir do seu material pesquisado, a fim de participar da seleção que ocorreu em maio.

A possibilidade de participar dessa competição municipal foi de grande estímulo aos alunos que, entusiasmados, desenvolveram ótimos trabalhos, mostrando que a leitura pode ser incentivada das mais diversas formas e que as dificuldades tendem a ser superadas quando nossos objetivos são claros.

Segundo Ferreira (2012), ler melhora o linguajar, potencializa a tomada de decisões, estimula a criatividade e tem o poder de mudar sua vida.

Mas, principalmente em relação aos objetivos de que trata o Laboratório de Aprendizagem, a leitura “facilita a escrita” e estimula o raciocínio e memória:

**“O processo de leitura faz com que as sinapses (comunicação entre neurônios) cerebrais sejam intensas, isso faz com que ele se mantenha mais ativo e funcional, o que melhora a agilidade de busca interna de lembranças, fatos e informações...”
(FERREIRA, 2012).**

Finalmente, o Laboratório de Aprendizagem da EMEF Saint’Hilaire, através do Projeto Ler e Aprender, cumpre com o objetivo de investigar e contribuir para a superação das dificuldades de aprendizagem e impulsionar seus alunos a buscar novas informações, possibilitando a realização de um trabalho que tornou-se um grande gerador e fonte dos mais diversos conhecimentos, leituras e atividades prazerosas, através dos quais os grupos formados podem obter grande número de informações, de forma a prescindir gradativamente das atividades deste setor.

Referências

- BAMBERGER, Richard. Como Incentivar o Hábito da Leitura. São Paulo: Ática, 2000.
- FERREIRA, Wellington. A leitura é importante, mas, quais os benefícios que ela nos proporciona? , junho 2012 . Disponível em <<http://www.ovendedordelivros.com.br/2011/06/leitura-e-importante-mas-quais-os.html> > Acesso em 19 dez 2013
- OLIVEIRA, Francirene Gripp de. Vinte Lições. Belo Horizonte: Dimensão/MG, 1998.
- VERÍSSIMO, Luis Fernando. Autores falam sobre importância do livro e da leitura, agosto 2008. Disponível em <http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2008/08/22/421450/autores-falam-importancia-do-livro-e-da-leitura.html>. Acesso em 27 ago 2014

Livro Andarilho

Neiva Alves de Siqueira

Licenciada em Filosofia
Especialista em Educação de Superdotados
Professora da RME, em atuação na biblioteca da SMED Centralizada

Rodolfo de Matos Rocho

Graduado em Biblioteconomia
Especialista em Gestão Cultural
Bibliotecário na SMED Centralizada

O Projeto “Livro Andarilho” originou-se no conceito de bookcrossing que, segundo o Oxford Learner’s Dictionary (2014), significa

“the practice of leaving a book in a public place to be picked up and read by others, who then do likewise.”

Tradução livre: a prática de deixar um livro num local público, para que outros o encontrem, leiam, e voltem a libertá-lo.

O objetivo do bookcrossing é “transformar o mundo numa grande biblioteca” (BOOKCROSSING, 2014), permitindo que pessoas tenham acesso aos livros em lugares inusitados, sem custos, estimulando assim o hábito da leitura, promovendo o livro e democratizando a cultura.

O Dia Mundial do Livro, comemorado em 23 de abril, foi proclamado pela UNESCO, em Paris, no ano de 1995. Este dia foi escolhido por ser a data de falecimento dos escritores Shakespeare e Miguel de Cervantes, no ano de 1616.

Na região da Catalunha na Espanha, já mesmo antes do ano de 1995, costumava-se celebrar o Dia do Livro em 23 de abril, por ser data da morte de São Jorge, protetor da Catalunha, no ano de 303 d.C. e data da morte de Miguel de Cervantes, no ano de 1616.

Reza a lenda que São Jorge, cavaleiro guerreiro, matou um dragão para salvar a filha do rei da Líbia, que havia exigido o sacrifício da princesa. Para salvá-la, São Jorge matou o terrível dragão, tendo nascido no local uma roseira. Então, nesse dia é costume entre os catalães entregar uma rosa e um livro às pessoas com a seguinte frase: “uma rosa para São Jorge e um livro para Cervantes”.



Unindo esses dois conceitos, a Biblioteca da Secretaria Municipal de Educação criou o projeto Livro Andarilho. No Dia Mundial do Livro, a equipe da biblioteca recepcionou os colegas da SMED no saguão do prédio oferecendo uma rosa e um marcador de páginas com a mensagem acima e um breve texto sobre a data. Paralelamente, havia uma estante com livros disponíveis aos interessados.

Alguns livros foram espalhados pela cidade, e até em outros Estados. Antes de libertá-los, eles passaram pelo processo de registro no site BookCrossing Brasil, no qual foi atribuído um número de identificação, BookCrossing

Identification (BCID), para cada obra. Com este número é possível acompanhar por quais lugares ele viajou. Também foi acrescentada, a cada obra, uma etiqueta de “livro andarilho”, com algumas informações sobre o projeto.

Depois de registrados, foram libertados em algum ponto da cidade, Estado ou país, além de atualização no site de informações sobre o local e a data em que foi deixada cada obra. A pessoa que pegar o livro na rua

deverá ler e depois realizar o mesmo processo: ir no site e registrar onde o livro foi libertado, e assim sucessivamente.

Como dito anteriormente, o projeto extrapolou os limites da Secretaria, tendo os “livros andarilhos” chegado aos bancos da Praça da Alfândega, no Centro Histórico de Porto Alegre, nos bairros Jardim Planalto, Itu Sabará, Vila Leão e Jardim Ipiranga, também em Porto Alegre, e outras cidades como Gramado (RS) e Brasília (DF).



A ação superou as expectativas da equipe, diante da aceitação do público e retorno dos resultados. Foi presenciado que vários trabalhadores e frequentadores da Praça da Alfândega manifestaram interesse, apanhando os livros disponíveis.

Segundo a professora Neiva Alves de Siqueira apud Baldon (2014)

[...] oportunizar a leitura para pessoas que não têm a possibilidade de comprar um livro ou levar a leitura para as mais diversas esferas sociais são alguns dos objetivos do projeto Livro Andarilho.

Referências

- BOOKCROSSING. BookCrossing Brasil. 2014. Disponível em: <<http://www.bookcrossing.com.br/>>. Acesso em: 02 set 2014.
- OXFORD LEARNER'S DICTIONARY. Bookcrossing. 2014. Disponível em: <http://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/bookcrossing>. Acesso em: 02 set 2014.
- BALDON, Willian. Dia mundial do livro inspira lançamento de projeto. 2014. Disponível em: <<http://bibliotecasmed.wordpress.com/tag/livro-andarilho/>>. Acesso em 09 set 2014.

Que tem na Sopa do Neném?

Caroline Fraga Feijó

Pedagoga

Especialista em Alfabetização

Professora dos Anos Iniciais na Escola Municipal de Educação Básica

Liberato Salzano Vieira da Cunha

**“O que que tem na sopa do neném?
O que que tem na sopa do neném?
Será que tem mandioca?
Será que tem minhoca?
Será que tem jacaré?
Será que tem chulé?
É um, é dois, é três...”**

Palavra Cantada

Incentivar a leitura, despertar o prazer em ler, apreciar diferentes gêneros textuais, identificar rimas, reconhecer as sílabas, brincar, jogar, apropriar-se do Sistema de Escrita Alfabética são alguns dos desafios para os professores de Alfabetização.

Assim, para contemplar esses objetivos, buscando ampliar o repertório musical e proporcionar momentos de leitura, realizou-se, nos módulos de volância de duas turmas de A10 em 2013, a sequência didática que será descrita a seguir.

A sequência didática foi pensada a partir da música “Sopa” do grupo Palavra Cantada, considerando o direito de aprendizagem de Língua Portuguesa: “Apreciar e usar em situações significativas os gêneros literários do patrimônio cultural da infância, como parlendas, cantigas e trava-línguas.” (BRASIL, 2012, p.32)

Uma panela?

Para despertar a atenção e o interesse das turmas, levei uma panela para o momento da rodinha. Os alunos ficaram surpresos, curiosos e alguns acharam engraçado. Questionei-os sobre o que poderia ter ali dentro; por que a professora trouxe uma panela? A panela foi passando de mão em mão, sem abri-la, eles iam percebendo o peso, o som, e fazendo antecipações do que poderia ter ali dentro.

Esse foi um momento importante para explorar a oralidade das crianças, momento de escuta dos alunos, de reflexão, explorar os conhecimentos prévios e soltar a imaginação.



Após a exploração inicial e as falas das crianças abrimos a panela para analisar o que havia dentro. A panela continha coisas de comer e coisas que não eram de comer – nessa análise as crianças utilizaram o conceito matemático de classificação.

Ouvindo, cantando e aprendendo

As crianças tiveram a oportunidade de apreciar o vídeo da música “Sopa”, todos ficaram interessados e atentos, leram a legenda da canção de acordo com o seu conhecimento.

Logo a maioria dos alunos memorizou a letra da música que tem na sua estrutura estrofes que repetem várias vezes, atividades de repetição são importantes nessa faixa-etária, pois desenvolvem a capacidade de memória dos alunos. De acordo com Batista:



Quando gostam da história, é muito comum as crianças pedirem para que a leitura seja repetida algumas vezes. [...] Isso ainda leva as crianças a dominar a leitura e a relacionar e a incorporar o próprio texto e as respectivas palavras ao repertório ativo de cada uma delas (BATISTA, 2009 p.88)



Rimando

Depois de ouvir várias vezes e memorizar a letra da música, acompanhando a leitura na legenda do vídeo e no cartaz, foi o momento de separar os ingredientes de acordo com as rimas cantadas. Ao organizar descobriu-se que entre os ingredientes havia outros que rimavam, aproveitei esse momento para desafiar as turmas a pensarem outras rimas diferentes das propostas na canção.

Trilha silábica

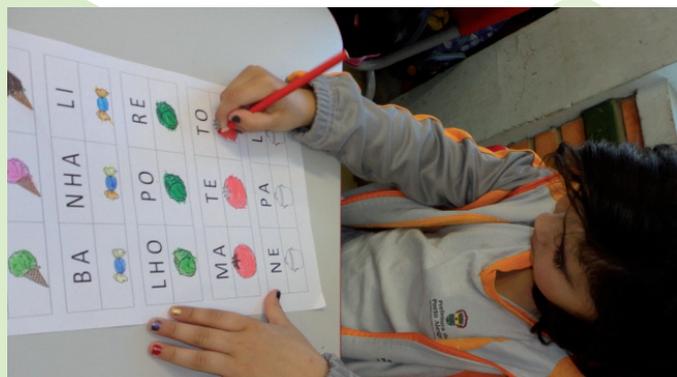
Conversamos sobre o conceito de sílabas já conhecido pelos alunos, assim propus que organizássemos os ingredientes de acordo com a quantidade de sílabas.

Após essa classificação os ingredientes foram reunidos numa sacola surpresa e a turma foi dividida em dois grupos, para que então fosse realizado o jogo da trilha com o objetivo de levar os nenês até a panela para comerem a sopa. Cada grupo foi andando pela trilha de acordo com a quantidade de sílabas de cada ingrediente da música.



Durante o jogo, os grupos perceberam que era vantagem sortear ingredientes com mais sílabas, assim antecipavam nomeando o ingrediente que o colega do grupo deveria pegar e enumeravam as características físicas para que fosse percebido através do tato.

Como registro do jogo da trilha, os alunos receberam uma folha com os ingredientes em sílabas para organizarem formando o respectivo nome.



Bingo!!

Nessa aula trouxe para a turma uma caixinha com as letras do alfabeto, nomeamos uma a uma e organizamos em ordem alfabética. Cantamos a música “Sopa” e desafiei a turma a relacionar o ingrediente com a sua letra inicial, construindo como denominou um aluno o “Alfabeto da Sopa do Nenê”.

Após, levei fichas com o nome dos ingredientes escritos para que os alunos lessem e relacionassem ao respectivo objeto. Na sequência da atividade realizamos um jogo de bingo no qual foi sorteado as letras e as sílabas dos ingredientes.

Finalizando o trabalho com a música, cada aluno criou a sua sopa com ingredientes que iniciassem com a sua letra do nome.



Refletindo...

Quando a prática pedagógica tem intencionalidades bem claras e atinge o interesse da criança, motiva a turma, a aprendizagem torna-se prazerosa, significativa e marcante.

A sequência didática foi sendo ampliada de acordo com a vontade das turmas que estavam envolvidas nas atividades, demonstrando quererem aprender e explorar as diversas possibilidades de aprendizagem da canção.

[...] é perfeitamente possível conjugar atividades de pura expressão lúdica, em que as crianças dançam e cantam (cantigas de roda ou outros textos poéticos da tradição oral), com atividades em que assistem à leitura de tais textos, participam de tal leitura e começam, curiosamente a explorar palavras daqueles textos (MORAIS, 2014, p.98).

Momentos vivenciados na sequência descrita, auxiliam na aprendizagem dos alunos pois através do jogo desenvolveram a consciência fonológica e as relações com a escrita refletindo sobre o Sistema de Escrita Alfabética, enriquecendo o vocabulário e o repertório musical através da ludicidade.

Referências

- BATISTA, Cleide Vitor Mussini. A educação da criança de seis anos. BRANDÃO, Carlos da Fonseca. PASCHOAL, Jaqueline Delgado. (Org.). Ensino Fundamental de nove anos: teoria e prática na sala de aula. São Paulo: Avercamp, 2009.
- BRASIL, Ministério da Educação. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Currículo na Alfabetização: Concepções e Princípios: ano 1: unidade 1/Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB, 2012.
- MORAIS, Artur Gomes de. Sistema de Escrita Alfabética. Como eu ensino. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2014.

O adolescente não-leitor: um desafio para a biblioteca escolar

Rochele Marcello da Silva Schott

Graduada em Pedagogia Supervisão Escolar
Especialista em Educação Infantil e Psicopedagogia
Professora da EMEF José Mariano Beck

Este é um relato do projeto de pesquisa-ação que foi elaborado buscando desacomodar aquele aluno já alfabetizado, estudante dos anos finais do Ensino Fundamental, mas que não lê. As atividades aqui descritas vêm sendo realizadas na Biblioteca Recanto do Pensamento, na EMEF José Mariano Beck.

Por entender a não leitura como uma ação pedagógica a ser superada, busquei recursos na perspectiva psicopedagógica. No planejamento foram investigadas: a “queixa dos professores”, o histórico escolar deste grupo de alunos e propostas de leitura que tirassem o estudante adolescente deste lugar de não-leitor. Pensei, então, em propor aos alunos leituras a partir de atividades lúdicas como pretextos rumo ao texto.

A ideia era envolver o aluno adolescente numa dinâmica para ele chegar ao texto sem sentir, realizar leituras e expressar suas impressões a respeito do que lhe foi provocado. A expectativa ainda é de que o aluno não apenas leia na biblioteca escolar, como também tenha vontade de levar um livro para casa ao final da atividade. Para isso, utilizei a Psicopedagogia para entender quem era esse aprendiz; quais fatores contribuíam para a sua não-leitura; em qual nível leitor ele se encontraria e de que recursos psicopedagógicos eu poderia dispor para a efetivação de um projeto de formação de leitores.

Os registros de atendimento da Biblioteca Recanto do Pensamento apontavam que os alunos a partir do 5º ano do Ensino Fundamental: levavam menos livros para ler em casa; frequentavam menos a biblioteca do que nos Anos Iniciais; eram levados oficialmente à biblioteca quando faltava um professor, como tarefa de substituição da aula; não tinham um professor como mediador de leitura; e, às vezes, eram solicitados a fazerem um fichamento de um livro literário por trimestre.

Outra constatação se refere a uma enorme divergência de concepções de alfabetização entre

as professoras dos Anos Iniciais e os professores dos Anos Finais; pois estes consideram seus alunos analfabetos. Segundo Vera Teixeira de Aguiar

[...] aqueles que se envolvem com a educação das crianças e jovens precisam estar cientes de seu papel na formação de leitores e, principalmente, ser também leitores. Isso porque só transmitimos um valor quando o introjetamos, quando estamos convencidos de sua importância. Assim, quem não lê não pode incentivar outros a lerem (AGUIAR, 2001, p.7).

Para buscar respostas e mudar esta realidade tracei os seguintes objetivos: desacomodar o aluno adolescente do lugar de “não leitor”; oportunizar vivências que envolvessem leitura através de atividades lúdicas e artísticas; estimular o ato de levar um livro para casa; incentivar a leitura e o gosto pelas Artes; exercitar a oralidade através de relatos das impressões do texto lido; sensibilizar os adolescentes através de textos que atendessem as dramáticas apresentadas pela turma em que se inserem.

Mas que leitura e que leitor? Neste projeto, considero texto toda produção cultural que conte uma história, ainda que esta esteja inclusive na imaginação do leitor em formação, como é o caso das leituras de imagens. Assim, trabalho não só com todo gênero escrito (narrativas, poesias, teatro), como também com filmes, esculturas, pinturas e música.

Meu leitor aqui é considerado um ser ativo, inserido socialmente e construtor de um repertório cultural, não por erudição; mas por atitude política de perceber-se como parte da

humanidade. Tendo direito a sua herança cultural e sendo também agente dessa produção.

Ser leitor dá trabalho. Inicialmente, o texto ficcional promove certa desordem interior, provocada por uma história que não sabemos onde vai dar ou se irá nos interessar. Vencida esta etapa, surge outra: das identificações. É laborioso não se incomodar com aquele personagem que desperta sentimentos paradoxais de amor e ódio, quando, na verdade, descobrimos que ele dialoga com um pedaço tão parecido de nós mesmos. Não, não é fácil ler literatura. Não passamos impunes por ela e, às vezes, dói. Será que vem sendo dado espaço para que os leitores possam falar dessas dores? (LOIS, 2010, p. 64)

Numa perspectiva psicopedagógica, esse espaço pode ser dado através da expressão da oralidade e da corporeidade, com debates e dramatizações nos encontros na Biblioteca Escolar. O formador de leitores tem que se ver como um grande leitor, de livros, de artes, de pessoas e de situações. Tem que se saber gente e fazer sua mediação com entusiasmo.

As turmas de 6º ao 9º ano iniciaram o ano letivo sem professoras de Língua Portuguesa até o mês de junho. Então a biblioteca era usada como atividade de substituição desses períodos, deixando disponíveis três períodos semanais com cada turma de 8º e 9º ano para eu trabalhar com quatro turmas. Essa regularidade de tempo permitiu a aplicação deste projeto de formação de leitores.

Quando os alunos chegavam à biblioteca não sabiam o que fazer ali, não demonstravam autonomia, nem interesse pelos livros. Era necessária uma intervenção pedagógica para não se perder a oportunidade, nem permitir que os alunos ficassem ociosos naquele espaço.

A primeira etapa desta pesquisa-ação foi o levantamento do perfil dos alunos, que se caracterizaram como: com histórico de reprovações e ou evasões com retornos, por isso há alunos “fora de idade” ainda no Ensino Fundamental; a alfabetização não aconteceu no primeiro ano de escolaridade; na leitura oral, a fluência era lenta e sem entonação (às vezes silabada, cansativa e isso dificulta a compreensão textual); havia um constrangimento em se fazer leituras coletivas em voz alta; pais analfabetos; o histórico familiar de fracasso escolar institui uma cultura de identificação cuja ruptura é dolorosa e, às vezes só conseguida pelos mais resilientes; as estruturas familiares fragilizadas, provocando outras organizações sociais das comunidades, cujo sentimento de sobrevivência impede que se perca a “fama de mau”, levando o adolescente a negar sua participação em atividades culturais como a leitura.

A segunda etapa foi o levantamento de quais assuntos poderiam atrair a atenção dos adolescentes. Algumas temáticas se apresentavam nos diálogos informais do grupo: namoro, sexualidade, valentia, autoestima, racismo, negritude, homofobia, violência sexual, justiça, roubo, armamento, tráfico, ser morador de vila. Nesses “relatos informais”, ficava clara a questão dos segredos e das dramáticas. Com este levantamento, já era possível definir que leitura para estes leitores.

Era preciso, então, selecionar textos que eles pudessem acompanhar e ler. Mas também os alunos demandavam uma instrumentalização para poderem compreender as histórias, interpretar seus signos e embasar debates e inferências. Era óbvio que eu não poderia chegar ali com um livro cru, numa aula fria e monótona. Então, mais uma vez usei a Psicopedagogia para buscar a ludicidade nessa tarefa de resgate de leitores. Era necessário um pretexto para a leitura. A provocação seria fazê-los ler sem sentirem. Assim, planejei oficinas oportunizando diferentes suportes para leituras (de palavras e de imagens), análises e variadas expressões dos alunos, nos

encontros na biblioteca escolar. Trabalhamos com o jogo simbólico entre palavra e imagem que contassem uma história (livro de contos, música, filme, peça de teatro, reproduções de pinturas e esculturas). As Artes foram pensadas para este projeto, tanto para sensibilização dos adolescentes como para apropriação desses bens culturais da humanidade. Para que as oficinas tivessem uma dinâmica, planejei um diálogo entre obras (intertextualidades) para oportunizar a abordagem das temáticas em diferentes suportes.

Outra forma de expressão planejada foram leituras compartilhadas entre os alunos para fazerem dramatizações. Apropriarem-se da personalidade de outro, expressarem sentimentos através das alegrias e dores dos personagens dos contos, vem rendendo boas leituras. Descentrar-se através do teatro é um ótimo exercício de catarse para esses adolescentes. Contribuindo também na questão da entonação nas leituras.

Em cada encontro há uma rotina: Hora do Conto – Expressão – Leitura livre – Empréstimos. Incentivo o **Li & Recomendo**: cada aluno prepara um marketing do livro que leu e deixa na Biblioteca como indicação para outros alunos. Vamos às práticas, com a realização das seguintes atividades:

a) “Quem conta um conto aumenta um ponto”:

Branca de Neve e suas versões (literatura e Cinema);

b) Buscando oportunizar a expressão corporal. Uso textos com diálogos para que cada aluno faça a interpretação vocal de um personagem, observando palavras que indicam o sentimento, a personalidade, o modo de se comportar para fazermos a sua composição (literatura e teatro). É dada uma cópia do texto para os alunos acompanharem a hora do conto. Solicito que os alunos pensem em como traduzir o texto em imagens para dramatização com as seguintes propostas: se fossemos encenar este conto, o que não poderia faltar no cenário? Como seriam as roupas de cada personagem?

c) **“Investigação Criminal”**: nesta

atividade, a turma foi dividida em quatro grupos, cada um com o livro “João & Maria”, FTD. Cada grupo recebe um envelope com um dos personagens: Pai – Madrasta – Bruxa – João & Maria. Brincando de CSI ou Detetives, devem ler o conto e fazer levantamento de crimes que o seu personagem do envelope cometeu na história. Apresentam para debate;

d) **Jogo dos Vilões**: mostro imagens de alguns vilões de filmes e animações cinematográficas no data show. Os alunos devem dizer o nome de cada vilão. Não vale a história, nem o filme! Apresento um texto que explica a origem da palavra VILÃO. Ofereço-lhes livros que mostram os antigos feudos (coleção Povos do Passado, da Melhoramentos). Peço que cada adolescente desenhe três vilões, indicando nome, história da qual saiu e qual sua vilania. Cada um apresenta seus vilões favoritos para a turma. Provocamos um debate sobre ética X estética;

e) **Quem Pintou?** Sem nomear, entrego diferentes gravuras de Cândido Portinari e Tarsilla do Amaral para os alunos olharem livremente e darem suas impressões sobre elas. Solicito que analisem e façam classificações do tipo: quem desenhou? Homem? Mulher? Criança? Explicando o porquê de suas impressões. Identificamos as obras, pintores e fases. Lemos as biografias de Cândido Portinari e Tarsilla do Amaral (ARANHA e ACEDO, 2002). Debates sobre as histórias de vidas parecidas de pessoas de origens familiares diferentes;

f) **Lendas de Países da Copa do Mundo**. Durante a Copa do Mundo, continuei a abordagem acerca de origens e culturas diferentes, mas com semelhanças. Para este projeto, trabalhei as seguintes lendas: Maria Degolada (Brasil), com a leitura do livro de Caio Riter em dois capítulos; Maria Angula (Equador); Bloody Mary (Estados Unidos), hora do conto e exibição do vídeo do episódio 5, da 1ª temporada da série Supernatural. Debates sobre os sentimentos provocados pelas lendas (pena, raiva, injustiça, inveja, ingratidão, curiosidade, nojo, medo). Esse projeto já abriu as portas para o de Folclore.

Essas foram algumas das atividades propostas aos adolescentes para incentivá-los a ler. Uma de nossas conquistas é a formação de um grupo de contadores de histórias, composto por alunos de diferentes turmas e ciclos.

Não se pode desconsiderar todos os fatores que interferem na não-leitura dos alunos na hora de avaliá-los. Às vezes, falta esse olhar dos professores de área que acabam condenando o de Língua Portuguesa a um trabalho desesperado, monótono e desestimulante para o aluno. Lois adverte (2010, p. 35) que: “Dar utilidade para o texto literário, antes de permitir o encontro [do estudante] com a arte, é sabotar o leitor [...]”. Além de limitarem as possibilidades de leitura a textos escritos, muitos professores se esquecem de trabalhar com diferentes linguagens, suportes e outras artes. Segundo Maria Helena Martins:

**[...] aprender a ler significa também
aprender a ler o mundo,
dar sentido a ele e a nós próprios,
o que, mal ou bem, fazemos
mesmo sem ser ensinados.
A função do educador não seria
precisamente a de ensinar a ler,
mas a de criar condições para o
educando realizar a sua própria
aprendizagem, conforme seus próprios
interesses, necessidades, fantasias,
seguindo as dúvidas e exigências que a
realidade lhe apresenta.
Assim, criar condições de leitura não
implica apenas alfabetizar
ou propiciar acesso aos livros.
Trata-se antes, de dialogar com o leitor
sobre a sua leitura, isto é, sobre
o sentido que ele dá, repito a algo escrito,
um quadro, uma paisagem,
a sons, imagens, coisas, ideias, situações
reais ou imaginárias
(MARTINS, 2012, p. 34).**

A leitura é antes de tudo um ato comunicativo. O que nos faz pensar: será mesmo possível, num mundo de tantos estímulos, não ler? Quem já não se deparou com um interlocutor que ao invés de

olhar em seus olhos, olhava-o de cima a baixo, lendo seu penteado, sua roupa, seu calçado ou seu gestual? Há de se ter muito cuidado ao avaliar e julgar um aluno adolescente como analfabeto. Quando um professor não acredita no seu aluno nem no seu trabalho, nem no de seus colegas, todos estão fadados ao fracasso. É preciso ser um leitor para formar leitores. Não é logo após a alfabetização que encontraremos um leitor literário. Entre eles, existe um longo caminho a percorrer: o letramento literário, que se faz com a sensibilização e mediação de produções culturais da humanidade, instrumentalizando o aluno para a leitura e a compreensão da palavra.

Referências

- AGUIAR, Vera Teixeira de. (Coord.)
Era uma vez na escola... formando
educadores pra formar leitores. Belo
Horizonte: Formato, 2001.
- ARANHA, Cecília; ACEDO, Rosane.
Encontro com Tarsila.
Belo Horizonte: Formato Editorial,
2002.
- ARANHA, Cecília; ACEDO, Rosane.
Encontro com Portinari. Belo Horizonte:
Formato Editorial, 2001.
- LOIS, Lena. Teoria e prática da formação
de leitores: leitura e literatura na sala
de aula. Porto Alegre: Artmed, 2010.

Feira do Livro na Monte Cristo, até os vilões nos amam

Ana Paula Schneider
Christine Farias
Virgínia Funchal
Dirlene Marimon

Equipe de professores da Biblioteca Érico Veríssimo
da EMEF Vila Monte Cristo

Na EMEF Vila Monte Cristo, Feira do Livro é negócio sério. Desde a criação da Escola em 1995, a professora Rosinaura Lisboa de Barros, fundadora e coordenadora da biblioteca pelos 18 anos seguintes, implementou a Feira, de modo que ela entrasse definitivamente no calendário pedagógico e cultural da comunidade.

A cada ano a Feira foi tomando uma importância maior e ficando ainda mais qualificada, atraindo visitantes e contando com a participação de autores e ilustradores entre outros eventos. Em 2013, entretanto, a professora Rosinaura se aposentou e uma nova equipe assumiu, em 2014, a responsabilidade de manter o padrão “Rosi” (do tipo que deixa o “padrão FIFA” parecendo coisa de criança) de atividades tanto da Biblioteca Erico Veríssimo quanto da Feira do Livro na Escola.

Contando com a assessoria competente e atenciosa do pessoal da Biblioteca da SMED, e com um trabalho sério e muito entusiasmo, nosso novo grupo iniciou suas atividades à frente desse espaço privilegiado e querido da Escola.

A necessidade de tomar conhecimento de como organizar, planejar e encaminhar as demandas de uma Feira do Livro de sucesso, já consolidada, por um grupo de pessoas sem experiência na área fez com que cedo as providências fossem tomadas. Uma das primeiras envolveu a definição do tema, que este ano foi “Os Vilões da Literatura”. A decisão foi baseada no filme da Disney, “Malévola”, que desconstrói a imagem de vilão, abrindo novas possibilidades de entendimento humano. Consultados, os professores concordaram que seria muito interessante.

Resolvemos, também, diminuir o espaço de vendas e investir mais nas atividades pedagógicas, pois como diz Sônia Zanchetta na sua obra Organização de Feiras de Livros:

[...] se o objetivo central é apenas o de promover a leitura entre alunos das escolas municipais, talvez seja o caso de se realizar outro tipo de evento literário, e não uma feira, pois as feiras são, em essência, eventos voltados à comercialização de uma ampla gama de produtos a preços promocionais (ZANCHETTA, 2010, p.11).

Portanto, optamos por usar parte do espaço físico da venda de livros para atividades como hora do conto, projeção de filmes e sessão de autógrafos.

Quanto aos livros vendidos na feira, fazemos consignação dos mesmos com algumas editoras e distribuidoras, que colocam o preço, e nos dão algum desconto em torno de dez a vinte por cento, verba esta que é reinvestida na biblioteca, seja para aquisição de novos livros, ou compra de material de expediente.

Começamos então os preparativos: selecionar obras, editoras, fazer pedidos, esboço da decoração, rifas para angariar fundos para a compra de materiais, e estabelecemos os objetivos da Feira, abaixo listados.

- Promover a valorização do livro no imaginário popular, mediante divulgação e atividades envolventes;
- Oferecer ampla e qualificada programação cultural com enfoque nas questões relacionadas com o livro e a leitura;

- Estimular e difundir a produção artística, literária e cultural da Escola;
- Desenvolver programa pedagógico que envolva, entre outras atividades, encontros com ilustradores e escritores durante a Feira, após a leitura de obras de sua autoria;
- Promover a leitura e, conseqüentemente a escrita e expressão oral;
- Colaborar com a inclusão social;
- Formar platéia para atividades culturais.

E, paralelo a isto tudo, a concretização no mundo real do imaginado “Cantinho da Rosi”. Já falamos nele?!

Queríamos muito fazer uma homenagem a nossa querida colega Rosinaura e a ideia era que esta acontecesse durante o evento. Começamos por convidá-la para ser a primeira patronesse da Feira. Já na abertura, ela entrou na escola no primeiro horário, com todas as turmas no pátio, batendo a sineta e entregando rosas, numa referência carinhosa ao tradicional encerramento da Feira na nossa cidade. Discursos emocionados, aplausos, e estava oficialmente aberta nossa Feira. A inauguração do “Cantinho da Rosi”, um espaço agradável dentro da biblioteca para leitura e contação de histórias, que permitisse que em parte e simbolicamente, ela permanecesse na sua querida Biblioteca, foi um momento digno de nota.

Convidamos colegas de artes para realizarem conosco a pintura das paredes, que de tijolinhos marrons passaram a ser coloridas, com mandala, árvore e uma figura da homenageada em meio ao seu amor maior, os livros. Ganhamos e pintamos palets, cortamos e forramos um colchão, a escola forneceu os tatamis, pintamos os armários, que de cinza, passaram a ser multicoloridos, enfim, uma pequena e encantadora revolução no espaço da nossa biblioteca. Tivemos muita ajuda de colegas, alunos, parentes, amigos e trabalhamos inclusive durante o recesso.



Durante a Feira fizemos um coquetel de inauguração do cantinho. Ver a surpresa no rosto da Rosinaura, sentir a sua emoção na revelação do espaço, fez tudo valer a pena.

A decoração do prédio onde acontece a Feira é um caso à parte, pois provoca o imaginário de todos com diversos estímulos: vilões, figuras do folclore brasileiro, esqueletos, aranhas entre outros personagens. E os pequenos são os primeiros a aprovarem, sem receios. Contamos inclusive com a parceria do artista plástico Américo Souza que reproduziu lindamente em escala ampliada as figuras do Boitatá, Bicho-Papão e Mula-Sem-Cabeça.

Entre as várias atrações que programamos para semana de duração da Feira, estava o nosso escritor homenageado Christian David, que desde maio nos garantiu sua presença com muita satisfação por ter sido escolhido. Seus livros foram oferecidos aos professores da escola, que acolheram a idéia, compareceram e fizeram trabalhos muito significativos com as obras, entre elas “Mão dupla”, “O Filho do Açougueiro”, “A Menina que sonhava com os pés”, “Sangue de barata”, etc. Christian conversou com todos os alunos da escola, nos dois turnos, proporcionando momentos de aprendizagem e um mergulho no mundo da escrita de livros. Muitos alunos compraram suas obras, disponíveis na Feira, e puderam trazer para o autor autografá-las após o encontro.



Programamos também apresentações de teatro com o professor Mateus Gonçalves que apresentou o livro “Sangue de barata” com uma turma de B10 para alunos de primeiro e segundo ciclos. Na verdade, em um mesmo momento, vários eventos aconteciam em espaços diferentes da escola: visita das turmas à Feira, exibição do filme “Malévola”, (que escolhemos por trabalhar com a questão da desconstrução do sentido de “vilão”) na sala de vídeo, contação de histórias no Cantinho da Rosi entre outros.

Recebemos também a escritora e ilustradora Liza Petiz, que desde há muito nos visita e prestigia com lindas “hora do conto”. Desta vez, veio divulgar seu novo trabalho de ilustração no livro “Cada galho com seu macaco”, que foi trabalhado anteriormente por várias turmas do primeiro ciclo, e tiveram então o encontro,

onde aprenderam com Liza o processo de confecção de um livro, bem como tiveram acesso aos desenhos originais da ilustradora.

A professora Thanira também nos brindou com uma “Sessão de histórias” direcionadas ao segundo ciclo, e o grupo “Voelendo” da EMEF Pasqualini, coordenado pela professora Anna Beatriz, recitou poesias, contos e histórias com a temática “terror, medo e vilões”, para o segundo e o terceiro ciclo. A EJA também curtiu muito a exibição do filme e a visita na Feira, tendo, infelizmente, sido cancelada, por motivo de doença da contadora, a “Sessão de histórias” que estava marcada, não nos dando tempo hábil para programar outra atividade (imprevistos incluídos no pacote, fazem parte).

Incluímos nas atividades também, o projeto da AEGES “Assombros na Escola”, que leva livros e pessoas (escritores e ilustradores) envolvidas no projeto “Assombros Juvenis”, livros de contos infanto-juvenis com temática de terror, até as escolas interessadas. Recebemos neste evento os escritor Rodrigo Barcellos, Gládis Berriel, e a ilustradora Liza Petiz. As turmas de terceiro ciclo que se envolveram e trabalharam os contos com as professoras de Português em sala de aula, encontraram-se com o pessoal dos “Assombros” para um bate-papo bem legal e ainda puderam autografar os livros que receberam. Tietagem explícita.



Outra característica mantida no evento é o trabalho do grupo de “monitores da feira”, alunos responsáveis e disponíveis que reunimos para trabalhar conosco durante a semana cuidando das bancas, verificando preços, organizando decoração, etc. Os alunos são identificados com crachá e aventais para poderem circular pela escola, visto que esta colaboração acontece no turno inverso ao que estudam. Uma parceria inestimável!

Pelo segundo ano consecutivo fizemos o Dia da Fantasia, onde todos da escola são convidados a se vestirem conforme seu personagem favorito. E o pessoal compra a ideia! Tivemos o Capitão Gancho, bruxas, vampiros, tartarugas ninja, diabinhos, ninjas, monstros e outras criaturas interessantes. Imagina assistir aula com o professor de matemática fantasiado de Homem-Aranha?!

Tivemos o cuidado de programar atrações para todos os ciclos e envolver professores nas atividades culturais. No encerramento, recebemos a visita de professores de Santa Cruz Do Sul, que ficaram encantados com a Feira. Nossa Patronesse proporcionou aos monitores um delicioso café da manhã, como forma de agradecimento pela grande ajuda que nos prestaram. A Feira foi encerrada com apresentações musicais da professora Caroline Ponso e seus alunos do complemento de música e da professora Maíra, com apresentação de Capoeira.

E o que ficou no final da Feira? A certeza de que dá muito trabalho, envolve planejamento, jogo de cintura para contornar imprevistos, disposição para trabalhar a mais. Mas que também deixa um brilho no olhar de todos, movimenta a escola que lê ainda mais e deixa para nós, que valorizamos a leitura, uma enorme satisfação por um trabalho bem feito!

Fotos do evento no álbum no Face da Biblioteca Erico Veríssimo no link abaixo.
<https://www.facebook.com/media/set/?set=oa.668477436579106&type=1>

Referência

ZANCHETTA, Sônia. Organização de feiras de livros. 3.ed.,
Porto. Alegre: Câmara Rio-Grandense do Livro, 2010.

Alfabetizando com Felpo Filva: uma história para além dos muros da escola

Ana Cristina Motta da Silva

Graduada em Pedagogia
Especialista em Alfabetização e Letramento
Professora da EMEF Prof^a Ana Íris do Amaral

Vivemos e convivemos diariamente em uma sociedade letrada, onde há recursos de leituras e de escritas por vários ambientes sociais. Mas isso não garante que os níveis de letramento sejam iguais para todas as pessoas. Ainda há educandos que ingressam em escolas públicas municipais com níveis baixos de letramento. A falta de recursos financeiros ou talvez de estímulos pode acabar interferindo diretamente nesses processos de conhecimentos.

Diante dessa situação, a escola fica com o desafio de oferecer esses recursos e estimular tanto a leitura como a escrita, promovendo e ampliando as aprendizagens relacionadas à alfabetização e ao letramento. Buscar ou proporcionar um ambiente que alfabetize letrando, ou seja, onde a leitura e a escrita tenham os seus papéis sociais definidos e contextualizados, é trabalhar com o sentido que vai além da decodificação. É interagir com a leitura e a escrita de maneira dinâmica:

Compreendemos que para alfabetizar letrando, é preciso que o professor assuma certas posturas, de modo que a prática pedagógica seja conduzida no sentido de viabilizar a formação de um sujeito que não apenas decodifica/codifica o código escrito, mas que exerça a escrita nas diversas situações sociais que lhe são demandadas. Assim, cabe ao professor realizar o trabalho de aquisição da tecnologia da escrita, somando à interação com diferentes textos escritos, bem como criar situações de aprendizagem que se aproximem do uso real da escrita fora da escola (MACIEL; LÚCIO, 2009, p. 32).

Assim, a Literatura Infantil tem sido uma grande aliada nesse processo. No ano letivo de 2012, na Escola Municipal Professora Ana Íris do Amaral, o projeto "Alfabeletrando com Felpe Filva: uma história para além dos muros da escola" foi desenvolvido com uma turma de terceiro ano do primeiro ciclo (A32), no turno da tarde, e uma turma de progressão (AP), no turno da manhã, pela professora referência das turmas. Esse projeto foi centrado no livro "Felpe Filva", de Eva Furnari, da editora Moderna, o qual, além de abordar diferentes gêneros textuais, também abrange questões atitudinais, como, por exemplo, o respeito às diferenças e a violência dentro do ambiente escolar.

O trabalho pedagógico foi centrado, planejado e contextualizado na busca efetiva da ampliação e sistematização de aprendizagens e conhecimentos. Buscou-se oportunizar aos educandos contatos diretos e com recursos diversificados de leituras e de escritas para obterem o domínio de habilidades e competências ligadas a elas. As crianças foram incentivadas a desenvolver estratégias de leituras e conhecer estruturas de textos diferentes. Assim, a leitura e a escrita foram contextualizadas, em situações "reais", com funções sociais específicas e com significados, mostrando aos educandos a necessidade de dominar competências de leitura e escrita e para que pudessem interagir como mais desenvoltura em nossa sociedade letrada:

[...] a criança alfabetiza-se, isto é, constrói seu conhecimento do sistema alfabético e ortográfico da língua escrita, em situações de letramento, isto é, no contexto de e por meio de interação com material escrito real, e não artificialmente construído, e de sua participação em práticas sociais de leitura e de escrita; por outro lado, a criança desenvolve habilidades e comportamentos de uso competente da língua escrita nas práticas sociais que a envolvem no contexto do, por meio do e em dependência do processo de aquisição do sistema alfabético e ortográfico da escrita. Este alfabetizar letrando, ou letrar alfabetizando, pela integração e articulação das várias facetas do processo de aprendizagem inicial da língua escrita, é, sem dúvida, o caminho para a superação dos problemas que vimos enfrentando nesta

etapa da escolarização; descaminhos serão tentativas de voltar a privilegiar esta ou aquela faceta, como se fez no passado, como se faz hoje, sempre resultando em fracasso, este reiterado fracasso da escola brasileira em dar às crianças acesso efetivo e competente ao mundo da escrita (SOARES, 2004).

Com esta proposta buscou-se promover um ambiente que alfabetizasse letrando, partindo dos diferentes gêneros textuais constantes no livro “Felpo Filva”, de Eva Furnari: autobiografia, manual, cartas, bilhetes, bulas, fábulas, conto de fadas, receitas, listas, convites, provérbios, poemas, partituras. Promover práticas pedagógicas que garantissem a inclusão de educandos com necessidades educativas especiais no ambiente escolar de forma dinâmica e contextualizada também foi um dos objetivos deste projeto.

O trabalho pedagógico, quando articulado, planejado e estruturado dentro de um contexto por projetos torna as aprendizagens mais dinâmicas, interativas e envolventes, pois oportuniza a participação de professores, educandos, famílias e comunidade escolar. Um dos recursos que mais utilizo é a Literatura Infantil, em que seleciono livros com o tema ou assunto a ser trabalhado, considerando que:

Toda proposta de trabalho com projetos possibilita momentos de autonomia e de dependência do grupo; de cooperação com o grupo sob uma autoridade mais experiente e de liberdade; momentos de individualidade e de sociabilidade; de interesse e de esforço; de jogo e de trabalho como fatores que expressam a complexidade do fato educativo (BARBOSA; HOR, 1998, p.19).

Além da preocupação com efetivar a alfabetização e a ampliação dos níveis de letramento, houve também o interesse em trabalhar com as questões relacionadas à violência e à inclusão escolar, pois em ambas as turmas havia crianças com necessidades educativas especiais.

O livro foi apresentado às crianças em partes e o início do trabalho foi através do título: “Felpo Filva”. Quem seria esse personagem? Como seria? Pedi que cada um pensasse e depois desenhasse como imaginava o Felpo. E assim foi feito: pensaram e depois desenharam: ETs, monstros, pessoas, entre os mais diversos tipos de personagens. Recolhi os desenhos e encerrei a aula. No encontro seguinte, iniciei o trabalho socializando os desenhos realizados anteriormente. Depois comecei a leitura do livro sem mostrar a capa. Então descobriram que o personagem morava em uma toca, até reconhecerem que se tratava de um coelho. As crianças ficaram muito surpresas, pois ninguém havia imaginado que Felpo Filva seria um coelho. Ficaram chocadas em saber pelo que ele havia passado em sua infância, quando foi discriminado por ter uma orelha mais curta que a outra. No início do livro, o personagem Felpo Filva, que é um poeta, escreve a sua autobiografia, lembrando esses fatos que marcaram a sua infância. O primeiro gênero textual com que trabalhamos foi Autobiografia e depois, Biografia. Assim, fomos ampliando o leque sobre violência, discriminação, preconceito e inclusão, de maneira lúdica, já que o fato de o Felpo ter essa diferença em uma das orelhas marcou tanto a sua infância. Depois fui direcionado o assunto para a nossa realidade escolar.

Na história citada, a família do coelho busca uma tentativa de corrigir o encurtamento da orelha de Felpo, que, quando filhote teve que usar um aparelho chamado Sticorelia. Confeccionamos os Sticorelias com sucatas variadas, e nas aulas de Artes, com o auxílio da professora arte-educadora Keila de Molina, foram decorando os aparelhos. Todos os Sticorelias foram usados pelas crianças. Trabalhamos com o gênero textual Manual. Lemos o manual do Sticorelia e outros tipos de manuais que os educandos trouxeram de suas casas (de celulares, de brinquedos e de aparelhos). Fizemos um jogo com a palavra M A N U A L em que as crianças foram desafiadas a formar novas palavras usando somente as letras que a formam.

E assim seguimos com a leitura do livro, que era feita por partes, quase que diariamente e realizando diferentes atividades com os diferentes recursos de gêneros textuais como: cartas, receitas, poemas, bulas, fábulas, contos de fadas, partitura e outros.

Construção dos Sticorelias



Diante desse contexto havia a preocupação e a necessidade de tornar a sala de aula em um ambiente que garantisse o respeito e o espaço que todos pudessem estar bem e aprender. Percebia que todos aqueles “sermões” que fazia diariamente não estavam surtindo efeito. Mas ao mesmo tempo observava que as crianças estavam comovidas com a situação do Felpo.

Em aula uma criança sugeriu: “Já que fizemos os Sticorelias, poderíamos fazer o Felpo também”. Logo a ideia foi aprovada por todas as crianças. Então resolvemos confeccionar o boneco Felpo Filva. As crianças ficaram muito empolgadas por terem o boneco do Felpo. Fiquei pensando em como poderia “aproveitar” essa motivação. Então sugeri que o boneco Felpo pudesse visitar as suas casas. Foi uma festa! Só que ele teria uma missão especial: e essa missão seria conversar com as suas famílias sobre a violência dentro do ambiente escolar.

Além de todas essas atividades sobre leitura e escrita centrada nos diferentes gêneros textuais apresentadas no livro, também fez parte deste projeto a confecção do boneco Felpo Filva, que teve a missão de pararmos, pensarmos e conversarmos com as famílias sobre a questão da violência que acontece no ambiente escolar. Em ambas as turmas aconteciam fatos cotidianos de discriminação. Na turma da manhã (AP) havia várias crianças com necessidades educativas especiais, além de outras que já haviam passado por insucessos escolares. Já na turma da tarde (A32) algumas crianças discriminavam outras: uma menina por ter lábio leporino (que era chamada de boca torta), outra por ter uma pinta na testa, outro menino que era chamado de “gay”, e também faziam provocações a um menino autista, que se desorganizava emocionalmente.

Sticorelias prontos



Educando com o Felpo



E assim foi. Cada dia uma criança levava o Felpo para casa, com um relatório por escrito, no qual, junto com a família, abordava questões e soluções práticas sobre a violência escolar. Diariamente líamos os relatórios de visita e conversávamos sobre o assunto. Obtivemos resultados bem significativos. Crianças assumindo que praticavam de alguma forma a violência na escola (apelidos, deboches, discriminação) estavam dispostas a mudar e receberam o apoio de suas famílias para que houvesse a mudança. As famílias foram parceiras nessa etapa do trabalho, pois muitas até desconheciam que, de uma certa forma, seus filhos eram vítimas da violência escolar ou a praticavam, e auxiliaram para que essas atitudes fossem revistas e/ou melhoradas.

Essa atividade acabou auxiliando os educandos, pois acabaram se sentindo incluídos e participantes de todas as etapas do projeto e assim foram estimulados a se sentirem como indivíduos capazes de aprender. Essas crianças acabaram avançando em seus processos de alfabetização.

A culminância do projeto foi no dia 28/11/2012, quando realizamos a cerimônia de casamento do Felpo e da Charlô, já que na história eles acabam casando. As crianças produziram e confeccionaram os convites de casamento, que foram entregues para suas famílias, professores, direção, educadores sociais e funcionários. Também construíram todos os enfeites para a decoração da cerimônia, com o auxílio da professora Keila Molina. Tivemos a presença dos professores, das famílias e de todos os educandos envolvidos no projeto.

Trabalhando com receita



Construção do convite de casamento



As noivas chegando...



Casamento: Os noivos no "altar"



Pode beijar a noiva!



Bolo de casamento



Realizamos uma festa mesmo, com bolo, noivos, pajens, “padre”, alianças, valsa e tudo mais. Foi um momento mágico e maravilhoso, pois esse projeto acabou envolvendo toda a comunidade escolar e promovendo avanços no domínio tanto da leitura com da escrita das crianças envolvidas.

Festa de casamento



Referências

- BARBOSA, M. C. S.; HORN, M. G. S. Por uma pedagogia de projetos na educação infantil. *Revista Pátio*, a. 2, n. 7, p. 16-19, nov. 1998/jan. 1999.
- MACIEL, F. I. P.; LÚCIO, I. S. Os conceitos de alfabetização e letramento e os desafios da articulação entre teoria e prática. In: CASTANHEIRA, M. L.; MACIEL, F. I. P.; MARTINS, R. M. F. (Orgs.). *Alfabetização e letramento na sala de aula*. Belo Horizonte: Autêntica; Ceale, 2009. p. 13-33.
- SOARES, M. Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos. *Revista Pátio*, fevereiro de 2004.

Professores também leem e contam histórias

Ana Paula Araújo

Doutoranda em Educação na PUCRS
Coordenadora Pedagógica do Turno Integral da EMEF Migrantes

Ilza Tavares

Graduada em Pedagogia
Especialista em Educação e Psicopedagogia Institucional e Clínica
Professora da Hora do Conto da EMEF Migrantes



Professora da Hora do Conto:
Ilza Tavares

Para formar alunos leitores é necessário a formação de professores leitores. Pensando nisso a Coordenadora de Projetos da EMEF Migrantes e a professora responsável pela Hora do Conto em 2014 elaboraram uma proposta com a intenção de atingir esse objetivo em algum sentido.

A iniciativa consistiu em propor ao grupo de professores que, a cada encontro, um professor pudesse, de forma espontânea, abrir as reuniões pedagógicas do turno da tarde com a leitura de um texto que fosse de seu gosto, apenas com o intuito de compartilhar sugestões de leitura e gostos literários até então não revelados para seus colegas. O grupo de professores aceitou o convite e de modo surpreendente foi trazendo não só seus textos e gostos literários, mas também performances pessoais arrojadas; compartilhando com o grupo suas leituras com criatividade e bom humor. Então, no decorrer das reuniões pedagógicas desse ano, de forma natural, novos espaços e perspectivas de conhecimento, convivência, solidariedade e acolhimento foram

**ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL
MIGRANTES**
Escola da Rede Municipal de Ensino
de Porto Alegre situada na Av. Severo Dullius, 165
- no bairro Anchieta (próxima ao
Aeroporto Salgado Filho) -
que atende os alunos da Vila Santíssima
Trindade, mais conhecida como Vila Dique.

**“Assim como a poesia, o conto tem
um valor grande e exatamente humano.
Expressa por meios simples, as imagens e os
sentimentos que vive a humanidade inteira”
Van Geneep**

se desenvolvendo para alegrar e fortalecer nossa equipe de trabalho. Aos poucos, espaços interativos foram se delineando no desenvolvimento de habilidades e na troca de vivências e experiências enriquecedoras, já que

**[...] as pessoas anseiam por exemplos
não apenas de encanto e beleza, e tão
pouco apenas de tolerância - mas de uma
verdadeira compaixão e compartilhamento.
Essas histórias ajudam a entrar em
contato com o que há de melhor em nós
(GUTFREIND, 2010, p.73).**

Assim, semanalmente em nossa escola o ato de contar histórias vem proporcionando encantamentos e a ampliação de conhecimentos. Essa iniciativa, mesmo de forma singela, vem possibilitando que o grupo de professores da EMEF Migrantes venha, de alguma maneira, se permitindo (re) pensar e refletir sobre a importância de preservação das relações de proximidade, para que nossas humanidades

não sejam absorvidas pela correria do dia a dia e se apossem do nosso ambiente de trabalho indiscriminadamente. Além disso, através dela está sendo possível conhecer um pouco mais sobre os colegas com os quais compartilhamos o nosso dia a dia.



Professor de História e Filosofia:
Cleber de Azevedo Castilhos

Esperamos que essas experiências também contribuam para que posteriormente ocorra a busca, por parte dos professores, por um contato mais aprofundado com as referências que mais lhes interessaram e que essa ampliação de experiências bem sucedidas com a literatura, fomentadas pela escola, auxiliem os professores a contagiar seus alunos com a paixão pela leitura.



Professora do Laboratório de Aprendizagem:
Simone da Silva Straccioni

Se não pararmos para escutar a nós mesmos como vamos fazer com que os alunos o façam? Se não gostarmos de ler como formaremos alunos leitores?



Professora da SIR: Caroline Lima Vargas

Ao desafirmos os professores a passar por essa experiência esperamos contribuir na formação de professores mais interessados e comprometidos no fomento à leitura - já que temos mais chance de sermos bem sucedidos em desenvolver o gosto pela leitura em nossos alunos quando mostramos a eles que nosso discurso é coerente com nossa ler é mesmo um gostosura!



Professora do Jardim: Carla Cristiane de Souza

Referência

-GUTFREIND, C. O Terapeuta e o Lobo: a utilização do conto na psicoterapia da criança. Rio de Janeiro: Artes Ofícios, 2010.

Leitura nas Ciências Naturais

Elane Núbia da Silveira

Graduada em Matemática e Ciências Físicas e Biológicas
Pós-Graduada em Metodologia do Ensino da Matemática e em Educação de Jovens e Adultos
Professora da EMEF Governador Ildo Meneghetti

A escrita surgiu há mais de 25000 anos antes de Cristo, primeiramente veio representada de rabiscos e desenhos, seguindo por hieróglifos e, aos longos dos anos sofreu um grande processo de evolução com muitas mudanças e transformações até chegar na linguagem escrita atual.

Nesse texto procuro demonstrar que ler não é só decodificar símbolos e palavras. É construir um sentido para o que se lê. É fazer relações com a sua própria realidade, ou seja, é apropriar-se do saber que está expresso na escrita e chegar a importantes conclusões sobre seu mundo e os aspectos que os compõem.

Segundo Saramago (1994): “Antes do interesse pela escrita, há um outro: o interesse pela leitura. E mal vão as coisas quando só se pensa no primeiro, se antes não se consolidou o gosto pelo segundo. Sem ler ninguém escreve.”

Sabendo os professores que em nossa sociedade, para a maioria das pessoas, a experiência de leitura e escrita resume-se ao espaço escolar, cabe a nós como professores propiciar esse espaço para que ele se torne um hábito prazeroso e que assim se estenda para além da escola, atingindo o cotidiano de nossos alunos, seja em casa, no trabalho e no lazer.

Sou professora da disciplina de Ciências na Escola Municipal Governador Ildo Meneghetti e na minha escola participo atualmente de um projeto chamado Parada da Leitura. Esse projeto funciona assim: nós professores, juntamente com a supervisão escolar, organizamos um calendário semestral em que todos os professores da EJA, na data e horário marcado, aproximadamente uma vez a cada quinzena, levamos para a sala de aula algum material escrito (livros, periódicos, gibis), relacionados ou não com a disciplina que ministramos.

Propomos para que os alunos escolham um dos materiais que levamos e pedimos para que os leiam. Eu costumo variar as formas de leitura, as vezes solicito leitura silenciosa, oral e, as vezes, eu mesmo leio para os alunos. Após faço perguntas e

comentários sobre o que leram e ainda peço para relacionarem com suas vidas.

O projeto Parada da Leitura é um sucesso. É muito produtivo e atinge a todos, pois realizamos a atividade no mesmo horário com todas as turmas e com fidelidade. Até mesmo na disciplina de Educação Física, em que são conhecidos diversos casos de alguns alunos só desejarem a prática física, eles já absorveram a ideia e todos participam ativamente.

No primeiro semestre de 2014 participei, também na EJA, do projeto Copa 2014. Nesse projeto dividimos os países que iriam jogar em Porto Alegre entre as totalidades (divisão da EJA que substitui os anos ciclos), para que cada uma estudasse um país, com suas peculiaridades, economia, localização, entre outros.

Na minha disciplina, propus que os alunos da totalidade 4 – que corresponde ao 6º e 7º ano – pesquisassem na internet quais são as doenças mais frequentes dos países que foram sorteados para eles trabalharem. Após lerem vários textos sobre doenças e economia do país, eles discutiram em grupo quais são as doenças mais comuns e o porquê dessas doenças acometerem frequentemente os cidadãos, construíram cartazes e apresentaram aos seus colegas.

Já na totalidade 5 – que corresponde ao 8º ano – propus que eles pesquisassem na internet como era a alimentação e a subnutrição do seu país sorteado e relacionasse com a economia do mesmo. Após eles também discutiram e confeccionaram cartazes sobre o assunto, apresentando-os aos seus colegas de classe.

Com esse projeto, Copa 2014, meus alunos construíram uma leitura crítica sobre o impacto da economia e desenvolvimento do país em questões como prevenção e cuidados com as doenças e alimentação saudável.

Os textos trabalhados nas ciências naturais são ricos em vocabulários e palavras das quais muitos de meus alunos jamais ouviram uma vez

pelo menos. Sabendo disso, nas minhas turmas de C20 – que correspondem ao 8º ano – muitas vezes que trabalho um texto novo com os alunos peço para que eles retirem as cinco palavras mais diferentes que estavam escritas. Escrevo-as no quadro e indago para ver se alguém sabe do que se trata, muitas vezes analisamos o contexto que ela se encontra ou a sua semântica, desmembrando-as em prefixos, sufixos e outros. Quando não conseguimos sanar facilmente o problema recorremos ao dicionário ou vocabulário do livro, caso o texto seja retirado do livro didático. Esse exercício já é e comum em aula e muitos já analisam dizendo: “Acaba em ite...Ah é infecção então!”.

Já na C10 – que corresponde ao 7º ano – realizei a organização de um dicionário de ciências. Em todo o texto trabalhado, se retirava as palavras mais difíceis e se colocava no dicionário que os alunos fizeram manualmente, e procurava-se o significado no livro, em dicionário e na internet, anotando esse ao lado da palavra.

Trabalhos como citei acima auxiliam o aluno a entender o contexto do que é lido e, dessa forma,

apropriar-se do conhecimento para que cada um possa contextualizar a sua realidade e melhorá-la cada vez mais.

Esses dias conversando com um de meus alunos de C20, descobri que ele fugiu do seu curso no contraturno porque estava com medo de ler em voz alta para todo o grupo. A partir desse dia tenho levado textos e gravuras para que meus alunos leiam oralmente ou, no caso da figura, relatem oralmente o que eles enxergam na mesma. Os trechos para lerem são pequenos e nesse primeiro momento peço para que leiam na classe. Eles sentem-se intimidados a irem na frente da sala para ler, conforme seus relatos. Pretendo chegar na etapa que possam ler na frente de todos sem problema algum.

Enfim para mim existem diversos tipos de leitura e as etapas para desenvolver o hábito de ler devem ser trabalhados na escola para, como já mencionei anteriormente, ela possa assim romper os muros do universo escolar e torne nossos alunos cidadãos capazes de ler e entender o mundo. Participando ativamente da construção do mundo.

Referência

SARAMAGO, José de Sousa. Escrita. Revista Diário da Madeira, 1994.

Indicações de leitura

BAMBERGER, Richard. Como incentivar o hábito da leitura. Tradutor, Octávio Mendes Cajado. 6 ed. São Paulo: Ática, 1995.
SOLÉ, Isabel. Estratégias de leitura. 6.ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

Programa de Leitura Adote um Escritor

Giane Zacher

Graduada em Biblioteconomia
Formação Pedagógica de Docentes
Professora e bibliotecária na SMED Centralizada

O Programa de Leitura Adote um Escritor foi criado em 2002, numa parceria entre a Secretaria de Educação de Porto Alegre e Câmara Rio-Grandense do Livro, atendendo a todos os níveis e modalidades de ensino: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Educação Especial e Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Idealizado para atender, principalmente, aos alunos e professores da Rede Municipal de Ensino, tornou-se extensivo à comunidade escolar, tendo como objetivo maior o incentivo à leitura por intermédio da possibilidade de contato pessoal entre os leitores e diversos autores de obras literárias de diferentes gêneros. As escolas “adotam” um dos escritores, ou ilustradores, de uma lista de nomes disponibilizados pela Câmara Rio-Grandense do Livro, fazendo a leitura prévia de suas obras.

O momento culminante ocorre com o encontro entre o escritor e a comunidade escolar. Após as atividades de leitura, interpretação, produção de textos, teatro, obras de arte, entre outras, a escola recebe a visita do seu escritor adotado, para um momento rico de diálogo e troca de experiências, na interação entre os alunos e o autor através de suas obras.

O Programa de Leitura Adote um Escritor baseia-se em quatro pilares: a aquisição das obras do escritor adotado, a renovação do acervo e qualificação do espaço das bibliotecas escolares, a visitação à Feira do Livro de Porto Alegre e a visita do autor à escola. Para que isso ocorra, a SMED repassa a todas as escolas, anualmente, os recursos financeiros necessários para a realização do Programa.



André Neves na
EMEF Campos do Cristal



O Programa conta com dotação orçamentária própria da Prefeitura de Porto Alegre, sendo a verba encaminhada diretamente às escolas.

No ano de 2014, em sua décima terceira edição, o Programa segue evoluindo, visando a ampliação e a diversificação dos processos de leitura e letramento na cidade. Para o pleno desenvolvimento do Programa, a Smed mantém assessoria pedagógica constante às escolas, para que as mesmas apropriem-se amplamente da obra de um autor. Também é oferecida formação continuada aos professores coordenadores do Programa nas escolas, com diversas palestras e oficinas durante todo o ano. A intenção é estabelecer a interlocução entre os sujeitos envolvidos, propiciando o acesso de todos às mais variadas práticas sociais de leitura e de escrita, através da descentralização e do acesso democrático aos bens culturais, nesse caso, o livro.

Altair Martins na
EMEF Neusa
Goulart Brizola



Adote um Escritor 2013



Cláudio Levitan na
EMEF Morro da Cruz



Adote um Escritor 2013

O Programa de Leitura Adote um Escritor já recebeu diversas indicações e prêmios nacionais e regionais, incluindo:

- 2006: Finalista Prêmio Fato Literário;
- 2008: Finalista Prêmio Fato Literário;
- 2010: 3º lugar no Concurso FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil)/Petrobrás Os Melhores Programas de Incentivo à Leitura junto a Crianças e Jovens de todo o Brasil;
- 2011: Prêmio Joaquim José Felizardo - Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre (categoria Literatura);
- 2011: 2º Prêmio Artistas Gaúchos (categoria Projetos);
- 2012: Menção Honrosa no Prêmio Viva Leitura – Ministério da Cultura e Ministério da Educação;
- 2013: Troféu Destaque do Prêmio Açorianos de Literatura – Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre.



Mary e Eliardo França
na EMEI dos Municipários
Tio Barnabé

Adote um Escritor 2013



Brincando com Dilan Camargo

Sílvia Nilcéia Gonçalves

Graduada em Letras

Especialista em alfabetização

Professora da EMEB Dr Liberato Salzano Vieira da Cunha

Brinca, brinca. De noite e de dia. Ri e te recria. **Dilan Camargo**

Uma das iniciativas mais concretas e eficientes de incentivo à leitura e a escrita é, sem dúvida, o Programa de Leitura Adote um Escritor. Através da “adoção” de um autor por uma escola, é possível levar aos alunos a oportunidade de leitura e estudo de obras de escritores consagrados. Não basta ensinar a ler e a escrever. É preciso fazer com o que os alunos desenvolvam o gosto pela leitura e pela escrita. E, ensinar a ler e a escrever a partir da leitura de livros de literatura qualifica muito esse trabalho.

Programa de Leitura Adote um Escritor

Este projeto é realizado pela SMED em parceria com a Câmara do Livro de Porto Alegre, tendo como objetivo a ampliação e diversificação dos processos de letramento nas comunidades. Cada escola “adota” um escritor e desenvolve, com os alunos, processos de leitura de suas obras e de criação a partir dessas leituras. No final, o autor adotado visita a escola e é recebido com uma mostra dos trabalhos desenvolvidos e por crianças desejosas em conhecê-lo.

Não tem como descrever a emoção e encantamento dos alunos em conhecerem o autor adotado ao final do projeto desenvolvido. Pensar que os alunos esperam ansiosos – não por uma modelo, cantor ou jogador de futebol famoso, mas – por um escritor: é algo espetacular!

Dilan Camargo

No ano de 2013, o autor adotado por nossa escola foi Dilan Camargo. Para o trabalho, aqui relatado, foram selecionados poemas de quatro de seus livros de poesia: O Vampiro Argemiro [1993], Bamboletras [1998], Brinciar [2007] e Um caramelo amarelo camarada [2013]. Este projeto foi desenvolvido em duas turmas de primeiro ano [A10].

Normalmente, os professores optam pelo trabalho com textos narrativos, deixando a poesia para ocasiões específicas. Entretanto, a poesia tem um ritmo/musicalidade e uma forma de linguagem que fascina as crianças. Para quem se propõe a trabalhar com a reflexão sobre a língua, nada como a leitura de poesias para sensibilizar os alunos para o mundo das palavras. Letrar as crianças através do lúdico que a poesia proporciona é levar a elas um outro tipo de brinquedo: a palavra. E os poemas de Dilan brincam de forma alegre e criativa com as palavras. Todos os poemas trabalhados foram recebidos de forma entusiasmada pelas crianças. Nos momentos de brinquedo livre, elas pegavam os livros do autor para recordar os poemas já lidos e conhecer outros.

Algumas atividades propostas

Minha preocupação com o trabalho com a literatura em sala de aula para ensinar a ler e a escrever sempre foi o de não “matar” o texto. Não eliminar sua força e linguagem para dele extrair apenas sílabas, dígrafos, ou conteúdos trabalhados. Os objetivos principais do trabalho com os livros do Programa de Leitura Adote um Escritor sempre foram o de tornar conhecido o autor [e o portador - livro] para as crianças e o de encantá-las com os textos do autor adotado. Em meio a isso, descobrir a potência de cada texto e explorá-la. Alguns textos dão margem a um trabalho envolvendo as artes plásticas, outros, um trabalho com a leitura em voz alta – a palavra em si já evoca imagens fortes, rimas e ritmos contagiantes.

Nas palavras de Dilan Camargo [2010]:

A leitura para as crianças, ou a leitura feita por elas mesmas, em casa ou na escola, não precisa de técnicas sofisticadas. Precisa apenas dela mesma, da leitura em si, do ato de ler um texto, de preferência em voz alta. Em alto e bom som. Pais e professores, quando forem ler para os seus filhos ou seus alunos, precisam apenas entregar-se, com alegria e arte, a esse momento único de comunhão humana entre gerações. Os adultos visitam a sua infância e as crianças aprendem a confiar no mundo adulto.

Assim, todo poema selecionado foi primeiro lido em voz alta – com a entonação e expressividade exigida. Primeiro ouvimos a palavra e sua música; deixamos que a palavra se tornasse imagem ou impressão, para depois serem propostas outras atividades. Brincamos com os efeitos do poema no corpo e na alma.

É preciso lembrar que aprendemos a ler porque temos o desejo de desvendar os sinais gráficos do papel, porque queremos ler por nós mesmos, ter esse poder. E só despertamos esse desejo em nossos alunos quando usamos textos significativos, textos que valem a pena o esforço para decifrá-los. Quando optamos pelo ensino da leitura e da escrita contextualizada, o ensino com o texto, e não o aprender a ler e a escrever para depois ler os textos, estamos realmente contribuindo para essa aquisição.

Assim, desenvolvi roteiros de leitura com alguns poemas de Dilan Camargo sempre iniciando pela exploração oral da palavra – a sonoridade e musicalidade. Deixando que os alunos refletissem sobre o porque da escolha de cada palavra, que visualizassem as cenas, que se dessem conta das rimas.... Usei sempre o desenho como forma de interpretação/representação do poema, pensando no que Vygotsky afirmava: que o desenho é a pré-história da escrita. Que quanto mais os alunos conseguirem se expressar através do desenho mais estariam se aproximando da leitura e da escrita. Junto a isso, levava a palavra escrita, o objeto texto [poema] para ser analisado. Letras, palavras, frases, versos, estrofes... para serem vistas, contadas, lidas [A materialização das palavras ouvidas – para vincular a fala à escrita]. Junto a isso, propus atividades de montagem de painéis de diferentes formas para que os textos ficassem expostos na sala e pudessem ser retomados no início de cada aula e quando os alunos assim o quisessem.

Brincando com os poemas

Alguns poemas trabalhados e breve resumo das atividades desenvolvidas a partir deles:



O elefante e o celular

O elefante e o celular – do livro Caramelo Amarelo

- * Leitura do poema pela professora
- * Leitura coletiva com os alunos
- * Desenho de elefantes
- * Entrega das tiras do poema para montagem dele na ordem original [confeção de um painel com o texto e os desenhos das crianças – e leitura dele em diversas outras aulas]
- * Entrega do texto do poema para completar palavras que o elefante inventa [escrita coletiva]
- * Entrega das letras do nome do poema fora de ordem – montagem do nome, criação de novas palavras com as letras
- * Confeção de painel com as palavras formadas

Telefone sem fio - do livro Brinciar

- * Leitura do poema
- * Brincar de telefone sem fio
- * Contar a história do livro sem texto de Ilan Brenmam e Renato Moriconi com a temática do poema de Dilan Camargo
- * Ilustração
- * Gravação das crianças declamando o poema do autor [desenvolvendo a oralidade]
- * Confecção de telefone com fio – brinquedo tradicional



Bruxa Carocha - do livro Brinciar

- * Leitura do poema [as crianças se deram conta das rimas]
- * Conversa sobre o poema
- * Ilustração
- * Montagem de painel com as ilustrações feitas e com o poema em letra grande [que foi lido em aula diversas vezes]
- * Confecção da bruxa Carocha com papel pardo, contorno de um aluno, desenho da bruxa sobre ele. O papel foi cortado duplo – para ser grampeado e forrado com folhas de revista





Meu castelo - do livro Caramelo Amarelo

Entrega do poema escrito para os alunos.

- * Deixar que explorem o texto
- * Leitura do poema para as crianças
- * Leitura coletiva
- * Deixar quem quiser ler individualmente
- * Conversa sobre o poema
- * Procurar determinada palavra em cada estrofe
- * Desenhá-la no quadrado ao lado no texto
- * Criação de castelos de areia na pracinha

Os girassóis de Ana do livro Bamboletras

- * Entrega de um exemplar do livro para cada criança. Exploração livre
- * Leitura do poema de diversas formas.
- * Proposta de releitura da ilustração feita pelo ilustrador do livro para ao poema.
- * Mostra, em projetor, de vários girassóis.
- * Degustação de sementes de girassóis [compradas em loja de produtos naturais
- Observação de um girassol real
- * Plantio de sementes de girassol
- * Construção de girassóis de papel com a professora volante



O vampiro Argemiro do livro de mesmo nome

- * Leitura do poema de diversas formas
- * Montagem do nome do poema com letras móveis
- * Desenho do vampiro
- * Realização de uma festa de Halloween
- * Uso das fotos da festa para montagem de painel com o poema escrito

O final do projeto

Com o trabalho desenvolvido, as crianças incluíram em seu repertório literário os poemas do autor estudado, qualificaram suas hipóteses de leitura e escrita através da reflexão proposta e vivência da leitura dos poemas e tiveram experiências plásticas e de brincadeiras com a palavra/poema que as divertiram e enriqueceram cognitivamente.

A visita do autor foi um momento de grande alegria para elas. Puderam ver de perto quem tinha escrito os poemas que estudaram, ouvir dele os poemas e mostrar o que tinham aprendido e feito nos últimos meses, além de entregar um livro feito por todos com as impressões que tiveram sobre os poemas e alguns registros dos trabalhos desenvolvidos.

Fragmentos da mostra de trabalhos



Algumas imagens do livro entregue ao autor



Referência

CAMARGO, Dilan. A literatura infantil em casa e na escola, 2010. Disponível em: <http://www.dilancamargo.com/?apid=1682&tipo=6&dt=0&wd=&titulo=A%20LITERATURA%20INFANTIL%20EM%20CASA%20E%20NA%20ESCOLA> <<acessado em 11/09/14>>

Obras do autor trabalhadas

CAMARGO, Dilan. O Vampiro Argemiro. Porto Alegre: Projeto, 1993.

Prêmio Henrique Bertaso da Câmara Rio-grandense do Livro.

CAMARGO, Dilan. Bamboletas. Porto Alegre: Projeto, 1998.

CAMARGO, Dilan. BrincRiar Porto Alegre: Projeto, 2008

Prêmio Açorianos de Melhor Livro de Literatura Infantil 2009; Selecionado para o PNBE. 2010.

CAMARGO, Dilan. Um caramelo amarelo camarada: poesia infantil. Porto Alegre: Edelbra, 2013.



Como o ensino de Geografia pode contribuir para o aprimoramento da leitura?

Rúbia Aparecida Cidade Borges

Graduada em Geografia
Especialista em Gestão do Cuidado para uma Escola que Protege Professora da EMEF
Governador Ildo Meneghetti

A leitura, assim como a escrita, pressupõe o domínio de diferentes códigos e linguagens. O desenvolvimento da capacidade leitora não deve ser incumbência exclusiva das Séries Iniciais do Ensino Fundamental ou das aulas de Língua Portuguesa. Auxiliar os alunos a desenvolverem a leitura é responsabilidade de todas as disciplinas e de todos os professores, pois é competência fundamental a ser desenvolvida na escola. Ao longo de todo o processo de escolarização, as práticas de leitura devem ser aperfeiçoadas e trabalhadas continuamente e em cada uma das áreas do conhecimento, que devem agregar algo de suas especificidades no aprimoramento dessa habilidade.

Ler é uma habilidade que necessita de prática constante e não se restringe a decodificação de fonemas e letras. Formas, símbolos, cores, imagens e situações são passíveis de leitura e interpretação. Reside aí, talvez, o diferencial da geografia no desenvolvimento da capacidade leitora, já que nessa disciplina se utiliza variadas linguagens – escritas, cartográficas e gráficas – para comunicar e oportunizar a compreensão do espaço geográfico e o entendimento do mundo.

Considerando a linguagem escrita, é sempre válido investir parte significativa da aula para garantir o contato dos alunos com diferentes fontes, como livros, revistas, textos, jornais e outros, pois para alguns estudantes esses recursos são seus mais frequentes contatos com a escrita formal. No caso das aulas de geografia, vale destacar que a leitura e interpretação de diferentes formas de linguagens devem estar a serviço do desenvolvimento do olhar geográfico, confrontando o saber do senso comum com um saber mais elaborado.

Com base em Pontuschka (2009), na análise de um texto, é preciso prever e realizar diversas leituras. Primeiro os alunos devem fazer a leitura silenciosa, destacando alguma palavra desconhecida ou algo não entendido e tendo um primeiro contato com a idéia do texto. Depois, é

oportuna a leitura em voz alta pelo professor ou pelos alunos, valorizando a entonação dada pela pontuação e as ênfases pedidas pelo conteúdo. Por fim, sucessivas leituras podem ser feitas, tantas quantas forem necessárias para levantar questões relevantes para a crítica e reflexão pessoal ou para o debate no grupo. É importante bem utilizar o material escrito, garantindo que todos – ou pelo menos a maioria dos alunos – leiam o texto e se apropriem de seu significado.

Além do livro e de textos didáticos, bastante oportuno em geografia é a leitura e a interpretação de outras modalidades, como poemas e letras de música. Afinal, conforme nos destaca Reichwald Jr. (2000, p.68) “o exercício da análise geográfica tem maior competência de aproximação à complexidade do mundo se também for plural internamente: buscar diferentes pontos de vista para ver analiticamente o mundo (...)”.

Serve de exemplo a discussão sobre o tema globalização propiciada pela leitura da música “Parabolicamará, de Gilberto Gil.

**Antes mundo era pequeno
Porque Terra era grande
Hoje mundo é muito grande
Porque Terra é pequena
Do tamanho da antena
Parabolicamará
Ê volta do mundo, camará
Ê, ê, mundo dá volta, camará
Antes longe era distante
Perto só quando dava
Quando muito ali defronte
E o horizonte acabava
Hoje lá trás dos montes
dendê em casa camará
Ê volta do mundo (...)
De jangada leva uma eternidade
De saveiro leva uma encarnação
Pela onda luminosa
Leva o tempo de um raio
Tempo que levava Rosa**

**Pra aprumar o balaio
Quando sentia
Que o balaio ía escorregar
Ê volta do mundo (...)
Esse tempo nunca passa
Não é de ontem nem de hoje
Mora no som da cabaça
Nem tá preso nem foge
No instante que tange o berimbau
Meu camará
Ê volta do mundo (...).
De jangada leva uma eternidade
De saveiro leva uma encarnação
De avião o tempo de uma saudade
Esse tempo não tem rédea
Vem nas asas do vento
O momento da tragédia
Chico Ferreira e Bento
Só souberam na hora
do destino apresentar
Ê volta do mundo, camará
Ê, ê, mundo dá volta, camará**

Com o uso do dicionário, impossível não verificar a riqueza de vocabulário e estilo a que os alunos têm contato através da canção. A análise geográfica ocorre, então, através da interpretação crítica e sensível da música: por que “antes mundo era pequeno/ porque Terra era grande?” Por que hoje a Terra não é mais grande? Qual a relação disso com a “antena Parabolicamará?” O que é a “onda luminosa” e por que ela leva o tempo de um raio? Como era na época do saveiro e da jangada? E agora com o avião? Dessa forma o conceito de globalização e sua relação com o desenvolvimento tecnológico pode ser discutido pela turma.

Outra possibilidade de leitura em geografia é a que se faz da paisagem, entendido esse conceito como tudo aquilo que nossa visão abarca, ou ainda, como a configuração resultante da ação humana no espaço. Deve ser estimulada a leitura crítica da mesma, de modo a que o aluno possa relacionar as habilidades e os assuntos trabalhados pelo professor com as características da paisagem a ser lida. Por isso, não se pode desconsiderar o entendimento da paisagem como resultado de

um conjunto de forças atuantes: do meio natural, cultural e sócio-político-econômico.

O aluno pode e deve ser orientado num trabalho de leitura da paisagem. Não cabe deixar que a atividade, e seus resultados, ocorram ao azar. Ela deve ser pensada no sentido de ultrapassar a etapa do ver/registrar e programada para que o grupo avance no sentido de inferir, isto é, levantar suposições, hipóteses, a partir do que é observado; investigar, ou seja, localizar respostas às questões que propôs, às hipóteses que formulou, de forma autônoma ou estimulada; de pensar soluções ou alternativas diferenciadas ao que verificou como problemática na paisagem analisada (SHAEFFER, 2000, p.90).



Questão 4:
Assista atentamente ao vídeo acima, que mostra parte de reportagem sobre o Sudão do Sul, exibido pela Tv Brasil em 2012. A partir disso, responda:
a) Descreva detalhadamente a paisagem mostrada nos primeiros minutos da reportagem. (aparência das ruas, clima, vegetação, como são as pessoas, as casas, o comércio, as ruas, etc.)
b) De que países vieram os imigrantes para o Sudão do Sul?
c) Como é o tratamento dado à imprensa no país sul-sudanês?

Imagem 1: exemplo de atividade contemplando a leitura de paisagem através de vídeo. Disponível em professorarubiaborges.weebly.com, acessado em 09 de setembro de 2014.

Nas aulas de geografia, diferentes maneiras de leitura da paisagem podem ser utilizadas, sempre através de um roteiro estabelecido pelo professor. Alguns são propostos pelos livros didáticos, mas também pode ser utilizado o próprio percurso do aluno de sua moradia até à escola, retratos e desenhos veiculados em revistas e jornais, cartões postais, etc. Não podemos, também, desconsiderar o uso dos recursos audiovisuais na leitura da

paisagem, através de filmes, vídeos da internet, reportagens televisivas, propagandas comerciais, ou seja, quaisquer recursos que permitam ao aluno apreender a paisagem descrevendo-a, classificando-a e relacionando-a com a temática própria da geografia.

Diante do avanço tecnológico e da enorme gama de informações disponibilizadas pela mídia e pelas redes de computadores, é fundamental saber ler, processar e analisar esses dados. A escola cumpre esse papel ao apropriar-se das várias modalidades de linguagens como instrumentos de comunicação, promovendo um processo de decodificação, análise e interpretação das informações e desenvolvendo a capacidade do aluno de assimilar as mudanças tecnológicas que, entre outros aspectos, constituem também novas formas de aprender.

Se a leitura do mundo implica um processo permanente de decodificação de mensagens, de articulação e contextualização das informações, cabe à escola ensinar o aluno a lê-lo também por meio de outras linguagens e saber lidar com os novos instrumentos para essa leitura. Assim, a escola constitui um lugar de reflexão acerca da realidade em quaisquer escalas e tempos.

O não acesso à informação e ao conhecimento pode acentuar as desigualdades sociais, aprofundar o distanciamento cognitivo entre os indivíduos, ampliando as diferenças entre ricos e pobres. Agrupamentos sociais que não souberem manipular, reunir, desagregar, processar e analisar informações ficarão distantes da produção do conhecimento, estagnados ou vendo agravar-se sua condição de vulnerabilidade.

Os cuidados em relação ao planejamento e orientação do professor para a leitura na internet são os mesmos tomados em meio analógico, acrescidos das dificuldades inerentes a enorme variedade de informações e fontes disponíveis

na web. Instrumentalizar os alunos a distinguir quais fontes atendem as finalidades do estudo e as intencionalidades por trás de cada autoria também é função da geografia e da escola como um todo.



Imagem 2: aspecto de etapa de webquest elaborada pela autora, exemplificando o uso da ferramenta como forma de nortear pesquisa na internet. Disponível em professorarubiaborges.weebly.com.

Uma forma de mediar o uso da Internet como fonte de leitura e pesquisa é através da “webquest” (metodologia de pesquisa orientada, onde quase todos os recursos utilizados são provenientes da própria web, compreendendo assim uma série de atividades didáticas articuladas em etapas). A “webquest” ou metodologias similares só tem razão de ser se o uso da Internet como fonte efetiva de construção do conhecimento for incentivada. Utilizá-la somente como plataforma de acesso a textos ou imagens estáticas e a questões meramente de consulta e reprodução seria desperdiçar o recurso e “vestir” de inovadora uma prática tradicional e cotidiana. Muitas vezes transpomos as atividades do meio analógico para meio digital sem agregarmos à elas potencialidade inerentes a essas tecnologias. Como em qualquer fonte de leitura e interpretação, a pesquisa que ocorre pela Internet deve superar a mera reprodução livresca e não pode realizar-se de forma improvisada ou com o planejamento precário do professor.

Finalmente, a cartografia é, talvez, a técnica mais lembrada quando pensamos em geografia. Para a efetiva e crítica leitura cartográfica é necessário o desenvolvimento de diversas habilidades. Diferente de um texto escrito, onde o usuário deverá adotar uma sequência (de cima para baixo, da esquerda para a direita), nos mapas não há um ponto em que a leitura começa ou termina, portanto, não há uma sequência pré-estabelecida.

Muito mais do que uma representação da totalidade ou partes da superfície terrestre, os mapas são uma linguagem em que, ao contrário de um texto escrito, não se utiliza palavras, mas símbolos gráficos. Para a efetiva leitura do mapa, os alunos devem desenvolver habilidades que os permitam interpretar as técnicas de representação cartográfica, seus signos (legenda), redução (escala) e projeção. Não se pode perder de vista, durante a leitura, que mapa é uma síntese,

uma representação em código do mundo real. A leitura de mapas pressupõe, então, que o aluno busque fazer generalizações, classificações, que estabeleça categorias e selecione informações.

Como brevemente visto, a geografia pode e deve assumir seu compromisso de não apenas aperfeiçoar a leitura de textos escritos, mas agregar a função de desenvolver a habilidade de ler o mundo em toda sua grandeza e diversidade de fontes. Ler cores, palavras, signos, símbolos, igualdade e diferenças. Apreender da paisagem aquilo que nos faz seres constituidores de espaços e tempos. Afinal, como Estrabão já dizia centenas de anos antes de Cristo, “[...] a variedade de aplicações que é susceptível à geografia, que pode servir, por sua vez, às necessidades dos povos e aos interesses dos chefes... implica que o geógrafo tenha esse mesmo espírito filosófico habituado a meditar sobre a grande arte de viver e de ser feliz.”

Referências

- BORGES, R. Ensino de Geografia [Internet]. Porto Alegre: Rúbia A. Cidade Borges. 2013 (citado em setembro/2014). Disponível em: <http://professorarubiaborges.weebly.com/>
- PONTUSCHKA, N; PAGANELLI, T; CACETE, N. Para ensinar e aprender geografia. 3ªed. São Paulo: Cortez, 2009.
- GIANSANTI, R. Atividades para aulas de geografia. 1ªed. São Paulo: Nova Espiral, 2009.
- CASTROGIOVANNI, A. et al. Geografia em sala de aula: práticas e reflexões. 4ªed. Porto Alegre: Editora da UFRGS/ AGB Sessão Porto Alegre, 2003.
- PEREIRA, R; CANO, M. (coord.). Geografia. Volume 7. São Paulo: Blucher, 2012.
- REICHWALD JR. G. Leitura e escrita na geografia ontem e hoje. In: NEVES, I. (org.) Ler e escrever: compromisso de todas as áreas. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.
- CAVALCANTI, L. O ensino de geografia na escola. Campinas: Papyrus, 2012.
- SCHAFFER, N. Ler a paisagem, o mapa, o livro... Escrever nas linguagens da geografia. In: NEVES, I. (org.). Ler e escrever: compromisso de todas as áreas. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

Homens e bichos: uma discussão inteligente

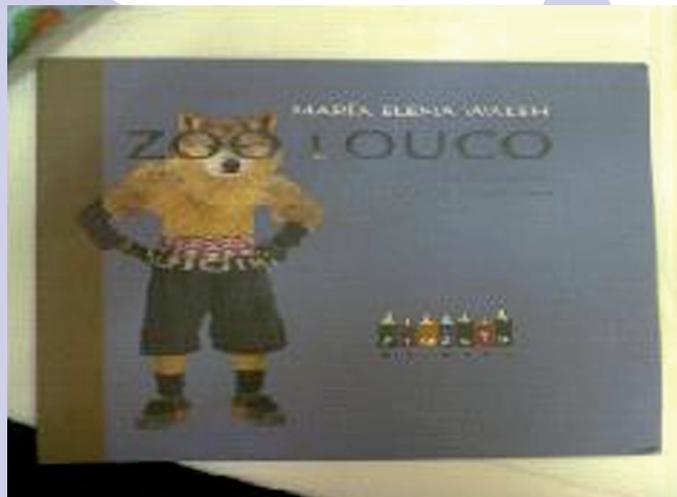
Ângela Montanha Aranguéz

Graduada em Educação Especial
Psicologia | Psicopedagogia | Arte Educação
Professora da Escola Municipal Especial de Ensino Fundamental
Prof^a Lygia Morrone Averbuck

Nosso projeto de leitura teve vários esboços e como professora de uma turma da Escola Municipal Especial de Ensino Fundamental Professora Lygia Morrone Averbuck, me pareceu pertinente realizar uma composição que unisse o autor do “ADOTE um Escritor”, programa este muito evidenciado nas escolas de Porto Alegre, e incorporar a ele o plano de trabalho do terceiro ciclo sobre Educação Ambiental.

O terceiro ciclo de uma Escola Especial de Ensino Fundamental corresponde a adolescentes na faixa etária entre 15 e 21 anos. Na tentativa de inovar e tornar o texto mais significativo para o estudante, avaliamos que fazer uma releitura de um dos livros da autora escolhida seria o mais transformador para nossos alunos.

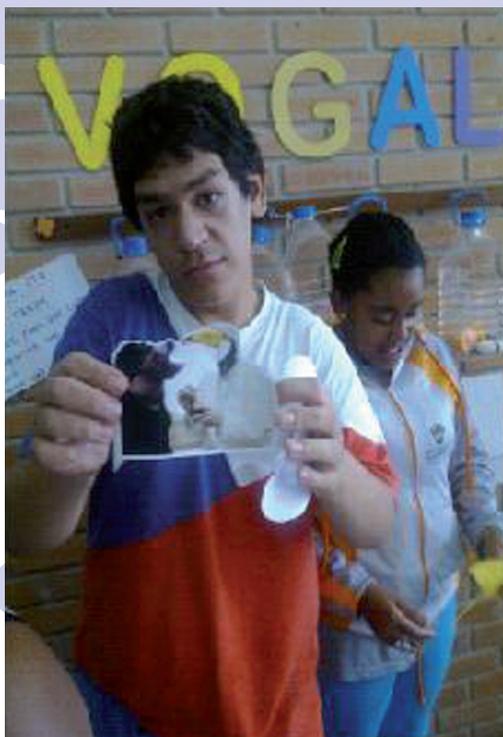
Decidimos “inovar” a partir da leitura do livro “ZOO Louco”, de Maria Helena Walsh, traduzido por Gláucia de Souza, nossa escritora convidada para o Adote e, junto a este, aliar recortes de textos do livro: “Azul e lindo Planeta Terra, Nossa Casa” de Ruth Rocha e Otávio Roth. Acrescentamos esta última leitura a fim de promover um gancho compatível com o projeto de terceiro ciclo deste ano que foi educação ambiental.



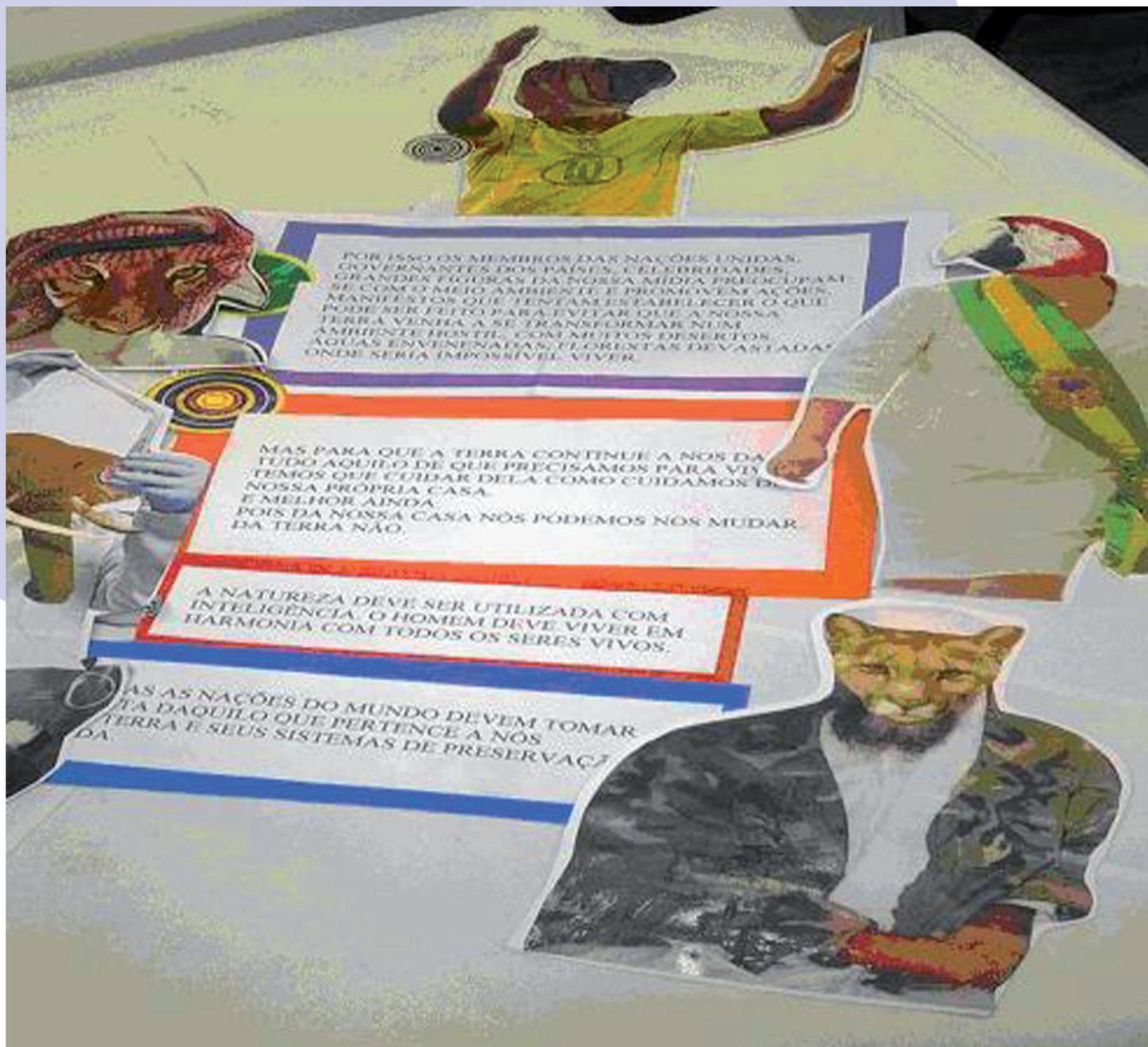
Assim sendo as obras foram apresentadas aos alunos que tiveram a oportunidade de estudar, observar, analisar o livro “ZOO Louco” e seus personagens: pessoas e animais num só corpo. A partir daí formou-se a primeira tarefa que foi a de buscar em imagens e revistas toda figura da mídia nacional e internacional que fosse bem conhecida no mundo afora, tipo: reis, rainhas, jogadores de futebol, cantores, artistas, pessoas que fazem notícia, etc.



Apanhadas as imagens iniciamos a segunda parte que seria a mesma que a anterior só que agora a busca estaria focada em animais diversos: animais domésticos, selvagens, e demais figuras encontradas que pudessem compor personalidades parecidas com os da ilustração de Ângela Lago do livro Zoo Louco. E assim iniciou nossa montagem de personagens com cabeça de bicho e corpo de homem, ou vice versa.



Como anteriormente já havíamos feito uma pesquisa sobre educação ambiental – com investigação nos jornais, livros e revistas, captura de recortes de situações em que o planeta fica ameaçado – e também compreendido que a principal função da educação ambiental é conscientizar sobre a preservação do meio ambiente e sua utilização sustentável, fez-se muito pertinente a introdução do livro: “Azul e lindo: planeta Terra, nossa casa” de Ruth Rocha e Otávio Roth, que trabalha de forma articulada e simples esta temática. Assim, montamos os personagens com diversos formatos.



Organizamos um grande painel onde estruturamos uma conversa entre estas personalidades a dialogarem uma com as outras a fim de chegarem a um ponto comum sobre preservação, visto que, entende-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade.



O aluno recorta, cola, monta os diálogos e se expressa da forma como seu interno providencia. Essa discussão entre os personagens foi recheada das páginas dos livros dos autores mencionados neste ensaio junto com gravuras de natureza ameaçada.



A linguagem ficou fácil, o pensamento fluíu e o trabalho teve uma visibilidade surpreendente, pois na atual conjuntura não podemos deixar de abordar questões que falem sobre preservação, cuidados com a natureza, reciclagem, lixo, desmatamento e demais questões que levem o estudante a pensar sobre o planeta e as consequências dos nossos atos. É claro que, no contexto da escola especial, essas estratégias são fundamentais para que o nosso estudante tenha a compreensão e possa aproveitar o conteúdo dos livros de forma didática e respeitosa à sua diversidade e a seu tempo de aprendizado. No final realizamos

uma brincadeira com fotos de animais retiradas de revistas e nossas fotos. Montamos um “zoo Louco” da turma CT4 que pretende, a partir de agora, conduzir sua história de forma a não poluir, não depreciar a fauna e flora, não utilizar de forma prejudicial os recursos do meio ambiente, não desperdiçar a água e plantar árvores para que o nosso ar esteja sempre renovado e para que os animais possam ter um refúgio. Esta experiência serviu de informação para o conjunto da escola que muito quer acertar e proporcionar atitude inteligente e harmoniosa com a natureza que solidariamente nos abriga.



Referências

- WALSH, Maria Helena. Zôo louco. Trad. de Gláucia de Souza. Ilustrações de Ângela Lago. Porto Alegre: Projeto, 2011.
- ROCHA, Ruth; Roth, Otávio. Azul e lindo: planeta Terra, nossa casa. São Paulo: Salamandra, 2004.

O desafio da leitura na escola: saber ler para aprender e gostar

Vivian Ferreira Bicca da Silva

Graduada em Letras - Habilitação para Língua Portuguesa e Língua Inglesa
Especialista em Literatura Anglo-Americana e em Supervisão Escolar
Professora de Língua Portuguesa na EMEF Governador Ildo Meneghetti
Supervisora da EJA na mesma escola

As escolas e seus professores trabalham intensamente para que os estudantes façam uma opção para crescerem pessoalmente e intelectualmente através da leitura. Para Gabriel Perissé, no livro *Elogio da Leitura*, “Leitura é preferência. É opção”. Porém, nem sempre temos sucesso na tarefa de tornar nossos alunos leitores.

Dentre os motivos para a falta de leitura generalizada por parte dos alunos, crianças e jovens, podemos mencionar a falta de hábito. Especialmente, muitos dos alunos da rede pública não têm incentivos por parte das famílias, que não valorizam a leitura e que também não dispõem de material para o desenvolvimento do hábito.

Outro motivo é o fato de as crianças e jovens não considerarem a leitura como uma atividade divertida, uma vez que exige esforço de atenção e concentração. De um modo geral, os alunos consideram a leitura como uma atividade pouco interessante, difícil, que é feita na escola de modo enfadonho, apenas como forma de estudo.

Ainda podemos considerar que, em muitas das ocasiões em que os alunos são desafiados a ler, percebemos dificuldade na compreensão dos textos, nas suas mais variadas formas e nos diferentes componentes curriculares. O fato de não serem capazes de compreender, nem interpretar o que leem, inibe a vontade e a iniciativa para a leitura e dificulta seu uso como ferramenta de busca de informação e de estudo.

Então, para a escola e os professores, fica sempre o desafio de mudar as perspectivas dos alunos em relação à leitura. Como ajudá-los a apreciar a atividade da leitura como um universo de descobertas, uma divertida forma de lazer e uma importante ferramenta para a aprendizagem?

Para as autoras Elizabeth Brose e Ana Paula Ferreira, na obra *Leitura e Literatura – Teoria e Prática* (2009), para responder a questão sobre como desenvolver o prazer de ler, a resposta seria “utilizando-se de uma metodologia que facilite o contato com a Literatura de modo prazeroso e significativo, e que conduza o leitor a uma maior compreensão de si e do mundo”.

Podemos começar pelo incentivo à leitura livre para o desenvolvimento do hábito. Na nossa escola, contamos com o Projeto Biblioteca, através do qual todas as turmas, desde a educação infantil até os anos finais do ensino fundamental, são levadas semanalmente à biblioteca para realizar leituras durante aproximadamente vinte minutos.

Os horários para cada turma são organizados pelas bibliotecárias e as professoras acompanham as leituras feitas pelos alunos. Os alunos também são incentivados a se associar à biblioteca e a levar livros para leitura em casa.

Um grande desafio para os alunos é realizar a leitura de um livro inteiro, de forma independente, do início ao final, com concentração e compreensão. Eles são incentivados a procurar um livro agradável, cujo assunto seja de seu interesse e essa escolha nem sempre é simples. Eles costumam trocar de livro algumas vezes no início do trabalho, até descobrirem algo que os agrade.

Assim, eles vão aos poucos optando pelo gênero da aventura, romance, suspense, terror, policial, sendo encorajados, de acordo com a faixa etária, a sair da leitura mais facilitada dos livros infantis para os juvenis. Com este exercício, os alunos também aprendem a utilizar o acervo da biblioteca, observando o que está disponível, onde estão guardados os diferentes tipos de materiais e como localizá-los.

Há resistência por parte de alguns em realizar a leitura no tempo disponibilizado e também de ficar em silêncio respeitando as regras da biblioteca. Porém, é necessário ter paciência e perseverança para que o hábito seja internalizado. Com o tempo, é possível perceber mudança de comportamento e iniciativas por parte do próprio aluno leitor de anotar a página em que parou para continuar a leitura na aula seguinte.

Ao longo do trabalho, as professoras realizam atividades para acompanhamento das leituras, como conversas ou questões sobre o enredo da história e personagens, porém o objetivo é apenas ajudar o aluno a compreender e interpretar o que lê, a pensar sobre o conteúdo dos textos, associá-lo à sua realidade, e não para testar o estudante. Nosso objetivo é criar junto aos alunos o gosto espontâneo pela leitura, que de fato descubram o quanto o universo dos livros é rico, divertido e informativo.

Em sala de aula, os alunos também são desafiados a ler diferentes tipos de textos, nos diversos componentes curriculares, como ferramenta de aprendizagem. Mas, nem sempre, eles estão preparados para compreender o vocabulário, o tipo de linguagem, informativa, científica ou até poética. Geralmente, o professor propõe a leitura de um texto do livro didático ou algum texto do qual fez cópias, mas não há uma preparação prévia para a leitura.

O que muitas vezes não percebemos é que, sem uma orientação mais cuidadosa, os alunos não conseguem compreender o que leem, porque não dominam técnicas, linguagem ou vocabulário adequado para o tipo de texto cuja leitura lhes é indicada.

Segundo Robin Scarcella e Rebecca Oxford no livro *The Tapestry of language learnin* (1992), para desenvolver a proficiência em leitura em uma segunda língua, é preciso desenvolver quatro competências, mencionadas a seguir:

A competência gramatical para que, através do conhecimento das regras da gramática, seja possível compreender o que está sendo lido. E essa competência inclui também o conhecimento do vocabulário, da escrita e da pontuação corretas, essenciais para o processo da leitura.

As autoras adicionam à competência gramatical a competência sociolinguística, considerada como fundamental para que o leitor compreenda a intenção do autor, para que identifique o gênero do texto, o assunto principal, tudo para que a leitura faça sentido.

A competência do discurso é mencionada junto às anteriores para que o leitor seja capaz de perceber a fluência do texto, a sequência lógica e a clareza. É preciso saber identificar marcadores no texto que indicam referências, coesão, de modo a atribuir sentido ao que é lido.

E ainda há a competência estratégica, apontada pelas autoras como indispensável, uma vez que inclui a habilidade de fazer inferências partindo de qualquer dica que ajude na compreensão do texto. Pode ser a partir do contexto da frase, do parágrafo, do conhecimento que o leitor já tem sobre o assunto, do conteúdo ou de qualquer fonte que o leitor possa utilizar para compreender o texto.

Enquanto professora de língua inglesa, sempre procurei utilizar estratégias para desenvolver as competências mencionadas acima a fim de desenvolver a capacidade de leitura dos alunos em língua estrangeira. E agora, ao trabalhar com o componente curricular de língua portuguesa, tenho feito adaptações e empregado muito desta teoria para o desenvolvimento da leitura em língua materna também. Então, apresento a seguir uma sequência de técnicas que podemos utilizar para desenvolver a capacidade leitora dos alunos.

Em primeiro lugar, é preciso estimular os alunos para a realização da leitura através de uma introdução do assunto do texto. Isso pode ser feito com um questionamento, levantamento de opiniões, o despertar da curiosidade para que haja interesse pela leitura. Às vezes, podemos propor um desafio pedindo que os alunos encontrem uma informação bem específica no texto, em uma rápida passada de olhos.

Deve haver uma orientação clara aos alunos de que, para compreender a leitura, eles devem partir de uma observação detalhada do material recebido, se há figuras, desenhos, fotos, palavras, títulos em destaque. E fazê-los perceber que essa observação tem o objetivo específico de identificar qual tipo de texto eles estão lendo, de que fonte o texto foi retirado e qual é o seu assunto central.

Também é importante ensiná-los a observar de que forma o texto é apresentado na folha, se vem em forma de parágrafos, se é apresentado em colunas, se há perguntas e respostas, ainda para que identifiquem o gênero do texto que será lido e a fim de prepará-los para o tipo de vocabulário e linguagem que encontrarão naquela leitura.

Sempre comento com os alunos que quando a escolha para a leitura de um texto em um jornal, revista ou mesmo de um livro é feita por eles próprios, os passos de observação mencionados acima são feitos naturalmente, não ocorrendo uma percepção da intencionalidade para a seleção da leitura. Porém, ela existe e precisamos destacar cada passo, cada etapa quando o objetivo é fazê-los ler algo para busca de informações.

Em resposta, os alunos normalmente afirmam que não costumam ler, que não gostam de ler, mas quando insisto em perguntar por qual página do jornal têm interesse, eles dizem que buscam o horóscopo, as tirinhas, as palavras cruzadas e informações sobre os horários de jogos e filmes na televisão. Então, aproveito para reforçar que estamos sempre lendo e que a leitura como ferramenta de busca de dados, estudo ou mesmo para a diversão, é extremamente relevante.

Após a etapa da observação detalhada do material recebido, deve vir a orientação para que leiam o texto todo e sempre é melhor que o professor indique um item a ser encontrado para que os alunos se concentrem em retirar uma informação específica.

A seguir, o professor pode desafiar os alunos a buscar outras informações, de preferência na mesma ordem em que são apresentadas no texto. É importante ajudar os alunos a desenvolver confiança na leitura, trazendo textos cujo nível seja adequado à faixa etária e também ao nível de pensamento em que se encontram. Se o texto ou as questões forem muito difíceis, os alunos, ao contrário do que desejamos, não terão estímulo para a leitura.

O vocabulário também merece atenção especial. Há livros didáticos que trazem um glossário junto ao texto apresentado, mas mesmo quando existe essa facilidade, os alunos não costumam aproveitar, não associam as palavras listadas àquelas apresentadas na leitura.

Cabe ao professor fazer esse link também. Uma forma de trabalhar o vocabulário é solicitar aos alunos o significado de palavras mais fáceis, já conhecidas, que estejam próximas, no mesmo parágrafo, ou frase onde haja outras palavras mais difíceis. Depois, podemos pedir aos alunos que sublinhem as palavras cujo significado eles desconhecem e estimulá-los a pensar sobre um possível significado para elas. Precisamos ensiná-los a fazer suposições sobre os possíveis significados das palavras difíceis, a partir de outras palavras já conhecidas na frase.

Após essa etapa, os alunos devem ser orientados a buscar o significado das palavras desconhecidas no dicionário. Devemos evitar uma indicação direta de uso do dicionário em um primeiro momento. Somente após fazer suposições, de pensar sobre um possível significado, os alunos serão capazes de identificar no dicionário o melhor sentido para a palavra naquele texto e contexto.

Podemos ainda trabalhar com os alunos a observação das palavras na frase, como estão organizadas e a que classe elas pertencem, o que também facilita sua compreensão. Há outros recursos como a identificação do uso de palavras de referência como pronomes e também nexos que devem ser ensinados aos alunos. Assim, eles poderão entender as intenções do autor na escolha das palavras e como as ideias do texto estão relacionadas.

Para finalizar, podemos propor uma questão que faça os alunos pensarem sobre o que leram. Pode ser uma pergunta que relacione a leitura à experiência pessoal dos alunos ou que peça a opinião deles sobre o assunto. O importante é fazê-los expressarem o que pensam e estimulá-los a desenvolver sua capacidade crítica.

Tenho insistido no uso de técnicas para o desenvolvimento da leitura entre meus alunos porque acredito que esse é um caminho para que eles de fato consigam compreender o que leem. Assim, a leitura torna-se ferramenta para a busca de informação, para os estudos em geral.

Mas, muito mais do que isso, espero despertar nas crianças e jovens o gosto pela leitura, o desenvolvimento da imaginação, a capacidade de interpretação para que compreendam melhor a vida e a si mesmos. A leitura humaniza, liberta e sensibiliza.

Referências

- BROSE, Elizabeth R. Z. ; FERREIRA, Ana Paula C. S.. Leitura e literatura: teoria e prática. Goiânia: Ed. da UCG, 2009.
PERISSÉ, Gabriel. Elogio da leitura. Barueri: Manole, 2005, 158p.
SCARCELLA, Robin C.; OXFORD, Rebecca L. The tapestry of language learning: the individual in the communicative classroom. Boston: Heinle & Heinle Publishers, 1992.

Baú de Histórias: Era uma vez... Incentivo à leitura nas Escolas Infantis Conveniadas

Anelise Tolotti Dias Nardino

Bacharel em Biblioteconomia | Especialista em Gestão Educacional
Bibliotecária na SMED Centralizada

Ângela Maria Peñaloza

Licenciada em Desenho e Plástica | Especialista em Psicopedagogia
Professora da RME em atuação na biblioteca da SMED Centralizada

Maria Cláudia Bombassaro

Graduada em Pedagogia | Mestre em Educação | Professora da RME
Coordenadora de Formação na Educação Infantil da SMED Centralizada

Marta Beatriz da Rosa

Graduada em Pedagogia | Especialista em Educação Pré-escolar
Especialista em Psicopedagogia
Professora da RME em atuação na biblioteca da SMED Centralizada

Neiva Alves de Siqueira

Licenciada em Filosofia | Especialista em Educação de Superdotados
Professora da RME em atuação na biblioteca da SMED Centralizada

Renata de Souza Borges

Bacharel em Biblioteconomia
Especialista em Rio Grande do Sul História, Memória e Patrimônio
Bibliotecária na SMED Centralizada

A HISTÓRIA DO BAÚ

O município de Porto Alegre, no âmbito do compromisso com a Educação Infantil, conta atualmente com 41 escolas municipais de educação infantil (EMEI's) e 216 escolas de educação infantil conveniadas, cujas atividades pedagógicas são acompanhadas pela equipe técnica da Secretaria de Educação.

As escolas infantis conveniadas à Prefeitura de Porto Alegre (PMPA) são mantidas por associações comunitárias de caráter assistencial e sem fins lucrativos. Estão localizadas, em sua grande maioria, nas periferias e atendem crianças da comunidade. Atualmente, são atendidas por volta de 16.000 crianças de 0 a 5 anos de idade.

A Secretária de Educação, Cleci Maria Jurach, buscando ampliar a abrangência das políticas de leitura da Rede Municipal de Ensino (RME), solicitou em março de 2013, que a biblioteca da SMED realizasse um projeto de incentivo à leitura específico para as escolas de educação infantil conveniadas, para ser implementado juntamente com o Nível de Educação Infantil.



Justifica-se o nome “Baú de Histórias”, pois os livros chegaram à biblioteca em 4 caixas em formato de baús, contendo aproximadamente 120 livros infantis em cada. Também pela associação de que objetos guardados em baús são preciosos, mágicos e que devem ser zelados, assim como os livros que consideramos bens de valores imensuráveis. Além disso, o objeto baú produz narrativas de mistério, provocando a imaginação. “Era uma vez” porque a maioria das histórias infantis começam com a frase: era uma vez...

O projeto foi idealizado com a meta de atingir todas as escolas infantis conveniadas, numa proposta de itinerância com previsão de permanência por 15 dias em cada escola, tendo também indicação de empréstimo dos livros à família.

Os objetivos principais do Baú são: despertar nas crianças o gosto pela leitura e encanto pelos livros; oportunizar acesso ao acervo de literatura infantil; facilitar a um maior número de crianças e famílias a interação com o livro de forma lúdica e prazerosa; e estimular o imaginário das crianças através da apresentação de uma variedade de títulos e formatos, com obras de qualidade.

O Projeto foi lançado no dia 28 de maio de 2013. A Instituição de Educação Infantil ACOMPAN II, no Bairro Sarandi, na Zona Norte de Porto Alegre, foi a primeira escola a recebê-lo. Os demais baús foram entregues nas escolas “Seis Moranguinhos”, na Zona Leste; “Tio Zé”, na Zona Oeste e “Renovar da Esperança II”, na Zona Sul. Os baús, em itinerância, percorrem escolas que, a partir do recebimento dos mesmos, realizaram projetos internos para o uso dos livros em contação de histórias, leitura com as famílias e outras ações de estímulo e incentivo à leitura.

A LEITURA E O BAÚ

Suporte mais tradicional da palavra escrita, o objeto livro nem sempre está presente no ambiente familiar. A escola, neste caso, é a porta que permite à criança acesso ao universo da literatura. Brose e Fichtner (2009, p. 27) dizem que

O espaço físico da sala de aula pode ser recriado como um esconderijo misterioso, onde as pessoas se agrupam e se protegem dos monstros. Logo, a experiência da sala de aula é recriada e transporta o grupo a um lugar imaginado, onde os escritores oferecem seus livros – entendidos como cofres internos – para serem lidos e evocarem as imagens e as palavras da infância de cada um.

O “Baú de Histórias: Era uma vez...” oportuniza às escolas o acesso a livros de qualidade, ricamente ilustrados, com títulos da literatura nacional e estrangeira. Muitos desses títulos possuem extensão que permite a prática da leitura socializada, cujas temáticas podem também servir de apoio a projetos desenvolvidos pela escola.

Utilizando o espaço da sala de aula, os educadores têm o desafio de despertar nas crianças o gosto pela leitura e o encanto pelos livros. A leitura socializada, conforme Baldi (2009), é a modalidade de leitura em que a professora lê aos alunos uma determinada obra, em capítulos diários. Essa leitura procura

[...] garantir um momento diário na rotina escolar e “viagem ao mundo da ficção”, criando um outro universo com o qual e no qual o grupo (alunos e professora, juntos) estará interagindo por um determinado tempo, um espaço de cumplicidade e imaginação (BALDI, 2009, p. 24).

Além da leitura socializada, é importante que os alunos possam ter oportunidades diárias de “ler” e interagir com seus livros preferidos, sem maiores compromissos. A possibilidade desse manuseio livre também permite, segundo Baldi (2009, p. 21) “[...] uma aproximação e uma exploração muito individuais, de forma que cada um vai também fazendo suas próprias descobertas”.

Segundo Lois (2010, p.77) a leitura é essencial para nossa capacidade de comunicação e

[...] relacionar-se com a leitura é relacionar-se com a palavra. E a palavra é nosso veículo no mundo. Quanto mais nos aproximamos da palavra, mais nos aproximamos dos nossos desejos e dos desejos dos outros.

Facilitar a um maior número de crianças e famílias a interação com o livro de forma lúdica e prazerosa é um dos objetivos do projeto que se espera alcançar através do empréstimo domiciliar. Roscoe (2012, p. 8) considera que

[...] dos três aos 6 anos de idade os livros, para crianças familiarizadas com a literatura e habituadas a eles e aos rituais de partilhar histórias, tornam-se fonte inesgotável de alegria, fazem parte das brincadeiras e figuram entre os objetos queridos.

O projeto, desta forma, espera inserir o objeto livro no cotidiano das famílias, tornando-o instrumento de interação que proporcione momentos de convivência e troca de afeto.

Tendo o livro como gerador de descobertas é possível estimular o imaginário das crianças através da apresentação de uma variedade de títulos e formatos. Segundo Roscoe (2012, p. 8)

[...] os bebês de zero a 3 anos de idade aguçam a imaginação, o reconhecimento de símbolos e as próprias relações com o mundo dispo de todos os seus sentidos e, por isso mesmo, o tato, a visão, o olfato, a gustação e a audição são fundamentais. Eles passam de “leitores” passivos, estimulados basicamente pela audição, a “leitores” ativos. A leitura sensorial faz toda a diferença!

Por esse motivo, os baús apresentam livros com temas de interesse dessa faixa etária, como animais, cores e formas. Os formatos são diferenciados, próprios para manuseio dos pequenos. Confeccionados com materiais resistentes e seguros, apresentam diferentes texturas que estimulam os sentidos das crianças.

Seja na sala de aula ou em casa com as famílias, oportunizar o acesso ao acervo de literatura infantil é um dos grandes objetivos do projeto. Baldi (2009, p.8) afirma que é preciso alimentar a imaginação das crianças e sintetiza a proposta dessa iniciativa:

[...] compartilhar leituras e oferecer [aos alunos] experiências de fruição para que descubram os encantos da literatura como uma forma de arte que possibilita conhecerem melhor a si mesmos, ao mundo e aos que os cercam, para que se tornem pessoas mais sensíveis, mais críticas, mais criativas.

A CONSTRUÇÃO DOS BAÚS

A equipe da biblioteca da SMED se envolveu sobremaneira para que os baús pudessem chegar até as escolas, oferecendo encanto e magia. Estes foram ricamente decorados e os livros cuidadosamente selecionados e identificados.

Para a decoração foi preferida uma cartela de cores e imagens que apresentassem uma afinidade com o universo infantil, com uma temática alegre. As técnicas utilizadas para a pintura e decoração foram simples, porém variadas, como tinta acrílica, estêncil ou colagem.

Para a organização do acervo dos baús foram feitas listagens onde constavam dados dos livros como título, editora e autoria. Sendo o empréstimo domiciliar um dos pilares do projeto, as listas auxiliam nesse controle, além de permitirem que a escola que está recebendo o baú tenha pleno conhecimento do material que está chegando para ser trabalhado.

Ao término da itinerância dos baús entre as escolas conveniadas, estes retornam à biblioteca da SMED para que sejam novamente revisados e organizados. Livros faltantes são substituídos, novas listagens são elaboradas, dando início a uma nova itinerância.

ERA UMA VEZ UM BAÚ DE HISTÓRIAS

Os baús estão alcançando seus objetivos e proporcionando momentos de leitura prazerosa entre os alunos das escolas infantis conveniadas. Os relatos dos coordenadores, que já receberam a visita dos baús e a expectativa dos que ainda o esperam, indicam o potencial dessa iniciativa.

O projeto passa por avaliações constantes e, quando necessário, são realizados pequenos ajustes. Isso se deve ao fato de que alguns pontos primordiais, como o formato de baú, o modelo de “capelinha” e a parceria entre os setores da Biblioteca e da Educação Infantil estão funcionando adequadamente.

Os baús têm despertado nas escolas a necessidade de criação de momentos de leitura. A escola que confeccionou seu próprio baú após ter participado de uma rodada do projeto, é um exemplo de como a inserção do livro na rotina das crianças pode criar uma demanda pelo acesso cada vez maior ao livro e às possibilidades que ele proporciona.

Referências

- BALDI, Elizabeth. Leituras nas séries iniciais: uma proposta para formação de leitores de literatura. Porto Alegre: Projeto, 2009.
- BROSE, Elizabeth R. Z.; FICHTNER, Marília Papaléo. Metodologia do ensino de literatura: do olhar adulto ao olhar infantil. Goiânia: Ed. da UCG, 2009.
- LOIS, Lena. Teoria e prática da formação do leitor: leitura e literatura na sala de aula. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- ROSCOE, Alessandra Pontes. Guia de leitura para bebês e pré-leitores: Uniduniler. Porto Alegre: CORAG, 2012.

EXPEDIENTE

Prefeitura de Porto Alegre

Secretaria Municipal de Educação

Rua dos Andradas, 680 | Centro Histórico

CEP 90020-004 - Porto Alegre | Rio Grande do Sul | Brasil

Revista Eletrônica Conhecer

Telefone: (51) 3289.1840

Conselho Editorial

Célia Trevisan Teixeira

Giane Zacher

Salete Campos de Moraes

Silvio Capaverde

Revisão

Célia Maria Trevisan Teixeira

Salete Campos de Moraes

Arte e Diagramação

Rosane Dias González

Fotografias

Acervo das escolas

CIP – DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO – BRASIL

SMED CONHECER: Revista Eletrônica. – v. 1, n. 1, (2011-). – Porto Alegre : Prefeitura de Porto Alegre ; Secretaria de Educação, 2011-.

Irregular (2011-).

Descrição baseada em: n. 4, dez 2014.

Disponível na versão *online* em:

<http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/conhecer/>

ISSN 2316-4204

1. Incentivo à leitura. 2. Políticas públicas. 3. Rede Municipal de Ensino. 4. Porto Alegre.

Catalogação elaborada pela Biblioteca da Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre/SMED

Smed {CONHECER}

Revista eletrônica nº 4
Dezembro 2014

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO



**PREFEITURA
PORTO
ALEGRE**